ALEXANDRE MEDEIROS
CHIE HIROSE
ENIO STAROSKY
JEAN LAUAND
JOÃO SÉRGIO LAUAND
SYLVIO R. G. HORTA
NADIA WACILA HANANIA VIANNA

ESTUDOS KEIRSEYIANOS NO CEMOROC - VOL. 2

ORGANIZAÇÃO:
ENIO STAROSKY & JEAN LAUAND

CEMOROC – COLÉGIO LUTERANO SÃO PAULO – CENTRO DE ESTUDOS JÚLIO VERNE

EM PREPARAÇÃO DO 90º ANIVERSÁRIO DO CLSP E CELEBRANDO OS 50 ANOS DO CEJV

2022

EDIÇÕES
CEMOrOc

Organização

Enio Starosky & Jean Lauand

Alexandre Medeiros
Chie Hirose
Enio Starosky
Jean Lauand
João Sérgio Lauand
Nadia Wacila Hanania Vianna

Estudos Keirseyianos no Cemoroc – vol. II

Cemoroc – ColégioLuterano São Paulo –

Centro de Estudos Júlio Verne

(em preparação do 90º aniversário do COLUSP e celebrando os 50 anos do CEJV)

2022

Copyright © 2022 dos autores
Todos os direitos reservados.

1a. edição 2022

Conselho Editorial dos livros do Cemoroc

Diretores:
Jean Lauand (Feusp)
Paulo Ferreira da Cunha (Univ. do Porto)
Sylvio R. G. Horta (FFLCH-USP)

Membros:
Aida Hanania (FFLCH-USP)
Chie Hirose (Pós-Doutora Feusp)
Enric Mallorquí-Ruscalleda (Indiana University-Purdue University Indianapolis)
Gabriel Perissé (Pós-Doutor Unicamp)
Lydia H. Rodriguez (Indiana Univ. of Pennsylvania)
María de la Concepción P. Valverde (FFLCH-USP)
Maria de Lourdes Ramos da Silva (Feusp)
Nádia Wacila H. Vianna (Fea-USP)
Pedro G. Ghirardi (FFLCH-USP)
Pere Villalba (Univ. Autònoma de Barcelona)
Roberto C. G. Castro (Pós-Doutor Feusp)
Rui Josgrilberg (Dr. Univ. Strasbourg)
Sílvia M. Gasparian Colello (Feusp)
Terezinha Oliveira (Uem)
Vitor Chaves de Souza (Umesp)

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira de Livro, SP, Brasil).

Starosky, Enio; Lauand, Jean (Org.)
Estudos Keirseyianos no Cemoroc – volume 2; São Paulo: Cemoroc, 2022

ISBN 978-65-00-34648-0

1. Psicologia 2. Religião 3. Educação I. Título CDD- 100 Psicologia e Filosofia

Todos os direitos desta edição reservados ao CEMOROC
http://www2.fe.usp.br/%7Ecemoroc/

SUMÁRIO

Apresentação **05**

Os "Átomos" F/T; S/N e J/P de David Keirsey (e preferências religiosas)
Enio Starosky, Jean Lauand **07**

Extroversão/Introversão (E/I) na tipologia de Keirsey – o básico dos I(/E) revisitado (também no âmbito da religião)
Jean Lauand, Enio Starosky, ...**19**

A expressividade do brasileiro (fatores E, S, F e P no ESFP)
Jean Lauand.....**29**

As diferentes formas de liderar
João Sérgio Lauand **55**

Keirsey, tradicionalismo religioso e educação - a *prudentia*
Chie Hirose, Enio Starosky **59**

Tipos Psicológicos & Educação: Teoria dos Temperamentos a partir do diálogo entre David Keirsey e Neil deGrasse Tyson
Alexandre Medeiros **69**

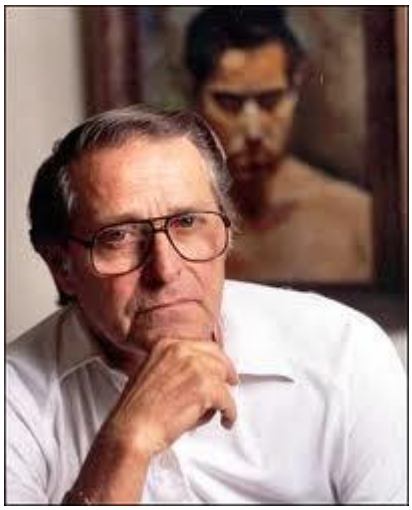
Keirsey: temperamento e comportamento de crianças na escola
Nadia Wacila Hanania Vianna **79**

Apresentação

Como parte das celebrações dos 25 anos das revistas do Cemoroc e seus 300 volumes publicados, que se cumprem em 2022, publicamos este volume II de "Estudos Keirseyianos no Cemoroc", que recolhe alguns estudos de nossos pesquisadores sobre um dos principais campos de pesquisa do Centro: a teoria dos temperamentos e tipos psicológicos de David Keirsey. Ao todo, em nossas revistas, são já perto de 50 artigos sobre o tema.

A teoria kerseyiana é uma constante no Cemoroc, a ela dedicamos tematicamente nosso Seminário Internacional de 2021: "XXII Seminário Internacional Filosofia e Educação – Keirsey, Identidade e Escola". Nesse evento, ocorreu uma Mesa Redonda " 'Átomos' de Keirsey: E/I; S/N; F/T; J/P", da qual participaram os organizadores deste livro, que decidiram escrever um par de capítulos sobre esse tema fundamental, além de reunir artigos de outros autores, do acervo do Cemoroc. Esses artigos já publicados foram mantidos em sua forma original (por vezes, com ligeiras alterações), simplesmente atualizando o mini-currículo dos autores.

A celebração dos 25 anos das publicações do Cemoroc dá-se em uma feliz coincidência com a proximidade de aniversários redondos de duas instituições de ensino, também elas fortemente marcadas pelos estudos keirseyianos: o Colégio Luterano São Paulo (que celebra seus 90 anos em 2023) e o Centro de Estudos Júlio Verne, que acaba de completar seus 50 anos (2021).



https://en.wikipedia.org/wiki/David_Keirsey

Ocorre que os diretores desses destacados colégios são dois de nossos mais fecundos pesquisadores: Enio Starosky, do Luterano, defendeu em 2020, seu brilhante doutorado na Umesp: "David Keirsey e a religião: a tipologia na compreensão de perfis religiosos", já publicado como livro, e Alexandre Medeiros, do Júlio Verne, está realizando um notável pós-doutorado na Feusp sobre Keirsey: "Tipos e estereótipos: uma análise keirseyiana da escola, seu quotidiano e seus problemas (a partir de filmes, séries, tv & Cia.)".

O presente volume contempla principalmente os fatores “átomos”, as quatro possíveis oposições básicas de preferências que, na teoria de Keirsey constituirão as 4 combinações de temperamentos (“moléculas): SP, SJ, NF e NT, o núcleo da concepção keirseyiana, e também os 16 tipos mais específicos que decorrem das combinações dos 4 pares de “átomos”. Procuramos oferecer uma compreensão concreta desses fundamentos “atômicos”, sobretudo nos dois capítulos iniciais de autoria de Starosky-Lauand. A seguir, Jean Lauand, mostra os fatores E, S, F, e P, presentes no ESFP, “tipo” do brasileiro. Os demais artigos deste livro oferecem análises desses fatores ou de suas combinações em diversas instâncias.

Nossos autores são Chie Hirose, que concluiu seu pós-doutorado na Feusp em 2019, sobre os fatores T e J de Keirsey, objeto de seu artigo; João Sérgio Lauand – que fez na Feusp um pioneiro doutorado em 2011: “Personagens ficcionais, tipos de David Keirsey e a Educação – um estudo da sitcom ‘Everybody Loves Raymond’”; e Nadia Wacila Hanania Vianna, que também fez seu pós doutorado em Keirsey na Feusp.

Assim, neste volume, após os estudos dos organizadores sobre os “átomos” fundamentais de Keirsey (S/N; F/T; J/P – e E/I); João Sérgio Lauand nos brinda com considerações sobre como cada um dos 4 temperamentos keirseyianos exerce a liderança e Hirose-Starosky contemplam a clássica virtude da prudência a partir da oposição dos fatores J e P. Alexandre Medeiros estuda o caso de um famoso ENTP. O livro se fecha com o artigo de Nadia Vianna: “Keirsey: temperamento e comportamento de crianças na escola”.

Jean Lauand

(p./ orgs.)

Os "Átomos" F/T; S/N e J/P de David Keirsey (e preferências religiosas)[1]

Enio Starosky[2]
Jean Lauand[3]

Resumo: Os tipos psicológicos de David Keirsey baseiam-se em 4 pares de preferências. Neste capítulo, apresentamos os 3 pares mais essenciais de opostos na teoria de Keirsey F/T, S/N, e J/P, com especial atenção a sua presença no âmbito da religião. O 4º. par E/I (extroversão/introversão) será contemplado no capítulo seguinte.
Palavras Chave: David Keirsey. fatores básicos. oposições F/T. S/N e J/P. preferências religiosas.

Abstract: The psychological types of David Keirsey are based on 4 pairs of preferences. In the next chapter we will analyze E/I (estraversion/introversion); in this chapter we discuss F/T, S/N and J/P, and their presence in the realm of religion and in churches.
Keywords: David Keirsey. basics. opositions F/T, S/N and J/P. religious preferences.

1. As preferências: F x T

As preferências F/T, referem-se à instalação na vida (percepção, relacionamento, decisões etc.) a partir de uma perspectiva "pessoal" (**F** de *feeling*), valorizando as emoções, os sentimentos, a consideração das circunstâncias da pessoa, em contraposição a uma preferência **T** (de *thinking*), que valoriza a "objetividade" das coisas, a abordagem fria e impessoal, o que racionalmente deve ser feito. No limite, a oposição entre: o calor do coração e a frieza da razão.

Essa diferença é muito bem registrada no filme *The Iron Lady*, no qual Meryl Streep interpreta Margareth Thatcher, a dama de ferro, a dama T.

Já aposentada e fragilizada pela idade, o médico lhe pergunta como se *sente* e ela revela seu modo de ser T:

> "How do you feel?"
> "Don't ask me how I feel. Ask me what I think. People don't think any more, they feel. One of the greatest problems of our age is that we are governed by people who care more about feelings than they do about thoughts and ideas. Now, thoughts and ideas, that's what interests me. (...) and I think I am fine".

Um caso emblemático desse fator F do brasileiro é uma das mais surpreendentes e encantadoras singularidades nossas: o Brasil é o único país do mundo que mudou a palavra "lepra", carregada de estigmas, para "hanseníase". Há na linguagem até um depreciativo moral associado à lepra, "lazarento", significando entre

---

[1]. Este estudo tem suas raízes em debate dos autores em Mesa Redonda: "'Átomos' de Keirsey: E/I; S/N; F/T; J/P" no "XXII Seminário Internacional Cemoroc Filosofia e Educação - Keirsey, Identidade e Escola", setembro – 2021. Nesse evento, os autores se dispuseram a produzir artigos para facilitar a compreensão desses fatores básicos na teoria de David Keirsey. Daí que nos tenhamos permitido recolher longos trechos de outros estudos dos autores (sobretudo de "A tipologia de David Keirsey e preferências religiosas". *Revista Internacional d'Humanitats* - n. 38 – 2016): para compor um material que seja também compendial e didático.

[2]. Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Diretor do Colégio Luterano São Paulo.

[3]. Prof. Titular Sênior da FEUSP. Prof. Colaborador do Colégio Luterano São Paulo.

idiota e sacana: “Quem foi o lazarento que postou a mensagem contando o final do filme?”.

> O Brasil é o único país do mundo que fez a mudança de nome de lepra para hanseníase, em 1976. A medida veio com o objetivo de diminuir o estigma milenar associado à doença. Em sua experiência no consultório, a dermatologista e professora da Faculdade de Medicina da UFRJ Maria Leide de Oliveira ressalta que muitas pessoas enxergam a doença como uma praga divina - a lepra é a doença mais citada na Bíblia. (Câmara Notícias, 2012 http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/SAUDE/419449-BRASIL-E-O-UNICO-PAIS-DO-MUNDO-A-USAR-O-NOME-HANSENIASE.html)

É a sensibilidade, o cuidado para com a pessoa que levou a linguagem F brasileira a alterar para AIDS a sigla de outra estigmatizadora doença: a Síndrome da ImunoDeficiência Adquirida (“SIDA”), para evitar o constrangimento de inúmeras brasileiras de apelido Cida...

No caso da lepra, a citada Dra. Maria Leide de Oliveira aponta as disfunções da ternura eufemística brasileira:

> Ela avalia que a mudança de nome não foi acompanhada por suficientes campanhas de esclarecimento. “Lepra é aquela doença que não tinha cura, terrível, todas as pessoas ficavam com deformidades, altamente contagiosa. Hanseníase não, hanseníase é uma doença simples, não precisa se preocupar, tem tratamento e cura, então talvez a gente tenha banalizado muito a hanseníase”, avalia a médica. Para Maria Leide, é preciso chegar a um equilíbrio: não gerar pânico sobre a doença e ao mesmo tempo destacar que é preciso estar atento, pois existe o risco de adoecer. (Câmara Notícias, 2012 http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/SAUDE/419449-BRASIL-E-O-UNICO-PAIS-DO-MUNDO-A-USAR-O-NOME-HANSENIASE.html)

Evidentemente para a vida e para o convívio social em geral são necessárias as duas posturas (embora cada um seja tentado a achar que melhor seria a exclusividade de sua preferência...).

O delicado problema do equilíbrio entre os dois polos é lançado já no século XIII por Tomás de Aquino: sim, a justiça é a coluna vertebral que sustenta a sociedade, mas a fria justiça T necessita do contraponto F da misericórdia: “Iustitia sine misericordia crudelitas est; misericordia sine iustitia, dissolutio” (Cat. Aur. in Mt, cp5 lc 5): “a justiça sem misericórdia é crueldade; a misericórdia sem justiça é dissolução”.

As diferenças entre as preferências F e T na religião tornam-se imediatamente claras quando cotejamos as figuras de Bento XVI e do Papa Francisco.

Se o acentuado fator T de Thatcher a levou a ser apelidada de “Iron Lady”, pela mesma característica Joseph Ratzinger o foi de “Cardeal Panzer”, “Rotweiller de Deus” ou “*Cardinal No* (Cardeal Não)”. Não é de estranhar que sua preocupação maior fosse com a integridade doutrinal, a “verdade católica”, missão que desempenhou por vinte e quatro anos como Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé (sucessora do “Santo Ofício” e da Inquisição).

Se Bento XVI manifestava o fator T, Francisco (já na escolha do próprio nome) insiste no fator F, é o papa da compreensão e da bondade, da misericórdia – e neste Ano da Misericórdia abriu muitas possibilidades nesse sentido –, mas que sabe ser duro e intransigente no combate à corrupção e às disfunções da Cúria Romana, como quando lançou seu mote de reforma: "mais profecia e menos burocracia".

Para os F como para os T, como em muitos outros temas, há na Bíblia citações para todos os gostos, do Deus que é amor ao Senhor dos Exércitos. O Pastor Silas Malafaia, interpelado sobre homofobia – se os gays vão para o inferno etc., respondeu à reporter com sua natural agressividade: "Deixa eu falar uma coisa que você não sabe: A Bíblia que fala que Deus ama é a mesma Bíblia que diz que Deus vai botar o homem no inferno" (https://www.youtube.com/watch?v=-pwXJCotDCU).

Sempre de modo resumido, consideraremos a distinção *S*/*N*. *S* vem de *sensible*, o realista, pés no chão, para quem os fatos são fatos; enquanto a preferência *N* mais do que em fatos liga-se às possibilidades, metáforas e futuros que neles se contêm. Para o par *S*/*N* (e também para o J/P) na religião, apoiar-nos-emos em Goldsmith (1997).

2. A espiritualidade e sua complexidade

Antes de analisar o par *S*/*N* no contexto específico da teoria keirseyiana dos temperamentos, faremos uma breve introdução sobre a complexidade do que chamamos "espiritualidade". Embora apresente crescente interesse em pesquisas científicas na atualidade, o tema "espiritualidade" continua sendo um assunto complexo. Muitos cursos, seminários e workshops sobre espiritualidade tem grande popularidade em círculos religiosos, sobretudo entre pessoas em posições de liderança nas igrejas. É fato que, de modo geral, cristãos têm o desejo de sempre aprender mais e, com razão, dizemos que quando falamos em espiritualidade, somos todos aprendizes.

Isso é particularmente verdadeiro porque a espiritualidade abrange uma área mais ampla da vida humana que normalmente se imagina. Concordamos com Schleiermacher que afirmava que a espiritualidade é um "jeito humano de ser", do seu desejo de se relacionar com a Totalidade (com o Todo); a busca por algo que amenize a ânsia. Experiências espirituais nos permitem permanecer no temor na medida em que nos tornamos conscientes de que há algo (ou Alguém) acima de nós mesmos; permitem deleitar nossos sentidos na medida em que admiramos algo belo como a arte, a música, a flores ou uma paisagem; e permitem sermos animados na medida em que experimentamos amor e perdão e sentimos afiançada a nossa própria existência. Independentemente do que acreditamos, o modo como expressamos nossa espiritualidade pode assumir formas muito diferentes. Encontrar o caminho espiritual mais próximo do nosso jeito de ser a fim de enriquecer nosso propósito e significado de vida é essencial para experimentar plenamente nossos dons mais profundos.

Para analisar os *S*/*N* partirmos do pressuposto de que o modo como as pessoas percebem o mundo e se relacionam com ele pode afetar diretamente o seu entendimento sobre a fé e a vida religiosa. Atualmente casas de retiro são vistas como excelentes recursos para renovar a vida religiosa. É provável que isso tem algo que ver com a perda geral da confiança na secularização. É verdade que muitos não voltam para as igrejas, mas já não estão mais assumindo que o pensamento lógico e científico eliminou a necessidade do lado espiritual da vida. De um modo geral (passado o apego à filosofia da "morte" de Deus), as pessoas aceitam novamente uma abertura para a dimensão mística ou espiritual da vida. No entanto, muitas pessoas também não assumem automaticamente que as igrejas são os lugares onde podem encontrar essa

dimensão. O que se tem visto é o surgimento de grupos religiosos “radicais” e grupos “alternativos” que oferecem às pessoas um caminho para novos entendimentos de sua experiência cotidiana de alegria e sofrimento, de angústia e busca de sentido.

O psicoterapeuta suíço Carl Jung costumava dizer que nunca teve um único paciente cujo problema não era, em última análise, religioso. Com isso ele queria dizer que qualquer pessoa criada na sociedade europeia, ainda que seus pontos de vista religiosos fossem bem diversos, consciente ou inconscientemente, tinha que encarar questões morais, religiosas ou espirituais. Algumas pessoas são capazes de lidar bem com essas questões e estabelecem com facilidade um sistema de crenças (ortodoxo ou não). Outras, por uma enorme variedade de motivos, reprimem este sistema no inconsciente. Mas, ainda que momentaneamente adormecidos, em algum momento da vida emergirão.

Mas qual é a natureza dessa busca espiritual? A que se destina? Como se dá esse processo? Como as pessoas fazem suas escolhas dentro de um vasto leque de opções disponíveis? E por que há tantas? É surpreendente que, com tantas pessoas investindo tempo em oração e contemplação, o caminho ainda esteja tão escondido por trás de tantas práticas diferentes (e frequentemente com enormes contradições).

Práticas religiosas existem para todos os gostos e o cardápio é quase imensurável. Contudo, é curioso observar que nas próprias denominações há uma grande diversidade de formas de as pessoas entenderem um texto bíblico, uma oração, a adoração, a conversa sobre fé e o testemunho. Em todas há a expectativa de experimentar a presença de Deus, mas sempre na esperança de que seja *do seu jeito*. Compreender que tipo de abordagem as pessoas fazem ao se defrontarem com sua espiritualidade e entender tais diferenças é fundamental para a presente investigação e possibilitará o planejamento de futuras análises acadêmicas mais abrangentes bem como intervenções práticas.

Para muitas pessoas, a busca espiritual é comparada a uma viagem interior. É a exploração de um mistério em que descobrem quem realmente são. E esta descoberta só tem lugar nas suas vidas quando se abrem à realidade e ao mistério de Deus. É uma busca profundamente pessoal e privada. Outras, porém, descobrem a realidade sobre Deus – e provavelmente sobre si mesmas – à medida em que se envolvem com outras pessoas. Refletindo sobre as experiências e eventos do mundo descobrem seu próprio sentido e significado. O que as sustenta na jornada espiritual é mais um envolvimento com o mundo do que uma fuga dele.

Algumas pessoas necessitam uma base racional para sua peregrinação. Como suspeitam das emoções e estão sempre alertas à possibilidade de ficarem rodeadas por muita “religião”, desejam *pensar* enquanto abordam questões de fé. Reconhecem que não serão capazes de atingir Deus apenas através da inteligência, mas também não admitem estar satisfeitas com uma fé que exige que deixem o intelecto de lado e não questionem nada. Outras pessoas requerem *sentir* e experimentar, sobretudo, um relacionamento de aceitação com “aquilo que está acima delas”. Encontram encorajamento no relacionamento com as outras pessoas. A ênfase é procurar estar acima da própria busca individual por sentido e significado, e provavelmente são mais movidos por um apelo do coração do que por um apelo da razão.

Outra área onde há diferenças no modo como as pessoas se aproximam da sua espiritualidade é no uso e entendimento dos símbolos e do estímulo visual. Algumas pessoas são ajudadas significativamente na sua vida religiosa por meio da música, por cores e texturas, enquanto outras acham isso nem um pouco relevante. Umas gostam de incenso enquanto outras podem ser repelidas por ele. Umas gostam de meditar por longas horas, talvez se utilizando de uma vela para manter a atenção, enquanto outras podem achar isso uma tolice. Nenhuma abordagem é certa ou errada. São apenas

diferentes. Muito diferentes, aliás. Assim como algumas pessoas podem manter contato com Deus através da música, outras simplesmente o fazem observando a semeadura de uma semente, cheirando uma madeira serrada, ou simplesmente no relacionamento afetuoso com seus amigos.

Fato é que a falta de compreensão de "por que funcionamos como funcionamos?", e "por que somos tão diferentes?", é fator de grande perda para a espiritualidade em geral. A grande maioria dos religiosos não está preparada para perceber o valor dessas distinções e a falta do auto-conhecimento tem destruído o trabalho de muitos. Entender por que somos tão diferentes é entender que somos resultados de genética, construção familiar, social, religiosa. Ortega y Gasset aponta para a essencialidade do *eu* na sua conhecida afirmação: "*Yo soy yo y mi circunstancia"*. Se antes de mais nada, eu sou *eu*; a circunstância, também faz com que o eu o seja. Daí a relevância do estudo dos temperamentos (que, afinal, regulam também o "lado" circunstância do eu).

3. As preferências: *S* x *N*

Analisemos agora estes diferentes aspectos de abordagem da espiritualidade à luz da tipologia keirseyiana nos tipos *S* e *N*.

Estima-se que cerca de três quartos (ou um pouco mais) da população são pessoas cuja preferência é *S* (***S****ensible*). Ou seja, 75% ou 80% das pessoas é *S* e apenas 25% ou 20% é *N* (*iN**N**tuitions)*. Mas, o que se tem visto nos círculos religiosos, sobretudo, nos círculos das igrejas, é uma presença muito maior de tipos psicológicos com preferência *N*. Então, se os *S* são maioria na população em geral e não o são nos círculos participativos das Igrejas isto apresenta à igreja um "problema" bastante interessante. Se as igrejas atraem mais *N* do que *S*, isso provavelmente significa que quando pessoas cuja preferência *S* vão para as igrejas, encontrarão um padrão de espiritualidade mais direcionado para o tipo *N*. Este fato foi comentado em um livro interessante de Bruce Duncan chamado *Pray Your Way (Ore do Seu Jeito*). Ele citou um artigo do *The Daily Telegraph* que acusa os líderes de igrejas de subestimarem a importância de traduzir os grandes mistérios religiosos em conceitos que meros mortais possam compreender. A maioria dos líderes religiosos, diz Duncan, são *N* e a minoria, *S. Os* símbolos religiosos dos *N* são conceituais, abstratos e filosóficos. Não gostam de simplificar conceitos complexos da teologia e seus mistérios. E não apenas não gostam para si mesmos, como também não apreciam que seja feita qualquer simplificação para aqueles a quem lideram e influenciam. Os líderes *N* acham que os próprios *S* precisam fazer essa leitura para a simplicidade e para os fatos.

Quais são as principais características dos *S*?

Keirsey (1984, p. 16 e ss.) distingue a preferência S (de *Sensible*, c. 80% da população), que quer fatos, liga-se aos fatos, confia nos fatos, recorda-se dos fatos. É a preferência de quem crê na experiência e conhece por meio da experiência (a história como mestra), tanto pessoal como coletiva. Os pés no chão. Já a preferência N (de *iNtuition*), foca no futuro, nas possibilidades.

Recordemos que o S (de *sensible*) não significa "sensível", mas realista, *realistão*, pés no chão, a pessoa que "se liga" mais nos fatos em si, pés no chão, arroz e feijão, o sentido comum; enquanto para o N, os fatos convidam para uma interpretação mais ampla, para o abstrato, para as possibilidades, para o futuro. Seja para a estruturação lógica, tecnológica, científica (NT) ou para o significado humano (NF), para além dos fatos (entrando já um pouco nos temperamentos).

Vamos aos exemplos, um tanto caricatos. Para as crianças, a avó dividiu uma barra de chocolate entre dois netinhos. Um deles reclamou: "- Ô vó, a metade dele é

maior". E o priminho N (NT), que não era parte interessada naquela partilha, reagiu mostrando seu precoce rigor lógico: "- Se são metades, são iguais. Em todo caso, a *parte* dele é maior, mas metades são sempre iguais".

Outro priminho, acentuadamente N (NF) ao ouvir a canção infantil da época: "Criança feliz, feliz a cantar, alegre a embalar seu sonho infantil / Ó meu bom Jesus, que a todos conduz, olhai as crianças do nosso Brasil", indagou: "- Por que só do Brasil? Jesus não olha as crianças de outros países? Todas as crianças não têm os mesmos direitos?"

Outro exemplo caricato. Começa a chover. O NT talvez considere que não dominamos totalmente a meteorologia e fique se indagando quais são os fatores, as variáveis que intervêm nos fenômenos climáticos e fique concentrado em imaginar as equações que poderiam dar conta desse fenômeno e, também talvez, as possibilidades de aplicação de resultados para a agricultura etc.. O NF pode mergulhar em considerações nostálgicas sobre a infância distante ou em amores perdidos ou ficar pensando no caráter ambivalente da chuva – um bem para a humanidade, mas ao mesmo tempo um estorvo – e tomar a chuva como uma metáfora para os relacionamentos humanos... O SP, com um forte lado lúdico, pode se sentir convidado a brincar na chuva. E o SJ, com seu sentido de dever, é quem vai tirar a roupa do varal.

Enquanto os S preferem uma linguagem direta, concreta e denotativa, os N sentem-se mais à vontade expressando-se por metáforas; especialmente os NF (não esqueçamos que F é de feeling: sentimento) apreciam metáforas para expressar os sentimentos humanos; habitam o simbólico não os fatos. O próprio DK (1988, p. 120) exemplifica com a poeta Emily Dickinson:

> **Exultação é ir-se a alma**
> Do interior para o mar,
> Passando casas – promontórios
> – Até a vasta Eternidade –
> Como nós, dentre montanhas,
> Pode o marujo entender
> A divina embriaguez
> Que é o desligar-se da terra
> Pela primeira vez?
> (http://www.emilycecilia.com.br/fontes_new/poemas_ed_traduzidos_lucia.htm)

Tudo isto é *nonsense* do ponto de vista S, fator de realismo dos fatos. Vejamos o olhar NF da poeta Adélia Prado (1991 p.199), para algo extremamente material, a pedra:

> De vez em quando Deus me tira a poesia
> Olho pedra e vejo pedra mesmo.

Já para os S é difícil compreender que só "por exceção" a pedra seja pedra… Jean Anouilh joga com a oposição S x N na peça "A Cotovia". Nela, a jovem Joana D'Arc, que Keirsey apresenta como protótipo dos INFP – o idealista entre os idealistas (1990, p. 201), naturalmente o tipo mais apropriado para experiências místicas – ouve vozes que a convocam a salvar a França. Seu pai, na peça radicalmente S, reage espancando-a e proferindo a sentença que se tornou proverbial na oposição S x N:

> Sauver la France? Sauver la France? Et qui gardera mes vaches pendant ce temps-là?

A mesma "complicação" N, em torno de uma prosaica pedra, dá-se no famoso poema de Drummond. Ou com a pedra de Sartre. De repente, como no início do romance *A náusea*, olhamos uma pedra (e é a milionésima vez que vemos uma pedra e esta nada tem de especial) e, sem saber o porquê, ela é princípio de um processo de abalo existencial que beira os 9 pontos Richter. É o que se dá na vida do personagem Antoine Roquentin:

> Sábado, uns garotos estavam a atirar pedrinhas ao mar para as fazer saltar de ricochete, e pretendia tirar uma como eles. Nesse momento detive-me, deixei cair a pedra e fui-me embora. Devia ir com uns ares de transviado, com certeza, porque os garotos desataram a rir quando voltei as costas. Isto, quanto ao exterior. O que se passou em mim não deixou traços claros. Havia qualquer coisa que vi e que me repugnou, mas já não sei se estava a olhar para o mar ou para a pedra. A pedra era chata; dum lado estava inteiramente seca, úmida e enlodada do outro. Tinha-a agarrado pelas beiras, com os dedos muito afastados, para não me sujar. (SARTRE, 2005 s/p).

Também no terreno espiritual, os *S* estão sempre preocupados com o que está acontecendo hoje, aqui e agora; não gostam ou estão pouco preocupados com planos vagos e generalizações sobre o futuro. Apreciam a espiritualidade do "já" (*jetzt)* – uma teologia da experiência. Se o cristianismo é para ser relevante, então tem que ser relevante já, agora, nas circunstâncias cotidianas e ser prático. Em essência, a abordagem dos *S* para a espiritualidade é simples. Dizem: "Corte todas as complexidades, não me confunda com palavras e ideias abstratas, apenas me deixe conhecer tudo de maneira simples". Certamente, argumentam eles, Deus está perto e é amor, por isso o importante é redescobrir a verdade simples que permite apreciar essa proximidade e amor e buscar o que é essencialmente simples, não o que é complexo e está fora do alcance.

Para um *S* existem muitas coisas que, ordinariamente, podem abrir a mente para Deus. Um dia de verão, a beleza dos formatos das nuvens, a delicadeza de uma flor, o cheiro de uma grama recém cortada, os sons dos passarinhos ou a batida das ondas na praia. Uma espiritualidade de preferência *S*, provavelmente começará assim uma oração – mesmo depois que uma terrível tempestade tenha acabado completamente com a sua plantação: "Nós te agradecemos, ó Deus, porque quase nunca nos mandas um temporal como este"! Para os *S* tudo o que está relacionado aos sentidos pode ser uma lembrança de Deus!

Outro aspecto de relevância na espiritualidade de um *S* está ligado a seu corpo. A atenção ao corpo e à respiração tem lugar especial na espiritualidade dos *S*. Respirar fundo, ficar quieto e conscientizar-se de corpo da ponta dos dedos das mãos até a ponta dos pés, é exemplo disso. E achará muito bom tirar os sapatos, dar uma volta e sentir o chão debaixo dos pés. Mas um exercício assim – que é puro deleite para um *S* – será, talvez, difícil, chato e sem sentido para um *N*.

É significativo lembrar que a igreja cristã ao longo de séculos, sobretudo a igreja católica (sem qualquer conhecimento da teoria keirseyiana dos temperamentos), revelou extraordinária capacidade de aplicação da psicologia pastoral ao capturar os sentidos dos *S* encantando-os com a oferta do que mais lhes atrai: as cinzas da Quarta-Feira de Cinzas, as velas, a hóstia e o vinho, os paramentos e vestimentas sacerdotais,

o vermelho forte do Sagrado Coração, a Virgem vestida de azul e branco, o aroma do incenso, o cheiro do azeite e o bálsamo sacramental, o gosto do peixe na Sexta-Feira Santa, o som do sublime canto gregoriano, o genuflexório e o fúnebre *Dies Irae*.

Com relação à leitura do texto bíblico também se pode fazer várias observações quanto ao que agrada a preferência *S*. Gostam mais de prestar atenção a detalhes específicos e de trabalhar sistematicamente um livro em particular ou um determinado Evangelho. Segundo Goldsmith, alguns estudiosos dizem que – embora ele próprio tenha reservas com relação a esse ponto em particular – os *S* frequentemente são mais atraídos pelo Evangelho de Marcos que pelos outros Evangelhos devido a forma como foi escrito – bastante conciso, específico e em ordem. O que é certo é que, de fato, a maioria dos *S* quer que as coisas sejam claras, descomplicadas e "fincadas" factualmente na realidade. Isso não sugere que não sejam capazes de lidar com a complexidade, nem sugere que sejam menos inteligentes. Longe disso. Apenas que, ainda que utilizem imaginação, a preferência é pelos *sentidos*; e que suas características principais são imediação, simplicidade e relevância.

Passemos agora para os principais aspectos da espiritualidade dos *N (iNtuitives).* Como já afirmamos**,** pessoas cuja preferência é por *N*, tendem a ser orientadas para o futuro – provavelmente mais inclinados a uma teologia da esperança. Procuram olhar para as possibilidades e viver em um mundo ainda não explorado. Estão sempre procurando novidades e esperam por situações melhores. Essas preferências são formativas também na vida espiritual. Formam e moldam a sua abordagem para a adoração e a oração bem como para o pensamento geral sobre Deus e o mundo. Estão mais preocupadas com o "grande quadro da existência". Nutrem especial apreço por descrever uma cosmovisão (*Weltanschauung),* uma mundividência, um quadro do mundo inteiro *(Weltbild).* Estão menos preocupadas com detalhes e podem se entediar rapidamente com repetições, práticas, minúcias e com as circunstâncias presentes. São magneticamente atraídas por uma teologia ou espiritualidade do "*ainda não*" (*noch nicht*), por um reino ainda não instaurado, mas que, no futuro, manifestará as características de Deus – a justiça, a paz, a harmonia e a re-união das diversas partes, ora caóticas, da criação. Buscam participar do universo. Têm visão transcendente de Deus e gostam de abrir a mente para novas possibilidades. Para os *N*, Deus é tão misterioso e maravilhoso que usar palavras para descrevê-lo significa negar seus atributos divinos ou, pelo menos, limitar o que ele é, porque as palavras não conseguem lhe dar real significado.

Os *N*, portanto, procuram *transformar* o mundo e por isso raramente estão satisfeitos. Tendem a estar sempre à procura por "melhores" maneiras de explorar o que significa ser um discípulo. Estão sempre insatisfeitos com sua vida espiritual; o que pode ser desafiador e cativante, mas também, por vezes, irritante por causa da constante necessidade de querer desafiar e mudar tudo. Muitos líderes religiosos estão o tempo todo se perguntando como podem consertar o mundo.

Os *N* gostam de pensar em muitas coisas ao mesmo tempo e suas orações tendem a perder foco. Quando um *N* para para orar e começa a pensar sobre o conteúdo da oração, muitas possibilidades lhe vem à cabeça e reluta em seguir uma delas. E, como não gosta de rotina, é improvável que estabeleça um padrão. Os *N* gostam de falar sobre o futuro e, como são insaciavelmente curiosos, tendem a querer responder questões a respeito de tudo. Pouquíssimas coisas têm valor em si mesmo e quase tudo pode conduzir a outras possibilidades. Sentem que há risco de falhar ao agir, por isso estão mais interessados em pensar em alternativas e possibilidades! Isto é particularmente verdadeiro para aqueles *N* que também são *P*. O próprio Jung alertou para o risco que os *N* – especialmente os extrovertidos – precisam encarar quando

escreveu que se trata de um tipo psicológico que gasta a vida toda em coisas e em pessoas, mas que ele mesmo, no fim, sai vazio.

Os *N* também são suscetíveis a orar por generalizações mais do que por particularidades e quando focam uma particularidade é para, muito rapidamente, torná-la uma oração mais geral outra vez. Um pedido para orar por uma criança em um hospital, por exemplo, pode conduzi-los a orar por todas as crianças nos hospitais, por todas as crianças que passam necessidade, por todas que passam perigo..., e então se torna uma oração pela paz mundial que vislumbra uma sociedade perfeita na qual todos viverão sem medo, sem dor e sem sofrimento.

Pessoas com preferência *N* estão inclinadas a acreditar que ler a Bíblia, ainda que considerem isso importante, é apenas um ponto de partida para refletir sobre um leque enorme de outras questões. Não é tanto a narrativa bíblica que importa, pois acreditam que Deus pode usar uma passagem da Bíblia para trazer outras coisas à mente. No louvor em público, os *N* podem complementar as leituras bíblicas com outras leituras que podem até suplantar a Escritura.

Outra importante distinção a ser feita nos tipos *N* é que podem ser NT ou NF. Os *NT* (INTP, INTJ, ENTP e ENTJ) estão inclinados a achar que a sua vida devocional será melhorada pelo questionamento teológico e, por isso, procuram desenvolver uma espiritualidade que recorre à razão como base do pensamento e da reflexão. Os *NF* (INFP, INFJ, ENFP e ENFJ), porém, gostam de uma espiritualidade que envolve e valoriza a pessoa inteira. Os *N* frequentemente têm períodos alternados de entusiasmo e repouso e o mesmo acontece com a espiritualidade deles. Podem ter períodos de intenso *insight*, devoção e atividade, seguidos de períodos de calmaria e silêncio que também, por sua vez, podem ser bem variáveis. Aprendem a não ficar excessivamente preocupados nos períodos em que produzem pouco. Como qualquer pessoa, obviamente, um *N* pode se tornar autoindulgente, inconstante ou simplesmente "difícil"! Pode haver ocasiões em que não dê atenção suficiente para as coisas importantes da vida e, consequentemente, achar que o seu desenvolvimento espiritual sofre. Claro que isso acontece não porque é um *N*, mas porque é humano! Entretanto, é bem provável que essa característica seja mais intensa em pessoas com esse tipo psicológico.

Os *N* Extrovertidos tendem a estar preocupados com as possíveis transformações do mundo; desejam fazer mudanças consideráveis no ambiente externo, sempre procurando novas possibilidades no mundo das ideias. Estão sempre procurando outras formas de entender e cooperar com Deus. Os *N* Introvertidos, por outro lado, podem ter menos preocupação em fazer mudanças "lá fora"; estão mais interessados em revisar a maneira de observar as coisas e procurar novos ângulos para entender a vida. A oração do *N* Introvertido pode ser muito profunda e pessoas que dominaram esta forma de oração são frequentemente respeitadas como escritores e mestres espirituais. Os *N* vivem em um mundo provisório, cheio de possibilidades excitantes e tendem a ver as coisas em grande escala. A salvação do mundo lhes é mais atrativa do que a salvação de uma única alma. Para os *N* o Evangelho de João é mais atrativo porque é rico em imaginário e simbolismo. É bastante difícil encontrar hinos que claramente trazem uma abordagem *N*. Porém, embora raros, registramos este, citado por Goldsmith, que se destaca:

> I danced in the morning when the world was begun
> And I danced in the moon and the stars and the sun.
> And I came down from heaven and I danced on the
> earth;
> At Bethlehem I had my birth.

Dance then, wherever you may be;
I am the Lord of the Dance, said he,
And I II lead you all, wherever you may be.
And I II lead you all in the dance, said he.
They cut me down and I leap up high;
I am the life thatll never, never die;
I'll live in you ifyou'll live in me
I am the Lord of the Dance, said he.
Dance then ...
(Apud GOLDSMITH, 1997, p. 67)

E o credo de um *N* pode ser semelhante a este:

Cremos em Deus,
cujo amor é fonte de toda a vida
e o desejo de nossas vidas.
Cujo amor teve uma face humana
em Jesus de Nazaré.
Cujo amor foi crucificado pelo mal
que se escraviza por todos nós
e cujo amor, derrotando até a morte,
é a nossa promessa gloriosa de liberdade.
Portanto, ainda que algumas vezes estejamos amedrontados
e cheios de dúvida,
em Deus confiamos;
e em nome de Jesus Cristo, nós nos comprometemos:
a servir amorosamente aos outros,
a procurar a justiça
e a viver em paz,
para cuidar da terra e compartilhar
o bem comum da bondade de Deus,
para viver na liberdade de Deus,
no poder do espírito do amor,
na companhia da fé
e então sermos igreja.
Para a Glória de Deus. Amém.
(in GOLDSMITH, 1997, p. 69 – tradução livre)

Para um *N*, um credo assim pode ser bem mais agradável que o credo tradicional. Algumas pessoas reagirão a isto com entusiasmo e se abrirão a novas ideias e possibilidades, outras reagirão preocupadas e questionarão sobre qual o valor de uma descrição assim.

Goldsmith afirma que tem estudado profundamente os perfis do tipo psicológico *S* e *N* porque julga o tema importantíssimo para as igrejas na atualidade. Sobretudo porque que a maioria dos líderes das igrejas provavelmente seja *N* e a maioria das pessoas em geral provavelmente seja *S*. E especialmente porque, talvez, de modo geral, muito do debate contemporâneo e das controvérsias teológicas, na verdade, não é propriamente sobre teologia, mas tem mais relação com o modo como as pessoas encaram a vida; com o que, a princípio, é absolutamente insuspeito: os temperamentos. (GOLDSMITH, 1997, p. 70).

O incidente relatado no evangelho de Marcos 4:35-41 é, talvez, um bom exemplo disso. Jesus está dormindo num barco e uma tempestade assusta os discípulos que estão com Ele. Segundo Goldsmith trata-se de um cenário bastante claro para um *S*. O texto é direto e conta fatos. Um *S* facilmente "vê" a cena e se identifica com ela. Jesus reprime a tempestade de maneira miraculosa e isso é sinal concreto do seu poder e divindade. Já para um *N*, é muito difícil considerar esse incidente isoladamente, sem fazer deduções amplas e gerais. Um *N* imagina que o episódio deve ser parte de um todo e precisa ser visto a partir de um contexto mais amplo. Imediatamente lembra que, no mundo antigo, com frequência, a água representava o caos, e então conclui que esta história, simbolicamente, conta que Jesus é capaz de reprimir as forças do caos. E é aí, pensa, que essa história ganha sentido e importância.

Embora ambos (tanto os *S* e como os *N*) vejam o milagre e entendam que a história é sobre o poder de Deus manifesto em Jesus, ainda assim podem lidar de maneira bem diferente com o mesmo texto e conduzir seus argumentos para lados distintos e até mesmo opostos, podendo gerar conflitos, discórdias e divisões dentro da igreja. Um *S* poderia ser acusado de simplismo e literalismo e um *N*, de negar a verdade da Escritura.

6. As preferências: J x P

Neste caso, nem vale a pena indicar os significados das abreviações *J* e *P*, que poderiam desorientar o leitor. Baste-nos resumir dizendo que a preferência *J* é por situações bem ordenadas, com tempo, prazos, procedimentos, lugar etc. determinados; enquanto o *P* prefere situações abertas, com possibilidade de improviso e *easygoing*.

Para o par *J/P* na religião, também apoiar-nos-emos em Goldsmith.

Analisemos agora também – ainda que muito brevemente – os principais aspectos da espiritualidade dos tipos *P e J*. A primeira e mais importante consideração a fazer sobre os tipos psicológicos *P* e *J* é que é bastante difícil perceber quais são suas preferências. Não se pode afirmar dos *P* e dos *J* o que se afirma dos demais tipos. Os tipos *T* e *F*, por exemplo, são em si mesmos *processos de julgamento* e todo mundo tem uma preferência por um ou por outro; as preferências *S* e *N* são *processos de percepção* e todo mundo tem uma preferência por um ou por outro. Porém, a respeito dos tipos psicológicos *P* e *J* é possível fazer apenas uma ou duas observações gerais.

Pessoas com preferência *P* são capazes de lidar bem com situações abertas e se abrem a diferentes caminhos; tentam rotas diferentes e podem conviver satisfatoriamente bem com uma considerável quantidade de ambiguidades. Uma das principais características desse temperamento é o gosto pela liberdade de ação. Por isso, pessoas com esse temperamento, são hábeis em situações de crise, que exigem ação improvisada. Os desdobramentos para a espiritualidade destas pessoas são muitos. Para este brevíssimo estudo basta inferir que as pessoas do tipo *P* desenvolvem sua espiritualidade voltada ao espírito ecumênico e ao acolhimento pacífico de novos e diferentes dogmas e se adaptam com agilidade às polifonias e polissemias da linguagem religiosa.

Os tipos psicológicos com preferência *J*, diferentemente dos *P*, são pessoas que gostam das coisas "certinhas"; buscam a estabilidade, tanto dentro da organização quanto fora dela, tendo uma imagem de responsabilidade social, institucional e familiar; não gostam de viver na ambiguidade. São atraídas para formas mais "definidas" na espiritualidade e tendem a estar menos abertas a explorar coisas novas. Uma característica bem presente nas pessoas *J* é que quando encontram uma igreja apropriada, tendem a desenvolver grande lealdade e relutam fazer qualquer mudança. Quando feitas, as mudanças são bem pensadas e ordeiras. O risco para uma pessoa do

tipo *J* é ser mais suscetível a cair numa pista falsa e seguir um padrão de espiritualidade menos ajustado a ela, pois, já que não gosta de ambiguidades, deseja escolher rapidamente e depois seguir em frente mantendo a estabilidade. Essa característica tem sido sugerida, porém, afirma Goldsmith, não há evidências que a confirmem. (GOLDSMITH, 1997, p. 81)

A espiritualidade – como também em boa medida os demais âmbitos da vida humana – sofre da tentação de achar que melhor seria a exclusividade do seu jeito de ser, pensar, dizer e fazer as coisas; e de torcer o nariz para tudo o que não é o *seu* modo de ver as coisas. Por isso entendemos que a teoria keirseyiana dos temperamentos pode ser um poderoso instrumento para iluminar o delicado problema do equilíbrio entre os diferentes tipos psicológicos, também para o campo religioso – e quem sabe um extraordinário recurso, particularmente para os líderes para lembrá-los que *in medio virtus* – onde o desejo mais profundo é o de compreensão… Como bem sintetizou DK: "*Please, understand me*"!

Referências bibliográficas

Goldsmith, Malcolm *Knowing me, knowing God*, Nashville: Abingdon Press, 1997.

Keirsey, David. *Please Understand me II – Temperament, Character, Intelligence*. Del Mar: Prometheus Nemesis, 1988.

Keirsey, David & Bates, Marilyn. *Please Understand me*. 4th ed., Del Mar: Prometheus Nemesis, 1984

KEIRSEY, David & Bates, Marilyn. *Por favor, Comprendéme*. Del Mar: Prometheus Nemesis, 1990

Lauand, J. Sérgio *Personagens ficcionais, tipos de David Keirsey e a Educação* São Paulo: Factash-Cemoroc, 2014.

PRADO, Adélia *Poesia Reunida*, São Paulo, Siciliano, 1991.

SARTRE, J.-P., **A Náusea**: Lisboa, Europa-América, 2005 Acesso em 05-08-11 http://pt.scribd.com/doc/7165292/Jean-Paul-Sartre-Nausea

Extroversão/Introversão (E/I) na tipologia de Keirsey – o básico dos I(/E) revisitado (também no âmbito da religião)[4]

Jean Lauand[5]
Enio Starosky[6]

Resumo: Os tipos psicológicos de David Keirsey baseiam-se em 4 pares de preferências, uma das quais é E/I (Extroversão/Introversão). O artigo discute o significado de E e I, a dominância da Extroversão na sociedade (ocidental) e as consequências disso para os I, suas preferências e estilo, com especial atenção ao âmbito da religião e das igrejas.
Palavras Chave: David Keirsey. fatores básicos. Introversão. extroversão. preferências religiosas.

Abstract: The psychological types of David Keirsey are based on 4 pairs of preferences: one of them is E/I (Extraversion/Introversion). The article discusses the meaning of E and I, the prevalence of extraversion in (western) cultures and its consequences for I persons and their preferences, particularly in the realm of religion and in churches.
Keywords: David Keirsey. basics. extraversion. introversion. religious preferences.

1. Introdução - As preferências E x I em David Keirsey

Como se sabe, o psicólogo norteamericano David Keirsey (1921-2013), a partir de agora abreviado por DK) propôs – fundamentalmente em duas de suas obras – *Please Understand Me I* (1984) e *II* (1988) – uma importante tipologia de temperamentos, fundamentada em preferências em torno de quatro pares de fatores, um dos quais é E/I (Extroversão/Introversão), que nos interessa tematicamente aqui.

Também neste ponto DK dá importante contribuição pessoal em relação à tipologia de Jung e à de Myers-Briggs. Para DK, o par E/I é o menos importante dentre os 4 pares que estabelece e nem mesmo integra a composição de sua principal inovação: os quatro temperamentos (SP-*artisan*, SJ-*guardian*, NF-*idealist* e NT-*rational*), que se definem em função dos outros 3 pares de oposições, estes sim verdadeiramente essenciais (S/N, F/T, J/P).

O próprio Keirsey (1988, pp. 331-332) resume suas posições sobre E/I. Primeiramente, afirmando a especificidade de suas concepções em contraste com Jung e Myers-Briggs:

---

[4]. Este estudo tem suas raízes em debate dos autores em Mesa Redonda: "'Átomos' de Keirsey: E/I; S/N; F/T; J/P" no "XXII Seminário Internacional Cemoroc Filosofia e Educação - Keirsey, Identidade e Escola", setembro – 2021. Nesse evento, os autores se dispuseram a produzir artigos para facilitar a compreensão desses fatores básicos na teoria de David Keirsey. Daí que nos tenhamos permitido a retomada de outros estudos dos autores (em algumas longas citações de artigos nossos): para compor um material que seja também compendial e didático.

[5]. Prof. Titular Sênior da FEUSP. Prof. Colaborador do Colégio Luterano São Paulo.

[6]. Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Diretor do Colégio Luterano São Paulo.

Extraversion or Introversion

> While Jung considered the distinction between extraversion (E) and introversion (I) as the most important of his dimensions of personality, I think of it as least useful in understanding people and predicting what they'll do. Indeed, in my view it borders on the trivial compared to S-N, and is much less useful than T-F and J-P. Presumably extreme extraverts and extreme introverts are easy to spot, and that may be the reason the Jungians and therefore the Myersians consider the concept to be so important.
>
> Important or not, Myers's E-I scale is badly flawed because she inherited Jung's error of confusing extraversion with observation (S) and introversion with introspection (N). And so to make the E-I distinction useful at all, we must define the two concepts, not in terms of mental focus or interest, but in terms of social address or social attitude. Thus when someone is observed to be talkative and sociable (the so-called "extravert") he or she can be described as "expressive." In contrast, people who are more quiet and private (the so-called "introverts") can be described as "reserved." Interestingly, because Reserved persons tend to hold their fire verbally, they tend to listen carefully to what others say, while Expressive persons tend not to listen very well, so eager are they to tell others of what they have on their minds. So in general, the Expressive are quick to speak and slow to listen, while the Reserved are quick to listen and slow to speak.
>
> Of course, everyone is expressive in some degree, but not in the same degree. Those who are more expressive appear more comfortable around groups of people than they are when alone. Thus they can also be thought of as socially gregarious or outgoing. On the other hand, those who are more reserved seem to be more comfortable when alone than when in a crowd. And thus they can be thought of as socially seclusive or retiring. Remember, however, that these distinctions are not clear cut: each individual surely varies from time to time in his or her desire to be expressive and in company or reserved and in seclusion.

Em seguida, apresenta uma metáfora esclarecedora – a de recarregar as baterias – sobre como ele caracteriza E/I:

> A metaphor might shed light on this difference. Imagine that a person's energy is powered by batteries. Given this, then Expressive persons (ESTPs, ENFJs, etc.) appear to be energized, charged up, by contact with other people. Owing to the surge they get when in company, they are quick to approach others, even strangers, and talk to them, finding this an easy and pleasant thing to do, and something they don't want to do without. Such interaction apparently charges their batteries and makes them feel alive. Thus, when they leave a lively party at two o'clock in the morning, they might well be ready to go on to another one. Their batteries are almost overcharged, having received so much stimulation from the social interaction. In fact, quiet and seclusion actually exhaust Expressive persons, and they report feelings of loneliness (or power drain) when not in contact with others. For example, if an Expressive person goes to a library to do research in the stacks, he or she may, after fifteen minutes or so, feel bored and tired,

> and have to exercise strong will-power to keep from taking a short brain break and striking up a conversation with the librarian.
> On the other hand, Reserved persons (ISFJs, INTJs, etc.) can be said to draw energy from a different source. They prefer to pursue solitary activities, working quietly alone with their favored project or hobby, however simple or complicated it may be, and such isolated activities are what seem to charge their batteries. Indeed, Reserved persons can remain only so long in contact with others before their energies are depleted. If required by their job, family, or social responsibilities to be expressive or outgoing – to make a great interpersonal effort – they are soon exhausted and need alone time in quiet places to rest and to restore their depleted energy. Thus, if Reserved persons go to a noisy cocktail party, after a short period of time – say, half an hour – they are ready to go home. For them, the party is over, their batteries are drained. This is not to say that Reserved persons do not like to be around people. They enjoy socializing with others, but at large social gatherings or professional meetings they tend to seek out a quiet corner where they can chat with one or two other persons.

E DK finaliza seu resumo, destacando um ponto essencial para a vida social: a prevalência da Extroversão na vida social, em detrimento dos introvertidos:

> There is some social bias toward expressiveness in American social life, but Reserved persons have no reason to feel that there is anything wrong with them, and should be sure to provide adequately for their legitimate desire for quiet time to themselves.

A propósito, Keirsey (1984, p. 16) recorda o caso daquela senhora que protestou: "*My daughter is **not** an introvert. She is a lovely girl!*". Evidentemente, não se trata só de uma dominância dos E na sociedade americana; no Brasil, dá-se o mesmo, talvez até mais intensamente... Nesse sentido, um dos autores (JL, acentuadamente I), publicou em 2004 "Vigência e Educação – a ditadura da extroversão", no qual jocosamente – com a linguagem de um indignado manifesto – descrevia a dramática situação dos I. A expressão "ditadura da extroversão", diga-se de passagem, veio a ganhar notoriedade e tornar-se relativamente frequente.

2. A ditadura da extroversão

Sendo um dos objetivos deste artigo a divulgação elucidativa e didática do significado dos átomos E/I de DK, seja-nos permitido, a partir do próximo parágrafo e até o fim deste tópico, reproduzir – com ligeiras alterações – longos trechos do artigo de Lauand (2004) (pela ampla variedade de situações concretas que apresenta), tendo em conta que ele se apoia no conceito orteguiano de "*vigencia*", modos de agir e de comportamento que a sociedade (implicitamente) como que nos impõe.

Dentre as minorias discriminadas, excluídas ou mesmo perseguidas, há uma que parece ser a mais indefesa: a dos introvertidos, a daqueles que são literalmente *intro-versos*, isto é, voltados a seu próprio interior (e não ao exterior, à exposição social, ao *environment*, à multidão...).

É fato evidente (pelo menos para os introvertidos que o sofrem na pele diariamente...) que nossa sociedade endossa as atitudes de extroversão, de "sociabilidade" e não aprecia os valores da introversão. (...)

Certamente, não se trata de uma perseguição proativa ou planejada (e nem mesmo consciente...), mas de uma discriminação que vai se exercendo, de modo natural e espontâneo, por meio da institucionalização de critérios e formas de relacionamento pautadas quase que exclusivamente pelos padrões dos **E**, sem que os próprios atingidos tenham clara consciência da existência de quão injustas são as limitações que os afligem. Ao contrário das crescentes restrições impostas em todo o mundo à minoria dos fumantes, não se trata aqui, como é óbvio, de restrições legais: não está proibido ou taxado ser **I**, nem o ministério da saúde adverte contra os males da introversão. (...)

E numa sociedade em que as vigências são determinadas pelos **E** - a ditadura da extroversão - os **I** sofrem. Certamente, há diversidade de graus – a ditadura assume formas distintas, digamos, no Rio de Janeiro ou em Curitiba; na Espanha ou em Portugal –, mas as vigências sempre são dos **E**.

Pense-se, por exemplo, na tortura que são para o **I** as vigências que regulam as festas e reuniões, em sua existência, faixa de duração, grau de exposição social etc.

Existência. O **I** se pergunta: onde é que está escrito que deva haver, por exemplo, (ao menos no formato vigente) festas de formatura?! (E as há não só para a conclusão de curso superior, mas também para ensino médio e fundamental e, mais recentemente, até de prezinho!!). Por mais que se esforce, o **I** não consegue encontrar um único argumento racional que justifique a existência dessas festas (em todo caso, que durassem no máximo meia hora), com os sacrifícios que ela costuma trazer consigo: não só a dificuldade de deslocar-se, estacionar, passar horas aguentando intermináveis discursos e as breguices dos mestres de cerimônia contratados, as brincadeirinhas tolas dos formandos... Tudo isto para depois entrar na fila da felicitação e no final da cerimônia, ir comer uma pizza com a família do novo graduado etc. Mas é a vigência. Vigência que vige e obriga a arrumar uma boa desculpa – se queremos preservar a amizade – caso se queira escapar.

Vigência que se fortalece e se estende impondo o comparecimento a celebrações de parentes não tão próximos e mesmo a meros conhecidos. Em vão o **I** tentará defender sua fobia diante da pressão da autoridade do cônjuge, ou dos pais (ou filhos...) etc.; autoridade avalizada pela vigência.

O quadro se mostra mais grave quando lembramos o dado de Keirsey: **I** costuma casar com **E**... E se o **I** for criança, é muito frequente que tenha pai e mãe **E**... É oportuno registrar, desde já, que o **I** não tem nada contra as festas ou reuniões em si, tomadas de modo puramente abstrato: se os **E** gostam dessas reuniões, que as organizem e façam bom proveito... (...).

Infelizmente, quanto mais o **I** tenta subtrair-se às exposições sociais, mais aumenta o empenho dos **E** que o amam (?) em enquadrá-lo nos padrões "normais". É até mesmo um desafio: se levar um **E** numa reunião vale, digamos, de 1 a 5 pontos; conseguir a presença do **I** vale 100 pontos (daí a razão adicional para o hermetismo da introversão: ceder às pressões de um convite é abrir um perigoso precedente: "Você foi ao aniversário de Fulano e no meu você diz que vai ver se pode...!!"). Compreende-se, assim, também o interesse adicional da obsessão dos **E** pelos **I** e o nível radical das recusas dos I.

Para conseguir a presença dos **I**, autêntico troféu, os **E** valem-se de todos os tipos de pressão, sem excluir a chantagem emocional: "Você odeia os parentes", "Você tem vergonha de aparecer comigo", "Todo lugar em que eu vou, eu vou sozinha (/o), pareço viúva (/o; orfã/o)", etc. Chega uma hora em que se vence pelo cansaço e as novas cobranças e queixas serão, num próximo momento, em relação ao fraco "desempenho social" ("Você parece um urso", "Nem chegamos e você já quer ir

embora", "Só encontrar os parentes, você fica de cara fechada" etc.) e, finalmente, a tentativa de demonstrar exaustivamente para o **I** que a festa foi ótima e obter dele reconhecimento e até gratidão e... uma menor resistência para comparecer na(s) próxima(s)!

O mesmo sofrimento atormenta o **I** no fim do ano: a vigência de ter de externar desejos de boas festas para uma multidão de parentes, colegas, vizinhos e profissionais que saem do anonimato nessa época. Em períodos normais, o **I** defende-se, ou tenta se defender por meio de todo um complexo sistema de "sensores" e "radares" pessoais, que o leva a esquivar-se de cruzar com as multidões (tenha-se em conta que, em alguns casos, duas ou três pessoas – ou até uma só – são, para ele, multidão): ele não se importa por exemplo de chegar ao trabalho antes da massa dos colegas ou de entrar por portas menos frequentadas, tomar o cafezinho mais frio, mas longe da multidão, etc. tudo para subtrair-se à "social", que, para os outros, é fonte de prazer.

Assim, ante a proximidade de um ou mais **E** grudentos, os sensores do **I** indicam-lhe que faça estratégicas mudanças de percurso nos corredores, saídas pela varanda, simulação de conversas intensas com terceiros mais inofensivos (até que passe o perigo dos **E**...), ou mesmo entrar sem razão em uma sala, fingindo, por exemplo, procurar um objeto, só para evitar a rota de colisão com um **E**. Como os **E**, por sua parte, fazem o joguinho complementar (que a língua espanhola expressa por: "*hacerse el encontradizo*"), por vezes o **I** é apanhado e, literalmente encurralado, e aí chega a passar fisicamente mal ante a exposição à descarga de extroversão a que é submetido.

Não que o **I** não se importe com os colegas; talvez até nutra por eles uma solicitude e um afeto mais profundos do que o dos **E**; afeto cultivado no recolhimento de sua personalidade. Mas uma coisa é gostar das pessoas; e outra, muito diferente, é ter de ficar indagando (e sendo indagado...) por assuntos de caráter privado ou que não interessam (ou não deviam interessar) senão à esfera pessoal de cada um. Sua territorialidade. Claro que ele fica contente em saber, digamos, que o colega descansou no carnaval e passou dias maravilhosos na pousada tal; e agradecerá sinceramente a dica de viagem etc. Mas daí a ter de ficar percorrendo todo o álbum de fotos ou respondendo a interrogatório sobre onde ele mesmo passou esses dias (e com quem, saiu fantasiado do quê etc.) há anos luz de distância.

Mas voltemos às festas de fim de ano. Quando chega o fim do ano, a vigência da forma da festa de Natal, obrigá-lo-á a aguentar toda a parentada (de primeiro, segundo e terceiro graus) além de ter de interagir com desconhecidos que passaram a integrar o clã (o marido da prima Fulana, o namorado de Sicrano etc.). Isso para não falar de clãs que se estendem para as colônias do país de origem dos avós, grupos de oração, a turma do jogo de bocha etc.

As vigências de duração. Quinze minutos ou meia hora de permanência numa festa seria o que o **I** naturalmente poderia suportar, mas ele pode se sujeitar a ficar mais tempo porque seria extremamente trabalhoso inventar desculpas e tentar sair antes das duas ou três horas "normais", o mínimo permitido pela vigência... A tentativa de justificar a saída "precoce" poderia até causar penosos dissabores para o **I**: o **E** dono da festa poderia vingar-se denunciando em altas vozes a tentativa de fuga e expondo ainda mais o **I**.

Os exemplos podem multiplicar-se em inúmeras instâncias da vida social. A ditadura da extroversão invadiu a própria Igreja. Um conhecido meu, **I** de carteirinha, confidenciava-me que ele descobriu que o Código de Direito Canônico exige para o casamento religioso simplesmente duas testemunhas. Parece incrível, mas é verdade: para o sacramento do matrimônio, a lei da Igreja exige apenas a presença de duas

testemunhas. E, portanto, a figura do padrinho (/madrinha) de casamento não existe: é uma vigência inventada pelos **E** (para não falar de damas de honra e parafernálias matrimoniais que os sociófilos impõem...). Isso para não mencionar a absoluta prevalência (nesse e em outros eventos) da gravação das fitas de vídeo, que chega a extremos como o de fazer o sacerdote repetir tal rito prescrito pela liturgia, porque a gravação não saiu bem. E uma vez de posse do vídeo, o casal **E** impõe a amigos e parentes a tortura da obrigação de vê-lo e comentá-lo, e em diversas sessões... Por vezes, com requintes de crueldade, como a de dar *replay* em determinada cena ou dar um *pause* para identificar, um por um, os figurantes e relembrar seus distintos comentários...

Os bares e restaurantes são considerados tanto mais *in*, quanto mais multidões se acotovelarem nas mesas (e filas...), os clientes falando em voz altíssima para tentar se fazer ouvir em meio ao ruído ensurdecedor das outras conversas e do barulho ritmado das músicas ou das TVs ligadas no estabelecimento. O **I** simplesmente não compreende que o restaurante possa estar cheio de pessoas contentes com tal aglomeração. Dia desses, não aguentando mais, um **I** encheu-se de coragem e foi ingenuamente perguntando, de mesa em mesa, se os outros frequentadores do restaurante estavam gostando da "música" ambiente: ante a unanimidade afirmativa das primeiras respostas, retirou-se para procurar um dos poucos bares em que ainda se pode verdadeiramente conversar, longe das barulhentas tribos de bárbaros extrovertidos que, por se acharem interessantes, expõem-se, ostentam-se, exibem-se, rompendo tímpanos e limites legalmente permitidos de decibéis.

Talvez o dilema de alguns desses jovens **E** esteja precisamente nisto: a compulsiva necessidade de falar (um falar que não necessariamente deve ser classificado como comunicação), de "agito", de chamar a atenção; junto com a ausência do dizer, a superficialidade da mais absoluta falta de assunto para manter uma conversa com algum conteúdo, que possa minimamente superar os "tipo assim", "com certeza", etc. (...)

Para não falar de pessoas que se sentem como que gravemente ofendidas quando os **I** se atrevem a tomar decisões (decisões pessoais, que, afinal, dizem respeito somente a eles mesmos) sem consultar sua opinião, ou mesmo sem comunicar a elas essas suas decisões. Vir a saber por terceiros, não ser dos primeiros a saber (ou não saber antes) é tido por desconsideração pelos **E**. (...)

Nessa mesma linha de ausência de limites, mediações e normas, para a extroversão invasiva está o caso vivenciado por um querido casal de **I**, que, nestas últimas férias iam jogar boliche num salão com oito pistas. Naturalmente (ambos são **I** em grau extremo), iam no primeiro horário (porque, em geral, nesses começos de tarde, não havia ninguém) e alugavam a pista 8 (a mais escondida). Um dia, estavam tranquilamente jogando, quando chegaram dois ruidosos jovens **E**, que - apesar de todas as outras pistas estarem livres – exigiram a pista 7, que inclusive obrigava ao incômodo de dividirem as bolas com a pista 8... Mas nada importava: os **E** precisavam de público, mesmo que fossem dois discretos **I** (afinal, a única plateia disponível...). Ao notarem a mal disfarçada perplexidade e incômodo dos **I**, comentaram entre si, como que para se justificarem: "É, a pista 7 é a única que não dá pau, é a melhor etc.". O curioso é que, no dia seguinte, a pista 1 estando ocupada por um bando de **E**, nosso casal **I** foi para a sua pista 8. Poucos minutos depois, chegaram os mesmos dois ruidosos **E** da véspera, que, desta vez, foram para a pista 2 (embora todas as outras, inclusive a 7, estivessem livres)! A conclusão é óbvia: o importante não é o jogo nem a pista nem nada; a única coisa que importa é aparecer e ter público...

A mentalidade contemporânea de *reality show* tende a abolir a privacidade, a territorialidade, para sofrimento dos **I**. Invade-se o espaço psicológico e o espaço

físico, embora a Constituição Federal assegure: "São invioláveis a intimidade, a vida privada...".

Não é de estranhar que os **I** encontrem-se muito pouco à vontade nesse quadro, pois não só a imensa maioria – cerca de 75% – das pessoas são **E**[7], como também as vigências e a mídia são dominadas por elas (é inimaginável, por exemplo, um programa de auditório que não seja apresentado por pessoa super-extrovertida, como Sílvio Santos, Hebe, Luciana Gimenez, Gugu, Faustão etc.).

Mas o mais grave é o diferencial que caracteriza essa minoria e que a torna indefesa, muito mais indefesa do que outras minorias discriminadas. A crescente conscientização dos direitos humanos, dos valores da diversidade e da tolerância em nosso tempo tem dado voz e vez aos discriminados e às minorias oprimidas: negros, mulheres, LGBTQIA+ etc. E vemos surgirem ações afirmativas como a política de quotas para negros na universidade ou de mulheres nas candidaturas dos partidos. Muitas minorias organizam-se, protestam e desfilam. No caso dos **I**, porém, a própria ideia de associação (para não falar de passeatas...) está praticamente descartada.

Como seriam as reuniões de uma (improvável) Associação Estadual de Introvertidos (ou mesmo de um grupo de auto-ajuda "Introvertidos Anônimos")? É possível imaginar a Avenida Paulista tomada por manifestantes gritando palavras de ordem: "Introvertido unido jamais será vencido"? Ou: "Introvertidos de todo o mundo, uni-vos".

Como sempre, na luta contra o preconceito e a discriminação o primeiro passo é o da conscientização e este artigo espera poder contribuir nesse sentido. Pois, em si, a introversão não é pior nem melhor do que a extroversão; simplesmente em nossa sociedade as vigências dão um caráter de "normalidade" ao **E**.

Uma instância importante onde se exerce essa normalidade é a da educação. Para além da (o)pressão da educação informal (dominada pelos **E**), pense-se, por exemplo, na escola. Obviamente, a maioria dos professores e educadores são **E** e acabam impondo seus padrões de extroversão a todos os educandos e tentam "corrigir" os **I**, "socializando-os" de modo sutil (que vão desde a arquitetura da escola e da própria disposição das carteiras em salas de aula à exigência de trabalhos e atividades em grupo etc.) ou à força. Porém, na feliz metáfora de Keirsey, ao tirar os dentes do leão, o que se obtém não é um gatinho doméstico, mas um leão desdentado...

Seja como for, é importante que os **I** ganhem consciência de sua situação e lutem por seus valores: até que chegue o dia em que, por exemplo, aos avisos de legislação em elevador (lugar, aliás, propício para que a fobia introvertida dê lugar a surto): "Lei Municipal - Fica vedada qualquer forma de discriminação em virtude de raça, sexo, cor, origem, condição social, idade, porte ou presença de deficiência e doença não contagiosa por contato social no acesso aos elevadores de todos os edifícios públicos municipais ou particulares, comerciais, industriais e residenciais multi-familiares existentes no Município ("Diário Oficial do Município de São Paulo", 17.01.96)", se ajunte: "Respeitem-se especialmente os inalienáveis direitos dos introvertidos, que, por mais que sejam afáveis, não estão obrigados a fazer bilu-bilu para crianças ou cachorros, podendo limitar-se a um cordial "- Bom-dia".

A ditadura começa cedo. Os bebês são continuamente expostos a um indiscriminado festival de observações, festinhas e gracinhas e não podem sequer permanecer passivos: exige-se deles reações "adequadas" (sorrisinhos, beijinhos, grunhidos etc.). Como não questionam as vigências, nem sequer passa pela cabeça dos

---

[7]. Cf. Keirsey, David & Bates, Marilyn *Please Understand me*, 4th ed., Del Mar, Prometheus Nemesis, 1984, p. 16.

pais a ideia de que talvez seu bebê seja temperamentalmente **I** e que, portanto, não é o caso de encher a casa para festejar o aniversário de um aninho com uma multidão de estranhos. Precisamente nessa idade em que a criança começa a "estranhar" os estranhos:

> "Quando a criança faz um ano, surge o medo dos desconhecidos. O psicólogo francês Christophe André explica que 'no momento em que a criança começa a deslocar-se sozinha, por volta de um ano de vida, a mãe relaxa a vigilância e surge o receio de pessoas estranhas ao seu círculo de conhecidos'" ("Ser tímido tem vantagens" *Revista Quo - O Saber Actual*, Lisboa, Hachette Filipacchi, Outubro 2003, p. 97).

O **I** não quer - é muito trabalhoso - ter que dar explicações para o grande público sobre sua vida, preferências etc. Há casos de **I** que não ligam a mínima para a opinião dominante (ele, por exemplo, simplesmente não aceita convites, doa a quem doer; ou simplesmente desaparece e deixa seus telefones todos na caixa postal etc.); enquanto outros, temem tanto a opinião alheia que procuram se adequar aos padrões vigentes só para não ter sua vida devassada por interrogatórios e pedidos de explicação por parte da tirania dos **E** – como dizíamos, há pessoas que chegam a considerar ofensa que os outros tomem suas decisões pessoais sem consultá-los ou ao menos informá-los...

São Paulo, falando das tribulações a que estão expostos os apóstolos, diz: "*spectaculum facti sumus mundo et angelis et hominibus*" (I Cor 4, 9), somos espetáculo para o mundo e para os anjos e para os homens. Um espetáculo no qual os homens têm de enfrentar as feras que são as línguas, a bisbilhotice, a fofoca, a pretensão de controlar a vida alheia; pretensão que constitui aspecto essencial da ditadura da extroversão.

Não por acaso a forma veemente de dizer em inglês "Não enche, deixe-me em paz!" é "*leave me **alone***".

Passemos agora ao par E/I no âmbito da religião. Com considerações recolhidas – com alterações – de (Starosky; Lauand 2016).

3. Nota sobre as preferências E x I e práticas religiosas

Sendo E a preferência da imensa maioria das pessoas (cerca de 80%), os padrões sociais de convivência consolidam essa tendência, dificultando ainda mais as coisas para a minoria I, sobretudo no Brasil, de acentuada vigencia (para usar o clássico conceito de Ortega y Gasset) E: cf. p. ex.: (LAUAND, Jean 2013) e (LAUAND, Jean 2004).

Descendo ao campo do concreto, evidentemente, uma prática religiosa como o tradicional retiro espiritual de alguns dias em silêncio – que evoca os 40 dias de Jesus no deserto – será bem considerada por um sujeito de preferência I e talvez insuportável para um de acentuada preferência E. Reciprocamente, o I terá grandes dificuldades em participar de encontros ou grupos de oração nos quais a proposta é a de abrir (no jargão religioso, "partilhar" ou "dar um testemunho") – ou até escancarar – a intimidade espiritual para o grupo, escancarar emoções, abraçar pessoas que acabou de conhecer, falar em línguas etc.

Em um site de grupo católico de perfil ISTJ (na medida em que é cabível falar assim, com as licenças metodológicas deste artigo de exploração prévia) recolhem-se críticas à RCC (Renovação Carismática Católica) e seu acentuado perfil E e F:

> Chego a pensar que para esses carismáticos a RCC detém uma missão quase revolucionária; destruir as estruturas "antiquadas" e "arqueológicas" da Igreja, criando uma nova cara "moderna" e "jovem"; o triunfo da bateria e da guitarra, a aposentadoria do missal e do órgão, o fim da mística e contemplação, o reino do oba-oba litúrgico. (http://www.veritatis.com.br/conheca-mais/7266-a-polemica-continua-a-rcc-e-certos-leitores. Acesso em 17-3-16.)

As liberdades na liturgia. Eu (JL), como acentuadamente I, sempre sofri com um determinado exagero da *vigencia* E brasileira (associada ao nosso, também transbordante, fator F) nas missas em que tinha que viver uma experiência de transbordamento ESFP tupiniquim.

O católico brasileiro, tipicamente ESFP (passe mais esta antecipação), ficou felicíssimo, depois do Vaticano II, com a introdução na liturgia da missa, pouco depois do Pai Nosso, do convite – "conforme a oportunidade" –, feito pelo sacerdote aos fiéis: "Meus irmãos, saudai-vos uns aos outros em Cristo". *Coeteris paribus*, o católico, digamos, alemão, inglês ou japonês, discretamente fará um pequeno gesto, um aperto de mão ou uma reverência aos 3 ou 4 que o circundam, dirá "a paz de Cristo" e em questão de meio minuto a paz está dada. Agora, em uma missa da qual participei na Bahia, esse "dar a paz" era o ponto alto da cerimônia: cada um procurava cumprimentar efusivamente, com vagar, o maior número possível de irmãos.

Mesmo sendo um visitante ocasional (e, como bom introvertido, sentindo-me deslocado), foram pelo menos 10 minutos em que fui abraçado, beijado (em alguns casos, cheirado...) etc. numa explosão de alegria, que, certamente, para nós brasileiros, é o melhor selo de garantia da paz do Senhor... Há poucos anos, o Papa Francisco confirmou as indicações da Congregação para o Culto Divino que tornam mais sóbrio o "rito da paz": evitando o deslocamento dos fiéis, do próprio sacerdote etc. Para desencanto dos E...

Se os antigos Padres do deserto buscavam a solidão (que até etimologicamente integra a vida monástica, do monge, *monachós*), muito cedo se impôs a condição de vida em comunidade para os monges e, ao longo da história, diversas ordens e congregações religiosas foram surgindo, com modos diversos de realizar a vida consagrada. Mas o silêncio (objeto do cap. 6 da regra de São Bento) sempre é um valor ligado à vida contemplativa. Como na antiga piada italiana do E que se torna monge cartuxo.

> O sujeito resolve largar tudo e ir para o mosteiro cartuxo. Ao chegar, é advertido pelo superior: "– Aqui, a vida é dura e, principalmente, silêncio: você só poderá falar duas palavras a cada dez anos".
> "– É isto mesmo que eu quero!"

Passados dez anos, o superior bate à porta de sua cela: "– Dez anos, duas palavras".
"– Cama... dura!".
O superior faz uma pequena reverência e retira-se em silêncio. Passados mais dez anos, o superior bate novamente à porta de sua cela:
"– Dez anos, duas palavras".
"– Comida... fria!"
O superior faz uma pequena reverência e retira-se em silêncio. Outros dez anos...
"– Dez anos, duas palavras".
"– Vou embora!"
"– É bom mesmo... Trinta anos que você está aqui e só sabe ficar reclamando, pô!"

Referências bibliográficas

KEIRSEY, David. Please Understand me II – Temperament, Character, Intelligence. Del Mar: Prometheus Nemesis, 1988.

KEIRSEY, David; Bates, M. Please understand me. Del Mar: Prometheus Nemesis, 4th ed., 1984.

LAUAND, Jean *Vigencia* e Educação – a Ditadura da Extroversão. *Videtur* - n.26 – 2004. Disponível em: http://hottopos.com/videtur26/jean.htm. Acesso em 12-11-21.

LAUAND, J. A expressividade do brasileiro. *Revista Internacional d'Humanitats*, n.28, pp. 5-30, 2013. Disponível em: http://www.hottopos.com/rih38/75-86EnioJl.pdf Acesso em 12-11-21.

STAROSKY, E. LAUAND, J. A tipologia de David Keirsey e preferências religiosas. *Revista Internacional d'Humanitats* - n. 38 – 2016. Disponível em: http://www.hottopos.com/rih38/75-86EnioJl.pdf. Acesso em 12-11-21.

Revista Internacional d'Humanitats 28 mai-ago 2013
CEMOrOc-Feusp / Univ. Autònoma de Barcelona

A expressividade do brasileiro (fatores E, S, F e P no ESFP)

Jean Lauand

Resumo: Conferência (27-02-13) para bolsistas norte-americanos da Fundação Fulbright, recém chegados ao Brasil. Para além de generalizações e estereótipos, o artigo propõe uma abordagem centrada em fenômenos de linguagem e aberta a outras formas de comportamento: algumas constantes e *vigencias* (Ortega) da comunicação do "brasileiro". Já clássicos como Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda indicam a linguagem como uma clave para a interpretação do Brasil. Na linguagem de David Keirsey, destacam-se os fatores F e P como características do tipo "brasileiro".
Palavras Chave: Brasil. Interpretação do "brasileiro". Linguagem.

The Brazilian Communication Style

Abstract: Lecture on Brazilian communication style to Fulbright scholarship students just arrived in Brazil. Avoiding stereotyped images, the article proposes a language centered approach but includes other forms of behavior: some "types" and *vigencias* (Ortega) of Brazilian way of communicating. Already classical scholars like Gilberto Freyre and Sérgio Buarque de Holanda have pointed out that language is an important key in the interpretation of Brazil. Speaking in David Keirsey's language, "Brazilian" type include preferences F and P.
Keywords: Brazil. Interpretation. Language. Brazilian style.

1. O "brasileiro" como tipo. A linguagem como clave

Primeiramente, quero agradecer à nossa coordenadora, Patrícia Grijó, pelo convite para este encontro, tão honroso para mim: também pelo fato de ser o primeiro evento de vocês em terras brasileiras. Agradeço também à Luana Smeets e à Nicole Paschoini pela competente assistência.

Naturalmente, falar de "o brasileiro", assim sem mais, seria um *nonsense* metodológico: não existe uma uniformidade num país de dimensões continentais, de vocação multicultural etc. E cada indivíduo é o que é. Vamos falar de "o brasileiro" – com as devidas ressalvas – do procedimento tipológico, válido em sociologia e antropologia, como o fazem clássicos como Gilberto Freyre ou Sérgio Buarque de Holanda. Naturalmente, só alguns poucos aspectos, que é o que cabe em um encontro como este, sobre um tema tão vasto e com o qual vocês devem ter já muitas horas de estudo. Nossas observações, muitas vezes estarão ligadas à linguagem e, por vezes, serão meros indicadores para o espaço dedicado à discussão.

Assim, examinaremos certas "constantes", sobretudo aquilo que o filósofo espanhol Ortega y Gasset chama de *vigencias*, atitudes e expectativas que são correntes e que, numa sociedade, "*se dan por supuesto*", *taken for granted* (tendo sempre em conta que não são absolutas e admitem exceções, por vezes muito sutis, para as quais, em alguns casos, chamaremos a atenção). Um exemplo de *vigencia* é o daquele nosso colega coreano, que confessou a dificuldade, nos primeiros tempos de Brasil, para conseguir seu *breakfast*: onde conseguir peixe e arroz em um país no qual

a vigência alimentar impôs até o nome de "*café* da manhã" à primeira refeição. Finalmente adaptado, hoje saboreia sua média com pão e manteiga, disponíveis em qualquer padaria da esquina.

Esta exposição estará centrada na linguagem e, para isso, é oportuno recordar um princípio metodológico da antropologia, que remete a um grande pré-socrático.

"O caminho que sobe e o que desce são um mesmo e único caminho". Aparentemente, nada mais evidente do que esta sentença de Heráclito de Éfeso (c. 540-470 a.C.), conhecido como "o obscuro". Como naquela vez em que um ciclista gabando-se de seu bairro, excelente para andar de bicicleta porque não tinha subidas, teve que ouvir a pergunta: "- E descidas, tem?". Claro que se não há subidas, também não há descidas... A sentença de Heráclito esconde em si algumas surpresas. Aliás, é do próprio Heráclito a afirmação de que a natureza gosta de se esconder. A realidade que buscamos está escondida: daí que precisemos de um método (palavra que etimologicamente remete a "caminho"), para *subir* até essa realidade que desceu e não está visível. A realidade do "brasileiro" nem sempre se deixa apanhar diretamente; ela "desce" e se "esconde", transforma-se em... linguagem e instituições. E é examinando esses "sítios" que podemos "subir", recuperar a realidade antropológica que nos interessa. É o método proposto pelo filósofo alemão contemporâneo Josef Pieper, grande mestre da antropologia filosófica[8]

2. Ainda a metodologia: a tipologia de David Keirsey aplicada ao "brasileiro"

Vocês sabem que no passado mês de dezembro, disputou-se no Japão o campeonato mundial de clubes de futebol. Participou, como campeão da América do Sul, o Corinthians, um time imensamente popular de São Paulo, que conta com 30 milhões de torcedores, conhecidos por seu fanatismo (autodenominam-se "bando de loucos") e por pertencerem, geralmente, às camadas mais pobres da população. Embora sempre muito vitorioso no Brasil, o Corinthians tem poucos títulos internacionais e a possibilidade de ganhar o mundial mobilizou seus torcedores.

Ciente da realidade do choque cultural e preocupado com os imensos problemas (diplomáticos, policiais etc.) que os cerca de vinte mil torcedores que se dirigiam ao Japão poderiam sofrer por conta das diferenças de cultura, a representação diplomática do Brasil no Japão publicou um Guia, o "Guia do Torcedor" (http://www.consbrasil.org/evento/GuiaTorcedor.pdf), facilitando informações básicas para orientar o "bando de loucos" e adverti-los do risco de ignorar as vigências do país que os recebia. Apesar do que digam as torcidas adversárias, a cautela não se aplica propriamente ao Corinthians, mas aos brasileiros em geral.

Assim, é como se oficialmente o governo assumisse a validade dos tipos e vigências[9]. Contando com a benevolência do leitor, ainda aplicaremos aos tipos nacionais (ou às *vigencias* nacionais), a tipologia de David Keirsey[10], um instrumento de análise do destacado psicólogo americano, originalmente desenvolvido somente para classificação de temperamentos de indivíduos...

Advirta-se, desde já, que esses tipos (pessoais ou "nacionais") são destituídos de qualquer carga de valor: não é melhor nem pior ser ESFP ou INTJ; ser NF ou SJ;

---

[8]. Para o método de Pieper, cf. Lauand, J. "Método e Linguagem no Pensamento de Josef Pieper" http://www.hottopos.com/videtur29/ljargport.htm.

[9]. Essa cautela não é de modo algum dispensável. Ainda hoje estamos sob o impacto da morte do jovem boliviano, em 13/2/2013, vitimado por um artefato pirotécnico letal disparado por um torcedor durante o jogo Corinthians x San José em Ururo.

[10]. Keirsey, David *Please Understand me II* , Del Mar, Prometheus Nemesis, 1988.

etc. Em todos e cada um deles pode-se ser gênio ou tolo; santo ou pecador etc. E todos têm suas qualidades e disfunções "típicas"...

Keirsey, que modifica as ferramentas teóricas dos *Tipos Psicológicos* de Jung, trabalha com 4 pares de preferências, que dão origem a 4 tipos de temperamento.

Assim, seguindo as abreviaturas de Keirsey, o brasileiro é fundamentalmente P, enquanto o japonês é tipicamente J. A oposição J/P corresponde à preferência pelos procedimentos estabelecidos, determinados, agendados, previstos, planejados, fechados (preferência J) em oposição ao *easygoing*, aberto, indeterminado, que configura a preferência P.

Só com enunciar esse par keirseyiano, já se vê imediatamente que o famoso "jeitinho" brasileiro, a capacidade de improvisação que sempre encontra uma solução para situações insolúveis, tem um componente essencial no fator P: prevalecer a solução improvisada, à margem da norma ou da lei. Uma avenida com quatro pistas subitamente passa a ter três: os motoristas da quarta pista, com a maior naturalidade, se arranjam com os da quinta e tudo se resolve sem maiores dificuldades (o que em outros países seria um problema de proporções enormes). De passagem, note-se que um interessante indicador de nossa linguagem do jeito é o uso de "meio", em expressões como: "É meio contra-mão, mas, nesta hora da noite, tudo bem". O motorista nem sempre respeita a faixa; o pedestre nem sempre atravessa pela faixa (em todo caso, simula dar uma corridinha, como mostra de boa vontade...).

A abertura do Guia é já uma advertência de que o "japonês" é muito distinto do "brasileiro":

> "o japonês não lança mão de artifícios para resolver problemas. Não existe o 'jeitinho brasileiro' no Japão. Os transportes são pontuais, os hotéis só atendem com reserva e os restaurantes não mudam seus pratos a gosto do cliente."

Outro par, F/T (Feeling / Thinking), é também distintivo: o brasileiro propende fortemente ao F; o japonês, ao T. F é a tendência a abordar as situações a partir de uma perspectiva pessoal, afetiva, priorizando laços emotivos que nos ligam às pessoas envolvidas no contexto; enquanto T é a abordagem fria e objetiva, impessoal, na qual prevalece a norma e não as condições pessoais dos envolvidos.

Essa diferença é muito bem registrada no filme *The Iron Lady*, no qual Meryl Streep interpreta Margareth Thatcher, a dama de ferro, a dama T.

Já aposentada e fragilizada pela idade, o médico lhe pergunta como se *sente* e ela revela seu modo de ser T:

> "How do you feel?"
> "Don't ask me how I feel. Ask me what I think. People don't think any more, they feel. One of the greatest problems of our age is that we are governed by people who care more about feelings than they do about thoughts and ideas. Now, thoughts and ideas, that's what interests me. (...) and I think I am fine"

A diferença F x T aparece claramente nos estilos dos presidentes Lula e Dilma, respectivamente. Quando morreu o vice-presidente José de Alencar, ambos antecipam apressadamente a volta do exterior e chegam juntos ao velório do amigo, muito querido de ambos. No caso de Lula, emoção e sentimento a jorros; Dilma, permanece contida e discreta. Cf: https://www.youtube.com/watch?v=T_Ip1TjyZpw

Ambos gozam de altíssimos índices de popularidade: Lula identificando-se com a vigência F do brasileiro; Dilma, vista como a gerentona T que pode implacavelmente endireitar este país...

O fator F será a outra metade essencial do jeitinho: muitos impossíveis se resolvem com um sorriso, um "cair bem" para com o funcionário do outro lado do guichê, um suscitar a compaixão do burocrata de plantão etc. Um conhecido nosso foi pilhado certa vez na contra mão (ou "meio" contra mão..") de um acesso à Av. Bandeirantes e sem cinto de segurança e a multa parecia inevitável. Nada a perder, ele pôs a melhor cara de transtornado: "Desculpe, seu guarda, mas é que estou indo ver minha sogra, que entrou na UTI, e estava um pouco desatento...". Por sorte, o guarda (com polícia feminina, ele nem teria tentado, elas são inflexíveis) se comoveu e ficou só numa "áspera" repreensão verbal.

3. O brasileiro, ESFP: abordagem pessoal, espontaneidade e improvisação

Na verdade, na tipologia de Keirsey, o brasileiro corresponde ao temperamento SP[11]: vive no presente, para o aqui e agora, movido pela ação e por impulsos (e não pelo dever ou normas como os SJ), improvisador, brincalhão e... nas disfunções – todos os tipos as têm – imaturo, infantil e irresponsável. Junte-se a isso a extroversão (E) e teremos o tipo ESFP.

Estabelecidas as bases tipológicas, indicaremos a seguir diversas características do brasileiro, ESFP.

Uma das principais dificuldades que o estrangeiro pode encontrar no Brasil é a da interpretação de afirmações de seus interlocutores, aparentemente claras e inequívocas. E é que por conta dessa aversão ao planejamento, típica do SP, unida à amabilidade da sensibilidade do *approach* F, que não quer desagradar a pessoa com quem está conversando, o estrangeiro fica desorientado ao constatar que um "sim" seja, muitas vezes, na realidade, "não".

Por não entender as razões F dessa atitude (e outras...) – cuja intenção, afinal, é a de agradar o interlocutor – muitos estrangeiros classificam apressadamente o brasileiro como não sério. Teve enorme sucesso na década de 60, a sentença, atribuída ao Gal. De Gaulle: *"le Brésil, ce n'est pas un pays serieux"*. Note-se, de passagem, que um dos esportes nacionais é falar mal do próprio Brasil, dos fiascos tupiniquins (Mas, cuidado! Isto não é permitido para estrangeiros, sobretudo para os máximos rivais, os argentinos...).

Permitam-nos uma típica piada nesse sentido: a do inferno brasileiro, presente em milhares de sites da Internet!

> O infeliz pecador morreu e foi parar na porta do Inferno. Lá um capetinha auxiliar lhe fez a seguinte pergunta:
> – Você quer ir pro inferno brasileiro ou para o inferno americano?
> E o infeliz, pergunta:
> – Qual é a diferença?
> – Bom. Existe um muro que separa os dois infernos. No inferno brasileiro, você terá que comer uma lata de 20kg de merda no café da manhã, no almoço, e no jantar. Depois o diabo te espeta até o fogo infernal, e lá você irá dormir. No americano, é igual, só que ao invés de uma lata, você terá que comer somente um pires.
> O infeliz não pensou duas vezes, e foi para o inferno americano.
> Chegando lá, reparou que estavam todos cabisbaixos e tristes. Enquanto isso, no outro lado do muro, ouvia-se um som de pagode, muitas gargalhadas, enfim, uma festa muito animada. Não se contendo, o infeliz sobe no muro e chama alguém.
> – Ei, como vocês conseguem festejar? Aqui o pessoal come um pires de merda e vive triste, enquanto vocês comem uma lata de 20kg e vivem dando risada!
> – Bom, é que aqui é Brasil, né? Um dia falta lata! No outro falta merda! No outro, o diabo não vem! No outro é feriado! No outro, falta lenha pro fogo e assim vai. É só festa! (http://www.humortadela.com.br/piadas-texto/31103)

Mas, cuidado! Se queremos evitar o estereótipo e a generalização indevida, devemos lembrar também que este mesmo brasileiro é quem faz da um espetáculo de

[11]. S de *sensible*.

organização incomparável, de fazer inveja aos suíços: quatro ou cinco mil integrantes da escola de samba desfilam por mais de uma hora na avenida, sem o atraso de sequer um segundo em toda a evolução!

Ou o sério trabalho de anos de perseverante preparação, que levou o voleibol brasileiro ao topo do ranking mundial. Ou os quase 30 anos do perseverante trabalho da Dra. Zilda Arns, fundadora da Pastoral da Criança, que acompanhou quase 2 milhões de crianças e 1,5 milhão de famílias pobres em 4060 municípios brasileiros! Etc.

"Vila Isabel" – campeã 2013

A improvisação. A malandragem. No futebol, a ginga, o drible, são tão apreciados quanto o gol. Não é raro que o jovem Neymar arranque aplausos da torcida adversária pela genialidade e estilo lúdico de jogar. Mas foi Ronaldinho (sempre o diminutivo) Gaúcho que protagonizou, em 13/12/13, um lance antológico de "esperteza" (vídeo em http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2013/02/lance-de-ronaldinho-gaucho-ajuda-o-atletico-mg-vencer-sao-paulo-na-libertadores.html):

> O jogo estava paralisado para atendimento médico a Junior Cesar. Neste instante, Ronaldinho pediu um pouco de água a Rogério Ceni, que cedeu sua garrafa ao adversário. Mas, no recomeço da partida, o atleticano seguiu sozinho pela esquerda da área. Ao receber o arremesso, Ronaldinho foi à linha de fundo e cruzou para Jô mandar para as redes. (http://esporte.ig.com.br/futebol/2013-02-14/ronaldinho-relata-sorte-em-lance-do-1-gol-e-rogerio-ceni-lamenta-desatencao.html)

O jornal inglês *The Sun* deu destaque ao episódio:

> Ronaldinho, the Brazil legend is best known for his skills and trickery but his assist for Atletico Mineiro's opener against Sao Paulo was surely one of his cheekiest ever. (www.thesun.co.uk/sol/homepage/sport/football/4795208/Ronaldinhos-got-some-bottle-check-out-this-cheeky-assist.html#ixzz2L61tM3Bn)

O que impera na convivência é a suavidade e, assim, expressões de elevada afirmação como: "Com certeza!", "Ôôôôpaa!" (que é um sim enfático), "pode deixar" "tamos aí" etc. podem significar, pura e simplesmente, um rotundo não, que o F quer evitar. Um convite descabido: "Você vai na cerimônia de formatura da minha sobrinha neta, daqui a três meses?", obterá como resposta um "Com certeza!". Naturalmente, o convidado não irá nem telefonar para desculpar-se pela ausência; o que importa é que, no momento do convite, poupou o interlocutor do desgosto de ouvir um não.

Talvez todos no Brasil já tenham presenciado cena parecida com a que vi nas últimas eleições. No colégio em que se vota, é comum reencontrar conhecidos do bairro e ruidosos cumprimentos e abraços: "Você sumiu?" "Pois é, eu mudei para outro bairro, mas meu título de eleitor ainda é daqui. Mas faço questão que você apareça lá em casa para um café". "Ôôôpaa! Vou sim. Um abraço e lembranças a todos."

Ninguém se surpreende com o fato de que o novo endereço não foi informado nem pedido... Não está em jogo a realidade da visita, mas uma mera manifestação verbal de apreço pelo outro.

O lúdico e a atitude não agressiva (mesmo a agressividade pode ser disfarçada). Já se disse que a capoeira é a objetivação do escravo, proibido de praticar lutas (e os golpes de capoeira podem ser muito contundentes), "joga" ou "brinca" capoeira e que, de algum modo, é válida para o brasileiro em geral. Como diz mestre Veiga:

> Naturalmente, há diversos níveis de "capoeirismo", adaptados aos diversos graus de "encurralamento" social... Em qualquer caso, essa malícia para a luta, essa arte enquanto técnica, encontra uma representação simbólica no jogo entre amigos, que brincam capoeira (agora transformada em arte mesmo), entre ritmos, danças e cantos:
>
> "Água de beber. É Água de beber camarada..."
>
> A estética substitui a violência e, também nesse sentido, pode-se falar de uma educação pela capoeira, independe de qualquer propósito de defesa ou ataque. Sobrevive a capoeira mesmo fora de um contexto de escravidão: ela, por assim dizer, ganha vida própria e emancipa-se das desumanas situações que lhe deram origem.
> (http://www.hottopos.com.br/videtur9/capoei.htm)

4. O brasileiro instala-se no neutro

Uma das claves de linguagem para compreender o brasileiro é o neutro[12]. Neutro aqui entendido não como um terceiro gênero, mas como uma tendência à indeterminação. Indeterminação que evita fechar compromisso e, por outro lado, pode preservar bater de frente no convívio social. Embora desprovido gramaticalmente do neutro; o brasileiro reinventa-o, com uma criatividade de causar inveja a um Platão ou a um Tomás de Aquino, que possuíam o neutro como fato natural em suas línguas.

Gramaticalmente (ou não), o neutro ocorre quando nos remetemos a um plano mais amplo, no qual as diferenças, determinações e precisões não interessam. O exemplo é de Marías: sete pessoas em um elevador, a porta está fechando para subir e chega correndo um oitavo passageiro, que ouve a delicada recusa: "Desculpe, não há mais lugar: já somos sete". Este "sete" é o neutro: para efeitos de lotação não interessa se esse oitavo passageiro é homem ou mulher, democrata ou republicano; branco ou negro; humano ou *alien*...

Se nosso provérbio que exige rigorosa determinação é "pão, pão; queijo, queijo", o brasileiro (sobretudo o de Minas Gerais) inventou o pão de queijo, um verdadeiro campeão de preferência nacional: é pão e é queijo; não é pão nem queijo; é ambos e nenhum, ou sei lá, que importa? *Utrum* é precisamente a forma latina que exige a definição de um de dois; daí que *ne-utrum* seja: nenhum dos dois, *neutrum*!

A indeterminação é mais segura, menos presunçosa, não comprometedora. Como na piada do mineiro, campeão nacional do neutro ("mineirice" significa indeterminação, "neutrice"):

> Dois mineiros pescando na beira do rio. De repente, ouvem um barulho vindo de cima: flapt..., flapt..., flapt...
> Olham para cima e vêem um enorme elefante, batendo as orelhas e voando!!! Bem acima de suas cabeças!
> Um olha para o outro e voltam a se concentrar na pescaria...
> Mais alguns minutos e o mesmo barulho... Era outro elefante, também voando baixo, a poucos metros de suas cabeças. Mais alguns minutos e outro elefante... e outro..e mais outro...
> Após o décimo elefante, um vira para o outro e diz:
> - É, cumpadre... o ninho deles deve di sê aqui pertim.

Uma indeterminação que rege diversos setores da existência, como por exemplo: o tempo. Para indicar que uma ação é maximamente imediata, o brasileiro diz o vago: "na hora[13]" (pastéis fritos na hora; consertam-se sapatos na hora etc.); já em Portugal a faixa de indeterminação é bem mais estreita; é "ao minuto"; o que no país de vocês é "*at the moment*"! O caso extremo é o da Bahia, onde a (inútil) insistência do estrangeiro em marcar hora, em perguntar por prazos, chega a ser quase ofensiva e é fulminada pelos indeterminadíssimos: "depois do almoço", "um minutinho" etc.

Quantas brigas de casais, por exemplo, têm sua raiz última nas diferentes preferências de determinação dos cônjuges: a resposta de um deles ao celular: "calma, estou quase chegando!", bem que poderia - queixa-se o outro - ser substituída por algo mais determinado, como "já estou na esquina da padaria" ou "no máximo em três minutos de relógio eu chego aí" etc. Eu gosto da forma "minutos de relógio" – calcada

[12] Para um estudo mais completo sobre o neutro: http://www.hottopos.com/notand14/lauand.pdf
[13] Daí que, na gíria, "da hora" signifique bom, excelente...

no inglês *o'clock* – para fugir do neutro, uma vez que "um minutinho", "três minutinhos", "dez minutinhos" etc. não significam nada nestes trópicos. O uso do neutro pode ser uma arte cruel: no carro, ele (ou ela) atende o celular e não deixa transparecer, em nenhum momento da conversa, com quem está falando, para desespero do cônjuge. Não custava nada em vez de "Ah, que bom falar com você (?)", dizer: "Bom dia, Mendonça, que bom falar com você" etc.

Indeterminação do espaço, por formas carregadas de subjetividades: "é pertinho", é "logo ali" etc.

Seja como for, a indeterminação na linguagem, afinal, suaviza (neutraliza) as formas de convivência. Une-se o gosto pelo indefinido, pelo genérico, com o oportunismo de "fazer média" (sugestiva gíria que indica querer agradar lados opostos), "ficar em cima do muro": ninguém sabe o dia de amanhã, vai que num segundo turno se venha a necessitar de um apoio do partido inimigo... Além do mais, é sempre perigoso expressar-se concreta e claramente. Daí, para o estrangeiro, a perplexidade entre as incríveis alianças políticas de opostos, que ocorrem no Brasil...

Embora o brasileiro tenda a ser extrovertido, barroco, e mesmo bombástico na expressão religiosa, a padroeira nacional, Nossa Senhora Aparecida é discreta e quase neutra: não se distinguem as feições da minúscula imagem...

As instituições. O neutro, a neutralidade do neutro, faz parte de nossa cultura, está arraigadíssima no Brasil: o que, em outros países dá-se como afirmação (ou negação) veemente, aqui perde os contornos nítidos, adquire forma genérica! Se não reparamos nesse fato é porque ele nos é tão evidente que chega a ser conatural e atinge até nossas instituições. Pensemos, por exemplo, nessa - incrível, para os estrangeiros! - instituição tupiniquim: o ponto facultativo. Como dizia o saudoso humorista Stanislaw Ponte Preta: "vai explicar pro inglês o que é um ponto facultativo?" - É feriado?- Não, Mr. Brown, é ponto facultativo!!- Então, se não é feriado, haverá trabalho normal?- Não, Mr. Brown, claro que não haverá trabalho: é ponto facultativo!! Não é feriado, mas não deixa de ser... É neutro!

Um exemplo particularmente interessante de indeterminação dá-se com o nosso "dever", que o inglês diferencia em cerca de meia-dúzia de distinções. Assim, no outro dia, dirigindo-me a um colega, vizinho de prédio, a quem frequentemente dou carona, perguntei: "E aí, você vai para a universidade amanhã?". Sua resposta foi: "Devo ir". O leitor (e mesmo o interlocutor) não tem a menor possibilidade de saber o que significa esse "*devo*", entre nós, muito indeterminado. Como traduzi-lo para o

inglês (*should, have to, supposed to, must, ought*...)? Pois, esse "devo" pode ser interpretado desde a mais absoluta e imperativa decisão de ir ("eu devo ir, senão a USP desmorona") até a mais descomprometida e frágil intenção ("eu não falei que iria, eu falei "devo ir", e aí apareceu um desenho animado legal na TV e eu não fui").

O neutro, banido da gramática de nossa língua, é resgatado (ou, ao menos, seu espírito, que remete à totalidade e à indeterminação) genialmente pela gíria brasileira.

Quando Buarque de Holanda cunhou a expressão "homem cordial" para caracterizar o brasileiro, não se referia somente ao lado positivo, mas é a mesma "cordialidade" que está por trás de formas tupiniquins de corrupção, conchavos etc. E mesmo de maledicência. Em vez de sair agressivamente insultando Fulano, emprega-se a – muito mais perigosa – e "inocente" forma neutra: "Fulano, qual é a dele, hein?". "Qual é a dele?", puro neutro, indeterminado que engloba todos os campos: qual é a atitude, a postura, a seriedade profissional, a preferência sexual, ambição, etc. Se houver no grupo algum sentimento latente contra Fulano, alguém – ainda no neutro – dirá "É, não sei não..." (que claramente significa: sabemos que há algo). E outro ajuntará: "Numa boa, eu gosto muito dele, adoro ele, mas a gente também não é cego...". O neutro "numa boa" (numa – o quê? – boa) é uma espécie de licença para matar (eu falo porque só quero o bem dele), ainda mais seguido de "adoro ele" etc.

A gíria também prefere o neutro como vocativo: "chefia" (mais amplo que "chefe"), "amizade" (em vez de "amigo"), "malandragem" etc.

O "a gente" exerce várias funções: sendo ao mesmo tempo neutro e tendendo ao *approach pessoal*, em nossos usos de "gente". Na Espanha, *la gente* indica a pluralidade genérica; no português esse uso[14] dá lugar a outro, carregado de sentido pessoal, como no vocativo que chama a atenção (também para o que evoca incredulidade), e sobretudo ante a falta de virtude humana: "Gente! Que maldade fizeram com a criança!", no qual cabe o recurso ao transcendente para corroborar o espanto: "Gente do céu!". Esses apelos a entranhas de humanidade são sucesso garantido no Brasil.

A pluralidade anônima de *la gente* é pessoalizada em "minha gente"; na ocupação do lugar dos pronomes de 1ª pessoa: "eu" (como na queixa do motorista da madame: "Pôxa, a gente se esforça para agradar e a patroa ainda reclama da gente"); "nós outros" ("Por que não vem jantar com a gente?") e "nós todos" ("Bem que a gente podia se reunir mais"). Por isso, quando na discussão sobre "qual é a de Fulano", alguém diz "... a gente também não é cego", este "a gente" não pode ser univocamente restrito ao falante, mas – neutramente – pode ser o grupo todo ou mesmo a humanidade inteira...

Neutro é o "jeito" - pode e não pode; dá e não dá; e se não der de jeito nenhum, talvez com um "jeitinho". Neutra é a nossa "saudade", mais complexa do que a elementar dor da ausência, facilmente apreensível por todas as línguas. Um bom tema para nossa discussão.

5. O lúdico brasileiro

O quadro se amplia quando unimos a perspectiva pessoal da linguagem a outro aspecto imperativo para o brasileiro: o lúdico. A piada, o trocadilho, a tirada são imensamente apreciados e têm livre trânsito em nosso convívio. Piada que quebra as barreiras da impessoalidade no trato e – para o bem e para o mal – a seriedade das instituições. Lembro-me, por exemplo, que, na infância, todo colégio estadual ganhava

[14] Como no Hino da Independência "Brava gente brasileira..." ou em Camões: "A grita se alevanta ao céu, da gente".

um epíteto rimado da garotada: “Colégio Estadual Brasílio Machado”, entra burro e sai tapado! “Colégio Estadual Vila Clementino”, entra burro e sai cretino! Etc.

Estamos tão acostumados ao lúdico que nem sequer notamos seus exageros, impensáveis em outras latitudes: em que outro país do mundo seria possível imaginar que a Receita Federal se apresentasse oficialmente como leão?!!

Ou, como noticiou a imprensa a propósito dos problemas no aeroporto de Goiânia e sua pretensa solução: uma gambiarra pomposamente intitulada Módulo Operacional Provisório, que até sigla ganhou: MOP. Mas o povo e o próprio superintendente da Infraero referem-se a ele como “o puxadinho”:

> “A solução para tantos problemas está em construção e tem um nome técnico: Módulo Operacional Provisório, mas ganhou o apelido de puxadinho entre passageiros e na própria Infraero, que administra o aeroporto de Goiânia. ‘Nós esperamos que no prazo máximo de 150 a 160 dias o **puxadinho** esteja ponto. Isso vai ampliar em quatro vezes a área de embarque, que hoje 400 metros quadrados. Vamos para 1,6 mil metros quadrados’, garante André Luiz Marques de Barros, superintendente regional do Centro-Oeste da Infraero”. (Programa “Bom dia Brasil”, da rede Globo, 18-04-2011, http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2011/04/obras-atrasam-e-infraero-constroi-puxadinho-no-aeroporto-de-goiania.html)

O lúdico mostra-se também em piadas prontas e fórmulas feitas, repetidas por vezes à exaustão: se se serve um pavê de sobremesa, inevitavelmente algum dos comensais dirá a surrada piada: “Mas é *pa vê* ou *pa comê*?”. Se se pergunta se vale a pena, evoca-se o pobre do Pessoa: tudo vale a pena, se a alma não é pequena... E por aí vai: “longo e tenebroso inverno...”, “resumo da ópera”, “muita calma nessa hora”, “com tudo a que tem direito”, “estamos junto e misturado” etc.

O lúdico atinge limites imprevisíveis. Até em casos de enchente, chegamos, por vezes, a encontrar na TV, entre as vítimas, um toque lúdico em meio à desgraça. Como diz o certeiro e intrigante verso de Chico e Vinicius: “a alegria que não tem onde encostar”, da canção – toda ela uma reflexão sobre o Brasil – “Gente Humilde”.

Tem certos dias em que eu penso em minha gente
E sinto assim todo meu peito se apertar
Porque parece que acontece de repente
Como um desejo de eu viver sem me notar
Igual a como quando eu passo no subúrbio
Eu muito bem, vindo de trem de algum lugar
E aí me dá como uma inveja dessa gente
Que vai em frente sem nem ter com quem contar
São casas simples, com cadeiras na calçada
E na fachada escrito em cima que é um lar
Pela varanda flores tristes e baldias
Como a alegria que não tem onde encostar
E aí me dá uma tristeza no meu peito
Feito um despeito de eu não ter como lutar
E eu que não creio, peço a Deus por minha gente
É gente humilde, que vontade de chorar

Falando da Bahia e dos baianos (e do Nordeste e do Brasil em geral), Julián Marías fala da alegria como vocação ("no mercado de Olinda, que é um mercado pobre, há mais alegria que em toda a Suíça!") e diz que até viu alguns baianos tristes: "Mas percebi que o estavam também porque *pretendiam* a alegria, porque sentiam que era algo que lhes pertencia e lhes tinha sido alienado. Isto é o que é decisivo e evidente: os baianos têm *vocação de alegria*, que lhes parece ao mesmo tempo seu direito e seu dever" (*Hispanoamérica*, Madrid: alianza, pp. 226-227).

Alegria brasileira que se expressa, transborda no indefectível sorriso de um Martinho da Vila, do recém falecido Emílio Santiago ou de um Neguinho da Beija Flor (mesmo na grave doença)...

O estrangeiro no Brasil deve prestar especial atenção a um outro esporte nacional difundidíssimo: as piadas de duplo sentido, de fundo sexual. Cuidado ao usar os verbos "dar" (segundo sentido: entregar-se sexualmente), "comer" (*to fuck*) etc.

Um par de exemplos entre milhares. Mônica Iozzi, repórter de um bem humorado programa semanal, entrevista – em um coquetel que premiava os políticos mais atuantes – o senador Eduardo Suplicy, tido como um dos mais íntegros políticos brasileiros. Durante a entrevista, ele recebe um tipo de torta, chamado "escondidinho".

M: "- Até na hora da comida, o político come escondidinho também"
[com o duplo sentido: os políticos se saciam ocultamente...]
[O senador dá um pedaço à repórter e diz:]

S: “Eu quero lhe dar uma boa comida”
(Cf minuto 4 e ss. : http://arquivocqc.blogspot.com.br/2011/11/monica-iozzi-no-premio-congresso-em.html#.TsKrn_2yORU.facebook)

Certamente o pobre senador, conhecido também por sua ingenuidade, queria dizer: “Os senadores queremos oferecer a vocês da imprensa *good food”* e foi o único brasileiro que não reparou no desastrado outro sentido – Eu quero f* você intensamente.

Uma peça de publicidade da cerveja Skol em garrafa pequena, zomba de nossa tendência ao diminutivo, ao mesmo tempo que faz piada de duplo sentido:

> “Skol 300 ml. Você traz a garrafinha vaziinha, leva a cheiinha e só paga pelo liquidinho. Alguém tem alguma duvidinha?”
> - E eu que sou barbeiro?
> - Boa pergunta, seu barbeirinho...
> - E eu que sou professora?
> - Boa pergunta, professorinha...
> - E eu que sou médico?
> - Boa pergunta, seu medi*cozinho* [cuzinho = *little ass*]; quer dizer..., senhor grande médico.
> (https://www.youtube.com/watch?v=7-k1aKhxqyI)

Como sofria aquela ingênua professora, que desconhecendo a malícia da ambiguidade, ao servir às visitas uma famosa marca de vinho português, disse: “Hoje é um dia especial e quero oferecer para vocês *Periquita*...” ou ao distribuir doces às crianças, um para cada um, exortou o aluno que tinha retido duas: “Caio, você tem que dar a *rosquinha* para seu coleguinha...”.

A maior parte dos shows de humor na TV vivem dessas batidas piadas popularescas, repetidas semanalmente e, por vezes, ao longo dos anos. A regra é ocultar a ordinarice, não explicitar o chulo, como se ele não estivesse por demais evidente.

Essa hipocrisia se estende também às legendas dos filmes, nas quais há uma espécie de tabu para com os palavrões, de resto. tão usados como em qualquer outro país. Ou mais: até o dicionário Aurélio registra como segundo sentido de “filho da puta”, o paradoxalmente elogioso: “*O filho da puta é inteligente: estudou pouco e mesmo assim passou em primeiro lugar”.*

O lúdico e as piadas se estendem a tudo: naturalmente ao futebol (quando se consolidou o Nordestão, Copa do Nordeste, inspirado na Liga dos Campeões da Europa, já foi imediatamente apelidada de *Lampion’s League*), apelidos para as novas

gripes (a "gripe Sarney": pega um e leva a família inteira)", para cheques sem fundo[15] (no dia seguinte ao meteorito que caiu na Rússia, nos Urais, 15-02, José Simão já registrava o "cheque asteroide": "passa voando e, quando cai, provoca um rombo!") etc., até à imagem da pátria. O brasileiro é "patriota" no que se refere a futebol e a esportes, mas, em geral, tem bem menos envolvimento nacionalista... Não estão em nossa memória viva as (poucas) guerras e não reverenciamos heróis militares.

Da minha infância – isto foi antes da ditadura militar e relativamente perto da Segunda Guerra mundial – lembro-me que havia inúmeras piadas de "patriotismo" do brasileiro, em comparação com outros povos, como a seguinte:

> O general brasileiro em visita à Alemanha, ouve o colega dirigir-se ao regimento:
> - Quem quer morrer pel*o* pátrrrria?
> - Imediatamente, um soldado dá um passo à frente, puxa da arma, põe o cano no ouvido, dispara enquanto diz: *Ja, mein Generrrall!*
> O mesmo ocorre na França... e quando os colegas vêm ao Brasil, o general brasileiro dirige-se ao pelotão:
> - Quem quer morrer pela pátria?
> (Silêncio)
> - Um voluntário para morrer pela pátria, dê um passo à frente!
> (Todos dão um passo para trás)
> - Muito bem. Eu vou jogar esta pena de galinha para o alto, em cima de quem ela cair, esse vai se matar pela pátria...
> (O regimento está soprando a peninha até agora...)

Aprendíamos melhor as paródias do que os hinos, como no Hino do Exército: "porém se a pátria amada for um dia ultrajada, lutaremos sem temor", que para a criançada era: "porém se a pátria amada precisar da macacada, puta merda que cagada!". E ao visitar o Museu do Ipiranga, aprendíamos que o compositor do Hino da Independência, o próprio D. Pedro I, teve que mudar rapidamente o verso: "Já podeis filhos da Pátria..." para "Já podeis da Pátria filhos", para prevenir o inevitável complemento de "filhos da...".

Nem os hinos religiosos escapavam das paródias. O clássico católico da época: "O meu coração é só de Jesus / E a minha alegria é a Santa Cruz" virava: "O meu coração é só de Jesus / E o meu pulmão é da Souza Cruz" (fabricante de cigarros...).

Não se trata de desamor à Pátria (nem de blasfêmia): é o irresistível espírito lúdico, junto com um acolhimento e valorização do estrangeiro, especialmente do americano... Pais pobres, de muito pouco estudo, dão a seus filhos nomes "estrangeirados", de preferência com a letra W: Maixwell, Wóxinton, Valdisnei (Walt Disney), Creito (Clayton) etc. Quando uma pessoa escolhe seu nome artísticos, a tendência é duplicar Ls e Ts para afetar estrangeirice... E a padaria de Santana de Parnaíba é "Parnaíba's Center"...

Exceção feita ao futebol, à novela da noite e aos sucessos musicais do momento, temos poucos referenciais comuns a todos os brasileiros, o que dificulta uma ligação mais profunda com "a Pátria" (a ligação com o futebol é tão intensa que ele fornece dezenas – ou talvez centenas... – de metáforas vivas para todos os aspectos

[15] Quando há altos índices de inadimplência, surgem novos apelidos para os cheques: Cheque-capim: só burro aceita. Cheque-mendigo: tá sempre descoberto. Cheque-canja: só pode ser dado de noite. Cheque-peixe: chega no caixa... e nada. Etc.

da vida: amoroso, empresarial, político etc.) Ao contrário dos muçulmanos, não temos um livro sagrado que todos conheçam realmente; não temos clássicos de literatura que todos tenham lido; nem memória viva da história e de heróis... A isto se junta uma desconfiança ancestral em relação ao governo e o cidadão – massacrado por séculos pela pesada e invencível burocracia estatal – não se sente respeitado como tal. Se ele infringe alguma norma de trânsito é punido com severas multas e pontos na carteira. Mas o governo é o primeiro a não cumprir sua parte, por exemplo fazendo proliferar lombadas e quebra molas, proibidos pelo próprio Código de Trânsito Brasileiro:

> **Art. 94.** Qualquer obstáculo à livre circulação e à segurança de veículos e pedestres, tanto na via quanto na calçada, caso não possa ser retirado, deve ser devida e imediatamente sinalizado.
> Parágrafo único. É proibida a utilização das ondulações transversais e de sonorizadores como redutores de velocidade, salvo em casos especiais definidos pelo órgão ou entidade competente, nos padrões e critérios estabelecidos pelo CONTRAN.

Via de regra, o brasileiro não gosta de enfrentar, não fará revoltas abertas. Um caso clamoroso de desrespeito, como o acima, é ignorado pela população (talvez dominada pelo sentimento de que é inútil resistir...). Não é de estranhar que haja um pouco desenvolvido sentido do bem público – nossos 500 anos de "estado patrimonialista".

Todos se queixam das enchentes, mas não deixam de lançar o lixo à rua ou aos rios... Fato significativo nesse sentido é o significado adicional que adquiriu o verbo "alugar": incomodar ou maltratar alguém.

6. Diminutivos e outras formas gramaticais (ou não) do ESFP

Como dizíamos, a linguagem revela a realidade antropológica. No clássico *Raízes do Brasil*[16], ao analisar o brasileiro como "homem cordial" e suas virtudes (e, claro, também as disfunções...), que "são antes de tudo expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante" (e não "boas maneiras" ou civilidade...), Sérgio Buarque de Holanda faz esta importante sugestão: "Um estudo atento das nossas formas sintáxicas traria, sem dúvida, revelações preciosas a esse respeito". O próprio autor ilustra o caráter revelador da linguagem com:

> Nosso pendor acentuado para o emprego dos diminutivos. A terminação 'inho', aposta às palavras, serve para nos familiarizar mais com as pessoas ou os objetos e, ao mesmo tempo, para lhes dar relevo. É a maneira de fazê-los mais acessíveis aos sentidos e também de aproximá-los ao coração". (ed. cit.)

Para ficarmos com alguns exemplos, fomos educados a atenuar tudo com diminutivos; assim, alguns dos enormes e sangrentos espetos do rodízio de carnes são diminutivos de carteirinha, como "maminha" e "fraldinha"; e muitos outros viram diminutivo ao serem oferecidos, "coraçãozinho" e "franguinho", acompanhados talvez de uma "caipirinha", que sempre dá uma animadinha para manter aquele papinho etc. Até nossos criminosos e contraventores são afetivamente designados por Carlinhos, Fernandinho, Marcinho etc.

---

[16] Citarei pela ed. eletr. http://filosofiabrasileiracefib.blogspot.com.br/2013/01/sergio-buarque-de-holanda-cap.html.

Por influência africana, o diminutivo para nós serve até de aumentativo: quando o pão de queijo acaba de sair do forno e está em sua máxima temperatura, dizemos: "aproveita, que está quentinho". Já em *Casa Grande & Senzala*, Gilberto Freyre exemplifica o lado doce do brasileiro com a colocação pronominal:

> Temos no Brasil dois modos de colocar pronomes, enquanto o português só admite um — o 'modo duro e imperativo': *diga-me, faça-me, espera-me.* Sem desprezarmos o modo português, criamos um novo, inteiramente nosso, caracteristicamente brasileiro: *me diga, me faça, me espere.* Modo bom, doce, de pedido." (ed. eletr.: www.ufrgs.br/proin/versao_1/textos/casa.doc)

Na linha de buscar a suavidade do brasileiro em formas de linguagem, uma das mais notáveis realizações foi a de criar também um segundo modo para o frio e duro verbo "ter". A forma portuguesa (e a espanhola) do "ter" – ao contrário do inglês, alemão, francês ou italiano, que têm formas *light* correspondentes ao latino *habere* – deriva da antipática e agressiva do latim *tenere*: "segurar", "agarrar", "pegar"... (Houaiss), no mesmo sentido em que "garfo" em espanhol é *tenedor*: aquele que tem (e, infelizmente, não podemos contar com o particípio "tenente", porque se especializou em linguagem militar), segura e não larga.

Provavelmente por influência africana (que coincide com a forma quimbundo *kukala ni*) o português do Brasil criou uma suave e deliciosa alternativa para "ter". Na vida comunitária africana, é muito menos acentuada a demarcação de posse. Como também, pelo amor, numa família, recai-se na sentença da parábola de Cristo: "Tudo que é meu, é teu". Certamente, na prática, há brigas entre os irmãos porque um pegou o que era do outro etc. Mas se tudo corre bem, numa família não são necessários tantos cadeados e chaves. E há, pelo menos uma ampla gama de objetos que são indiscutivelmente de todos: a tesoura, o guia da cidade, o grampeador, a pasta de dentes... Para esses objetos, não teria sentido dizer "ter", mas *kukala ni* - "estar com": "Você está com a tesoura?" "Quem está com o guia da cidade?".

A linguagem brasileira estendeu essa fraternidade, substituindo em muitos outros casos o verbo "ter" pela locução "estar com" (o que não ocorre, nessa mesma extensão, nem em Portugal nem na Espanha): "Você está com tempo?; está com febre?; está com pressa?; está com dinheiro?; está com carro?..." (o espanhol diria tienes tiempo, fiebre...). O brasileiríssimo "estar com" é uma forma muito mais simpática, muito mais solta, pois aplica-se mais propriamente a "posses" casuais, as posses provisórias de algo que no fundo é tão meu quanto teu, ou melhor, é de todos nós. Ao menos, no âmbito da linguagem...

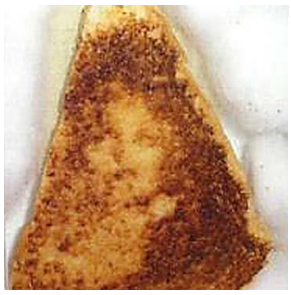
Também no caso da religião – e o brasileiro é exageradamente religioso –, prevalece o emotivo. Diz Sérgio Buarque de Holanda:

> Nosso velho catolicismo, tão característico, que permite tratar os santos com uma intimidade quase desrespeitosa e que deve parecer estranho às almas verdadeiramente religiosas, provém ainda dos mesmos motivos. A popularidade, entre nós, de uma Santa Teresa de Lisieux — Santa Teresinha — resulta muito do caráter intimista que pode adquirir seu culto, culto amável e quase fraterno, que se acomoda mal às cerimônias e suprime as distâncias. (...) Os que assistiram às festas do Senhor Bom Jesus de Pirapora, em São Paulo, conhecem a história do Cristo que desce do altar para sambar com o povo. (ed. cit.)

Muitos – espíritas ou não – se orgulham de possuir dons de premonição, sonhos portadores de avisos etc., e a atitude dos que são advertidos por esses oráculos é no mínimo: “mesmo que eu não acredite, eu não abuso”.

Lembro-me, por exemplo, de como David Letterman se divertiu com a torrada que tinha “milagrosamente” estampada a imagem da Virgem Maria e que foi leiloada por U$ 28000 no site e-Bay (http://news.bbc.co.uk/2/hi/4034787.stm). O católico sério anglo-saxão certamente terá apoiado a ridicularização dessa fraude. Mas é difícil imaginar algum apresentador brasileiro – seria considerado ímpio! – esculhambando um fraudulento “sinal” religioso, digamos, a “folha” de Nossa Senhora”. Se prestarem atenção aos adesivos nos automóveis, encontrarão frequentemente um terço com Nossa Senhora, que, segundo a lenda (surgida no início deste século), teria sido elaborada em uma folha de árvore por formigas.

Quando escrevi um artigo sobre a não existência do popular S. Expedito (fabricado por interesses financeiros) fui repreendido por católicos cultos por estar atentando contra a fé do povo. (www.hottopos.com/convenit10/19-26Jean.pdf)



Sonhos e sinais são frequentemente associados ao jogo do bicho (aliás, ilegal, mas ninguém se importa com isso) e há toda uma exegese para identificar o bicho que sairá vencedor: se se sonha com a sogra, deve-se jogar na cobra; se com lésbica, no jacaré etc. O jogo do bicho, autêntica paixão nacional, estabelece também a correspondência entre animais e sonhos, como no caso do veado (cujo segundo sentido é “gay”), que é o número 24 e esse número tornou-se sinônimo de gay. No meu tempo, era um terror o primeiro dia de aula para os meninos cujo primeiro nome começava com letras J, L, M ou N, porque o 24 na lista de chamada iria sofrer bullying ao longo de todo o ano. Por incrível que pareça as escolas nunca tiveram a iniciativa de excluir esse número das listas, pulando simplesmente do 23 para o 25. Jogadores de futebol usam camisas com todos os números, menos com o fatídico 24...

No oceano sentimental da religiosidade do Brasil (o Brasil é “franciscano”, segundo Freyre; espírita, segundo outros; e, em qualquer caso, tendente ao sincretismo) não é de estranhar que o *medium* Chico Xavier tenha sido eleito, em um longo concurso na TV, “o maior brasileiro de todos os tempos”, com mais de 70% de votos do público por Internet e SMS.

Religiosidade insaciável. Em um processo por homicídio, em 1985, um juiz de Campo Grande aceitou que a defesa apresentasse “cinco cartas psicografadas pelo médium Chico Xavier, nas quais a vítima dá a entender que a arma disparou acidentalmente. O júri o absolveu, mas a sentença foi anulada por recurso da promotoria, que quer condenação por homicídio doloso” (“Marido das cartas psicografadas volta a júri”, *O Estado de S. Paulo*, 6-4-90, p. 16).

Chico Xavier psicografando

Em outro júri de homicídio, um juiz de Gurupi-GO, em 1987, convocou Chico Xavier como testemunha (não como testemunha ocular, mas mediúnica!!), pelo fato de o médium ter recebido mensagem do além da pretensa vítima ("Testemunha do crime: o médium", *O Estado de S. Paulo*, 25-3-87, p. 17). E o "Jornal Espírita" comentou essa notícia em matéria de primeira página: "Haverá de chegar um tempo em que os espíritos poderão vir do 'lado de lá' - com o aval das autoridades - consertar tantas injustiças" (Ano XI, No. 143, Maio de 1987).

E, como base para nossa discussão, outro clássico sobre a religião do brasileiro: a fala de Riobaldo de *Grande Sertão: Veredas*:

> Hem? Hem? O que mais penso, testo e explico: todo-o-mundo é louco. O senhor, eu, nós, as pessoas todas. Por isso é que se carece principalmente de religião: para se desendoidecer, desdoidar. Reza é que sara da loucura. No geral. Isso é que é a salvação-da-alma... Muita religião, seu moço! Eu cá, não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bebo água de todo rio... Uma só, para mim é pouca, talvez não me chegue. Rezo cristão, católico, embrenho a certo; e aceito as preces de compadre meu Quelemém, doutrina dele, de Cardéque. Mas, quando posso, vou no Mindubim, onde um Matias é crente, metodista: a gente se acusa de pecador, lê alto a Bíblia, e ora, cantando hinos belos deles. Tudo me quieta, me suspende. Qualquer sombrinha me refresca. (http://stoa.usp.br/carloshgn/files/-1/20292/GrandeSertoVeredasGuimaresRosa.pdf)

Religião (ou superstição, ou misto de ambos) é sempre prato cheio para o brasileiro, especialmente associada à paixão do futebol, no qual sempre é bem vindo o auxílio de Deus, santos ou entidades (o jocoso provérbio diz: "Se macumba resolvesse, campeonato baiano terminava empatado"). Durante muitos anos, um grande clube como o Vasco da Gama, manteve em seu quadro de funcionários Pai Santana, pai de santo (e massagista...), encarregado de trabalhos contra os rivais.

> O pai de santo tinha vários rituais famosos, como acender velas no vestiário e estender uma bandeira do Vasco no gramado, se ajoelhar e beijá-la. Ele também costumava usar sempre roupas brancas. Uma

> história conhecida dá conta de que Pai Santana teria descido de helicóptero na Gávea e colocado um "trabalho" no campo do rival. Em seguida, o Vasco sagrou-se campeão carioca de 1977 na decisão por pênaltis. (http://globoesporte.globo.com/futebol/times/vasco/noticia/2011/11/ex-massagista-do-vasco-pai-santana-morre-aos-77-anos.html

Embora seja um caso isolado, um feiticeiro chegou a processar o Internacional por não lhe pagar os "serviços" prestados na disputa contra o Grêmio:

> O processo número 01598148052 deu entrada no Quarto Juizado Especial Cível de Porto Alegre no dia 23 de setembro de 1998, sendo autor Sérgio Ruggini, "que trabalha como feiticeiro especializado em trabalhos de feitiçaria para jogos de futebol" (processo p. 0001) e réu o Esporte Clube Internacional. Tratava-se de uma ação de cobrança, pois "no penúltimo campeonato gaúcho (1997) o autor foi contratado pelos réus para segurar o Grêmio na última partida do campeonato, saindo o Inter campeão com o gol do Fabiano. Quando foi buscar o dinheiro acordado entre as partes recebeu informação dos réus que não pagariam" (idem). (http://www.usp.br/revistausp/46/10-arioro.pdf)

Cansada das exibições religiosas da seleção brasileira, como a comemoração da conquista da Copa das Confederaçãoes de 2009 a Fifa, finalmente, decidiu proibir "comemorações religiosas" nos jogos de futebol (Cf. www.estadao.com.br/noticias/impresso, fifa-punira-comemoracao-religiosa,559699,0.htm)

Para não falar da (não de todo surpreendente) recente notícia de que o mais perigoso criminoso do país, condenado a 200 anos de prisão, foi aprovado no vestibular e está cursando ("a distância", naturalmente) faculdade de teologia. Danilo Gentili (não podia faltar piada) comentou: "até o Fernandinho Beira Mar se ligou que recolher o dízimo dá mais dinheiro do que vender drogas" (http://tvuol.uol.com.br/assistir.htm?video=danilo-beiramar-viu-que-dizimo-da-mais-dinheiro-que-drogas-04024D1C3470C8994326&idtTagService=29315&tagIds=4893&orderBy=mais-recentes&edFilter=editorial&time=all&current Page=1).

7. Ainda o fator F

Sérgio Buarque de Holanda fala também da abordagem pessoal do brasileiro:

> O desconhecimento de qualquer forma de convívio que não seja ditada por uma ética de fundo emotivo representa um aspecto da vida brasileira que raros estrangeiros chegam a penetrar com facilidade. E é tão característica, entre nós, essa maneira de ser, que não desaparece sequer nos tipos de atividade que devem alimentar-se normalmente da concorrência. Um negociante da Filadélfia manifestou certa vez a André Sieg-

> fried seu espanto ao verificar que, no Brasil como na Argentina, para conquistar um freguês tinha necessidade de fazer dele um amigo. (ed. cit)

O aspecto F é tão acentuado entre nós, que em reportagem do "Jornal Nacional" sobre a "invasão" de trabalhadores estrangeiros no Brasil (e suas dificuldades de adaptação), um deles, funcionário de um banco, relatava a dificuldade que encontrava em expor sua vida pessoal aos colegas de trabalho:

> Em um lugar como Nova York há uma clara divisão entre o que é sua vida profissional e sua vida pessoal: quanto mais rápido você se adaptar a isso, melhor será para sua vida profissional (http://g1.globo.com/videos/jornal-nacional/t/edicoes/v/numero-de-estrangeiros-trabalhando-no-brasil-cresce-quase-20-em-2011/1598559/)

Nessa mesma linha vai a aguda constatação de Gilberto Freyre em *O Brasileiro entre os Outros Hispanos*: "O hispano pode vir a ser o mestre de uma sabedoria tida, durante séculos, no Ocidente, por hediondo vício: o vício da soberania do homem sobre o tempo, no gozo da vida e na apreciação dos seus valores, com as suas inevitáveis decorrências de impontualidade e de lentidão". Essa afirmação é vista pelo filósofo espanhol Julián Marías como a introdução do ponto de vista pessoal (a pessoa) em tudo, até na língua e exemplifica Freyre com a apropriação pessoal do tempo. Para além do tempo "objetivo", do relógio, o brasileiro inventa o tempo pessoal: "amanheci triste" (não "a manhã" objetiva, do relógio, do tempo impessoal), mas a minha manhã; o meu tempo, a hora de cada um, de Jesus Cristo (que fala de "sua hora") ou de Augusto Matraga.

Não devemos estranhar, portanto, a falta de pontualidade, que tanto choca estrangeiros e torna a vida impossível para quem não conhece os códigos. Se um encanador disser, por exemplo, "amanhã eu dou uma passadinha aí" é inútil tentar arrancar dele uma hora exata: ante a insistência, ele acabará "aceitando" a hora imposta, mas simplesmente não comparecerá no horário agendado. É proverbial também a tendência a deixar tudo para a última hora: todos os anos repete-se a mesma correria e congestionamento do site da Receita Federal: cerca de 15% dos contribuintes deixam para o último dia a entrega da declaração do Imposto de Renda...

8. O F: emoções, susceptibilidades, críticas

Por outro lado, dado esse lado F, tão vigente no Brasil, não é raro encontrarmos, no setor de serviços, profissionais de altíssimo nível no relacionamento humano: simpatia, atenção, carinho mesmo pelo cliente, que mais que um cliente, é um amigo. Isso já lhes vem dado de família e, se unem a esse lado humano a competência técnica, isso os situará entre os melhores do mundo.

Mas, cuidado! O brasileiro é muito susceptível: qualquer falta de atenção pessoal, uma crítica sem mil atenuantes, etc. podem gerar melindres irreparáveis (que dificilmente se externarão de modo verbal, mas que se manifestam precisamente pelo emudecimento ou pela ausência...).

É uma cultura da mágoa, tão arraigada, estendida e vigente, que, se alguém pela forma direta de falar fere o interlocutor, deve empenhar-se ao máximo para desfazer o agravo.

Esses sentimentos foram muito bem capturados na peça publicitária dos postos Ipiranga (abril – 2011), impensável em países como a Espanha, Alemanha ou Japão. Dois atendentes conversam sobre as vantagens das promoções da firma: um deles tem

a (ridícula) ideia de oferecer aos clientes maçãs do amor; o colega o comenta de forma direta (com naturalidade e sem agressividade propriamente): se a rede Ipiranga, oferece tais e tais vantagens e prêmios etc.: “Você acha que alguém vai querer isto aqui? [a maçã do amor]”.

O outro nada diz, toma a maçã da mão do colega, não responde e retira-se emburrado: como é usual no Brasil, uma crítica objetiva é tomada como ofensa pessoal. O colega dá-se conta do problema (“Xi, magoou”) e apressa-se a ir atrás do agravado, apressando-se a dizer que maçã do amor é uma ótima ideia, que ele mesmo quer comprar uma etc.

https://www.youtube.com/watch?v=jd52jFLsWS0

É preciso tomar imenso cuidado para apresentar qualquer crítica, interpelação, correção a um subordinado de condição humilde, uma empregada por exemplo. Em muitos casos (e sinceramente), ela evitará a discussão sobre a questão objetiva e invocará – talvez com choros – aspectos de sua situação de (real) sofrimento na vida: invertendo a culpa e transformando o patrão em carrasco.

É uma cena antológica de “Trair e coçar é só começar”, comédia que está há 27 anos ininterruptos em cartaz (cerca de dez mil apresentações e 6 milhões de espectadores)! A atrapalhada empregada Olímpia, com as melhores intenções, arma graves problemas para a família e, quando, o patrão a interpela, ela tenta desconversar e atalha a discussão chorando: “Ai, Dr. Eduardo, não faz isso comigo, não. Não me

encosta na parede porque eu sofro dos nervos...”.(ver minuto 40 e ss. do vídeo do filme: https://www.youtube.com/watch?v=gyq6rLVeE2U)

Essa atitude de medo é compreensível: afinal, são séculos de opressão de negros, indígenas e pobres e, ainda hoje, infelizmente é comum o arrogante desprezo e agressividade com que muitos brasileiros ricos (sobretudo os novos ricos) e da classe média se comprazem em esbravejar e humilhar os pobres.

Outro fator desconcertante são os eufemismos, que tendem a se absolutizar e excluir o verdadeiro nome das coisas: dificilmente designaremos um homem gordo por gordo, e menos ainda uma mulher! Ela é “fortinha”. “Moço”, e especialmente o feminino, “moça” ou “menina” pode designar uma pessoa qualquer, não necessariamente jovem: com quase 50 anos de carreira, ainda hoje só se fala em “as meninas” do Quarteto em Cy.

O maravilhoso Quarteto em Cy

Em alguns casos, a “bondosa” atitude de não dizer a verdade (não serei eu a dizer a verdade, não serei eu o portador de uma notícia ruim) chega às raias da crueldade: como o daquele nosso conhecido que passou anos tentando ingressar em um doutorado e ninguém se atrevia a dizer-lhe claramente que ele não tinha chances. Essa atitude de não dizer a verdade que fere está na base da campanha publicitária da Visa (“Posso te falar uma coisa?”) na qual alguém está tranquilamente cometendo uma gafe monumental – comprar um ferro de passar para dar de presente para a esposa no aniversário de casamento ou comprar na funerária flores para a namorada – e a vendedora cria coragem para fazer a advertência, mas acaba é dizendo para não pagar em dinheiro: “Pagar com Visa é muito melhor!”

Nunca diga não. Se um mendigo pede esmola num semáforo e você não quer dar, a melhor maneira de dizer não é: "Ih..., hoje eu estou sem; amanhã sem falta!" ou algo parecido.

Por outro lado, a violência aflora mais facilmente no trânsito e em estádios, situações de anonimato, de impessoalidade.

A emoção. Emocionar-se é quase um valor absoluto. A mais emblemática canção do mais apreciado cantor brasileiro, o "rei" Roberto Carlos, é precisamente "Emoções": "Quando eu estou aqui / Eu vivo esse momento lindo / Olhando pra você / E as mesmas emoções Sentindo... (..) / Se chorei ou se sorri / O importante / É que emoções eu vivi..." (http://www.youtube.com/watch?v=fbUSACfeteg)

O *approach* pessoal. O português conseguiu conjugar de modo pessoal o neutro infinitivo: não exercemos o impessoal "sair"; é o nosso sair: "É bom sairmos porque é hora de irmos". Para não falar em extremos - como nos fez notar Sylvio Horta, professor de filosofia da FFLCH, da USP - como o da expressão: "Minha Nossa Senhora!".

O brasileiro faz o próprio impessoal virar pessoal: se o francês diz *on* ("En Espagne on dine rarement avant 22 heures"), no falar daqui prevalece o "você", para que o interlocutor sinta de modo pessoal a situação de que fala: "Na Espanha você não janta antes das dez".

A aproximação pessoal dá-se no vocativo paulista "Ô meu". O pronome oblíquo projeta pessoalização: "Não me bata nesse cachorro" (maltratar o cão é maltratar a mim). Ainda no âmbito do destaque da pessoa, enfatizamos a nossa forma de personalização com o artigo ("fala com a Fabiana ou com o Fernando").

O (ab)uso brasileiro dos diminutivos e aumentativos (e apelidos etc.) unem a perspectiva lúdica com a apropriação pessoal não só de amigos e colegas, mas também de figuras públicas, edificações, instituições etc. Estamos naquela dupla clave a que se referia Gilberto Freyre: a protocolar, formal, dura; e a familiar, pessoal do brasileiro. No futebol, todos são (ou podem ser) chamados por apelidos, diminutivos, aumentativos, primeiras sílabas, gentílicos etc.; mas o árbitro (ou a ainda mais impessoal: "a arbitragem") é designado por sobrenome e tratado de "senhor": "tempo

esgotado, estamos por conta do Sr. Sálvio Spinola". E poucos conhecem o Estádio Olímpico João Havelange, mas somente o Engenhão; e menos ainda o Estádio Governador Magalhães Pinto, o Mineirão!

Os diminutivos e aumentativos são regidos por uma lógica oculta, dificilmente apreensível para o estrangeiro, mas conatural ao brasileiro. Se um marido ou um goleiro cumprem exemplarmente o que deles se espera, são potenciados por "maridão" e "goleirão"; já para o juiz de futebol, "juizão" indica abuso da autoridade, não agir de modo digno: "o atacante claramente se jogou, mas o juizão deu pênalti". E, como dissemos, o diminutivo pode servir também de aumentativo, como quando se diz da moça apaixonada em grau superlativo por um rapaz, que "está caídinha por ele".

É bem conhecida a tendência brasileira – chocante para as *vigencias* de muitos países – de contato físico ao cumprimentar um conhecido ou mesmo ao ser apresentado a um estranho: beijos, abraços etc.

Faz parte mesmo da educação das crianças. Lembro-me do esforço de um casal conhecido para conseguir que seu filho de dois anos desse um beijo no "tio Jean", que os visitava em casa. Após insistentes e inúteis exortações verbais (a situação já estava ficando constrangedora), e mesmo eu dizendo que não era necessário, que deixassem o menino (e o "tio") em paz, os pais não desitiram: tratava-se de um valor essencial na educação e tiveram que apelar para a *ultima ratio*: subornar o menino com um "IV Centenário", o famoso docinho de amendoim (a perversa cultura do açúcar, tão brasileira...).

E quanto á vigência da extroversão, já desde o ingresso na escola, quando as crianças, por exemplo, saem de excursão em ônibus, indefectivelmente passarão o trajeto todo debruçadas nas janelas e (para desespero das professoras) ruidosamente conversando aos gritos com os motoristas e pedestres que estejam pelo caminho. Se alguma criança introvertida hesitar em participar, será vista como um E.T.

Nem tudo são afetividades; ha também um misto de curiosidade e *Schadenfreude*, a irresistível contemplação da desgraça alheia, quando ocorrem acidentes. Muitas vezes, mais do que pelo acidente em si, os engarrafamentos são causados pela paradinha que os motoristas dão quando chegam ao local do desastre (e o congestionamento se dá também nas pistas do sentido oposto: pura curiosidade mórbida). Quanto pior o acidente, maior é o tempo da conferidinha e se tem bombeiro no local, aí é prato cheio... Um time brasileiro vai enfrentar um Tegucigalpa na Libertadores. A torcida dos outros times compra quilos de rojões para o caso de sair um gol do Tegucigalpa. Mas, claro, não assume publicamente essa preferência e, em todo caso, dirá que sua bisavó paterna era hondurenha e que sente uma simpatia pelo Tegu desde criancinha...

(...)

Embora a afetividade e o calor humano sejam virtudes muito brasileiras, nossas formas verbais nem sempre são adequadas. Os estrangeiros sempre se chocam com nosso péssimo hábito de colocar o eu em primeiro lugar numa enumeração: "Eu e Fulano ganhamos um prêmio", "Eu e Beltrano vamos fazer tal coisa". O hábito é tão arraigado que torna incompreensível para nós uma piada do Chaves:

> Chaves: - Eu e o Quico estamos brincando de esconde-esconde...
> Prof. Girafales: - Chaves, não é assim que se diz, mas: "O Quico e eu estamos brincando de esconde-esconde..."
> Chaves: - O senhor também está brincando de esconder com o Quico?

9. Voltando ao Guia do brasileiro no Japão

Claro que há cativantes e inegáveis virtudes no ESFP (o tipo keirseyiano do "brasileiro"): o proverbial calor humano que permeia nossas relações, a alegria, a espontaneidade, a generosidade e, para o bem e para o mal, a informalidade e a irresistível vocação lúdica etc.

O problema é que há também disfunções típicas nesse perfil, a começar pelo pouco senso de privacidade: o brasileiro expõe suas preferências e até o nome dos filhos em adesivos do carro; fala no celular de seus problemas familiares em alto e bom som, sem se importar com o fato de estar rodeado de desconhecidos; e é capaz de abrir sua intimidade com o primeiro que senta a seu lado no metrô, como se mostra no recente livro "Entre o trem e a plataforma", de Lucimar Mutarelli.

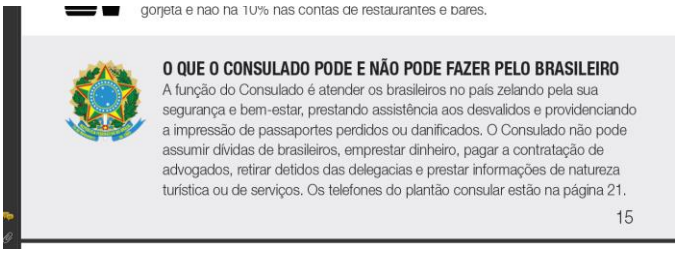
Já no Japão, não se fala ao celular em transportes coletivos, ninguém se expressa ruidosamente em público e o apreço pela privacidade leva os leitores a encaparem os livros que lêem no ônibus, trem ou metrô. É a oposição entre o "exibido" e o "reservado".

Outra disfunção do ESFP, chocante, no caso, é a tendência a ser "folgado", a resolver tudo com "esperteza". Imaturidade, irresponsabilidade e impulsividade são outras disfunções que Keirsey aponta como próprias de nosso tipo SP. Dado nosso acentuado fator F, é muito mais fácil, por exemplo, "furar" uma fila no Brasil do que na América ou na Europa, onde o atrevido seria imediatamente repreendido e energicamente enquadrado. Por aqui, em geral, haverá alguns segundos de hesitação: quem – todos estão irritados com o fato – irá tomar a incômoda iniciativa de iniciar o "conflito"? Provavelmente, haverá antes um certo murmúrio – inicialmente em voz baixa ("Tem gente que não se toca, né?" etc.) – que irá crescendo até que alguém, finalmente, interpele o atrevido. Não por acaso, há diversas formas verbais – "folgado", "abusado", "cara de pau", "espertinho" etc. – para identificar e reprimir os que abusam do nosso lado F.

Se no Brasil, nossas vigências legitimam muito dessa expansividade brincalhona; no Japão, território T e F, não funciona. Daí que por via das dúvidas o Guia, advirta por exemplo: "Evite falar alto nos transportes públicos, batucar [sic] ou tocar qualquer tipo de instrumento. Você pode ser retirado do local."

Por detrás da seriedade do Guia (documento referendado pelo selo do Ministério de Relações Exteriores) e suas advertências, pressente-se um toque do lúdico brasileiro em seu autor (há impagáveis ícones, como o que instrui o torcedor a não pular em cima dos assentos do estádio).

Mas a crua clareza do Guia é necessária ante o temor de nossas autoridades diplomáticas:



Muito obrigado.

Recebido para publicação em 08-03-13; aceito em 07-04-13

As diferentes formas de liderar

João Sérgio Lauand[17]

Resumo: O artigo analisa como os diferentes tipos psicológicos de David Keirsey se comportam liderando pessoas. Mostra que sua atuação é influenciada pela sua forma psicológica. Apresenta sugestões que podem ser úteis no trabalho e convivência, baseadas na diferentes formas de liderar e nas capacidades e habilidades de cada um.
Palavras Chave: David Keirsey. Tipos de Temperamento. Liderança.

Abstract: This study analyzes the leadership of the different psychological types of David Keirsey. It tries to show that its behavior depends on his psychological form. The study offers some suggestions that can be useful in work and relationship, based on different forms of leadership and in the capabilities of each one.
Keywords: David Keirsey. Temperament Types. Leadership.

As teorias de Temperamento de David Keirsey

Seguindo tantos outros autores, o psicólogo norte-americano David Keirsey afirmou em suas teorias que todos nós podemos ser distribuídos por quatro características de temperamentos. A humanidade pode ser dividida, então, em quatro grandes grupos, e cada um de nós estará em um deles. Usando a terminologia de Aristóteles ele os designou por Artesãos, Guardiães, Racionais e Idealistas. Temos escrito já sobre diferentes aspectos de sua teoria. Gostaríamos hoje de deter-nos um pouco sobre a diferente forma de liderar que –segundo Keirsey- cada um desses grupos apresenta.

Keirsey define temperamento como uma configuração de inclinações. Essa configuração vai ter um peso muito grande em minhas decisões, reações, sentimentos etc. Observando os resultados dos estímulos da vida sobre cada um de nós, ele chegou a quatro grandes grupos que demonstram diferentes formas de se relacionar, de conviver com regras, de trabalhar mais com o concreto ou com o imaginativo etc.

É claro que nossas reações e decisões dependem de muitos outros fatores além do temperamento: da educação, do meio em que cada um está, do desejo de agradar e de ser estimado etc. De qualquer forma a marca do temperamento acompanha cada um de nós, influenciando nosso comportamento.

Pode se observar que os quatro grupos distintos têm também diferentes formas de liderar e conduzir as pessoas, quando ocupam cargos ou posições que incluem essas necessidades. Keirsey aplica suas teorias a quatro personagens históricos bem conhecidos: Churchill, Washington, Lincoln e Gandhi, respectivamente, Artesão, Guardião, Racional e Idealista.

Esses quatro personagens têm formas específicas e distintas de liderança que poderíamos chamar: Tática, Logística, Estratégica e Diplomática. Penso que, em geral, consideramos essas palavras (com exceção da Diplomática) quase como sinônimas e teríamos alguma dificuldade para encontrar as diferenças entre elas. Os próprios

[17]. Doutor em Educação Feusp. O artigo recolhe notas da conferência do autor "Liderança e os tipos de Keirsey" no *XIII Seminário Internacional Filosofia e Educação* - Cemoroc Feusp, 19-05-12.

dicionários chegam quase a confundir algumas delas em determinados conceitos. Vejamos como Keirsey apresenta cada uma delas.

As Inteligências de cada grupo

Tática é a realização de movimentos inteligentes para melhorar a própria posição, seja empregada por Operadores em suas empresas ou Artistas em suas performances.

Logística é o manejo inteligente de bens e serviços, quer no papel de Administradores de regulamentos ou de Conservadores de medidas de manutenção.

Estratégia é a capacidade de trabalhar com sistemas, isto é, idealizar modos e meios complexos de conseguir metas bem definidas, que possuem tanto os Coordenadores que formulam ordens concatenadas como os "Engenheiros" que constroem organizações complexas.

Diplomacia é o talento natural para trabalhar com pessoas, que se manifesta tanto no Mentor que intervém no desenvolvimento pessoal como no "Advogado" que realiza a mediação entre pessoas.

Detendo-nos nesses tipos de inteligências apresentados pela teoria de Keirsey percebemos sua coerência. Em primeiro lugar vemos que na própria conceituação ele já nos introduz as subdivisões que cada tipo apresenta. Assim, temos os Operadores e Artistas, Administradores e Conservadores, Coordenadores e "Engenheiros", Mentores e "Advogados".

É de se esperar que as atividades preferidas de cada grupo, ao liderar, estejam entre as que saibam fazer com gosto, desenvoltura e naturalidade. Aos Artesãos corresponde a Tática, que é definida como realização de movimentos. Keirsey insiste que os Artesãos, como o próprio nome diz, são os mais ativos de todos e, portanto, realizar movimentos lhes corresponde bem.

Fica reservado para os Guardiães manejar bens e serviços, o que é coerente com sua preocupação com os bens e orçamentos, com a família e as tradições, sua visão voltada para o passado e a experiência. Esses dois primeiros tipos são a maioria da população e também os mais voltados para o concreto e a realidade das coisas, para o material.

Os outros dois tipos são mais imaginativos, voltados mais para o possível do que para o concreto. Os Racionais dão-se bem com os sistemas, com construir teoricamente meios de atingir seus objetivos. Já os Idealistas são muito aptos para lidar com as pessoas, seja modelando-as individualmente ou costurando acordos entre elas.

Se nos detivermos agora em observar os exemplos de personagens introduzidos por Keirsey, podemos notar que eles utilizaram suas habilidades pessoais e específicas para atingir os objetivos que o momento histórico lhes exigia. Churchill se deparou com a necessidade de empregar toda sua energia e atividade para elevar a moral de seu povo e conseguir os apoios políticos necessários. Washington e Lincoln, com temperamentos muito diferentes, um Guardião e o outro Racional, serviram-se deles para seus fins: o primeiro a Independência de seu país e o outro sua Unidade. Gandhi foi o gênio Idealista, um sábio da diplomacia natural, que soube arrastar milhões de pessoas e agir sobre a consciência de seus opressores.

Como liderar

O tipo de papel inteligente que cada um de nós desempenha, sejamos líderes ou liderados, é determinado –em geral, bem mais do que pensamos- por nosso temperamento.

O objetivo de um líder, seja qual for seu temperamento, é realizar um plano de tarefas para atingir um fim específico. Esses fins não são atingidos imediatamente, mas requerem, em geral, o trabalho de uma equipe, por um tempo determinado. Os resultados serão então muito melhores se os líderes souberem considerar qual é seu temperamento e o de seus subordinados. Como as metas costumam ser complexas, cabem todos os papeis em sua realização. Trabalhos novos e dificuldades inesperadas requerem Artesãos. Os Guardiães são muito bons para seguir as regras e manter o Espírito das organizações. Já os Racionais são os adequados para preparar planos e sistemas visando os objetivos. Para lidar com as pessoas, motivá-las e animá-las a não se cansarem no caminho das metas cabem muito bem os Idealistas. Boa parte do trabalho de um líder está em compreender o que realmente é necessário, e quem são as pessoas adequadas para conseguir essas metas. Muitos dos fracassos famosos registrados pela História tiveram como protagonistas pessoas muito capacitadas para um tipo de tarefas, realizando operações para as quais estavam muito menos habilitadas.

Portanto, uma das tarefas importantes de quem está à frente de qualquer grupo é identificar bem o temperamento, tipo de inteligência e habilidades dos que trabalham com ele. São fatores interligados, já que o tipo de inteligência depende do temperamento e as habilidades do tipo de inteligência.

Podemos dizer que liderar bem é distribuir as pessoas pelas tarefas onde são mais eficazes, e depois motivá-las para que desempenhem o que se espera delas. Keirsey pensa que o desejo de agradar aos chefes costuma ter um papel ainda mais importante que receber uma retribuição financeira ou o gosto pelo trabalho. Especialmente se as pessoas estão motivadas, se entusiasmam com a obtenção de resultados e não se sentem meros cumpridores frios de tarefas, que esperam apenas o momento de deixar aquele local e ir ao que realmente desejam.

Se o elemento da equipe trabalha bem para agradar ao chefe, é natural que este lhe agradeça pelo que faz. Isso pode ser especialmente difícil para alguns tipos de temperamentos de líderes que pensam que seu pessoal apenas cumpriu o seu dever, já recebe um ordenado pelo que faz ou que o elogio e agradecimento podem estragar aqueles que os recebem. A experiência diz que quando as pessoas não são valorizadas pelos chefes ficam descontentes e acabam procurando, em primeiro lugar, alguma pessoa com quem desabafar e serem reconhecidas por seu trabalho. Em todos os grupos costuma haver esses “confidentes”. Se a situação persiste, vão procurar outro local de trabalho, onde as valorizem. Por tudo isso, Keirsey considera muito importante esse aspecto do agradecimento. Ele sugere que haja reuniões com essa finalidade.

Resumindo o que foi dito acima, pode-se dizer que se a primeira tarefa do líder é definir metas e encontrar as pessoas para realizá-las, a segunda é valorizar os que se esforçam para atingir essas metas.

Outra dificuldade que pode haver para que isso se torne realidade é que todos temos relativa facilidade para valorizar o que nos parece que tem mérito. Já não temos o mesmo reconhecimento com virtudes que não possuímos ou não valorizamos tanto. A pessoa rápida e prática para solucionar dificuldades vai valorizar todos as que são iguais a ela, mas não terá bons olhos para ver o que prefere, por exemplo, soluções mais lentas porém mais duradouras. O mesmo vale para todas as diferenças temperamentais que apontamos acima. Para citar mais um exemplo, os Artesãos e Guardiães têm mais facilidade para atuações concretas, enquanto os Racionais e Idealistas para os aspectos abstratos. É natural que valorizemos mais aquilo para o que temos mais facilidade.

Uma outra aplicação prática de tudo o que dissemos poderia ser conhecer nosso temperamento, perceber o que temos tendência a valorizar nas pessoas que trabalham conosco e reconhecer quais são, por outro lado, as características e virtudes dessas mesmas pessoas que, apesar de muito importantes e indispensáveis para nossos projetos, não percebemos, ignoramos ou não valorizamos o suficiente.

Vemos assim que a teoria de temperamentos tem algo a dizer sobre nosso trabalho em conjunto com os outros, e pode suavizar diferenças as diferenças que existem entre as formas de agir.

Recebido para publicação em 03-04-12; aceito em 28-04-12

Revista Internacional d'Humanitats 43 mai-ago 2018
CEMOrOc-Feusp / Univ. Autònoma de Barcelona

Keirsey, tradicionalismo religioso e educação - a *prudentia*

Chie Hirose[18]
Enio Starosky[19]

Resumo: O artigo discute o discurso do tradicionalismo religioso no Brasil de hoje, focando em como é tratada pelo neoconservadorismo a clássica virtude da *prudentia*, valendo-nos da tipologia de David Keirsey, no caso: a oposição entre os fatores J e P.
Palavras Chave: tradicionalismo religioso. neo-conservadorismo. *prudentia*. David Keirsey. educação.

Abstract: This article discusses Brazilian contemporary religious traditionalism – in the new right-wing and neo-conservatives movements – focusing on the classical virtue of *prudentia* and from a Keirsey's typology point of view (J xP).
Keywords: Brazilian religious traditionalism. neo-conservatives. *prudentia*. David Keirsey. education.

A volta do tradicionalismo religioso

A nova direita, o neoconservadorismo voltam, por vezes agressivamente, a mostrar a cara, junto com tradicionalismos religiosos, que hoje não têm mais receio em aparecer como tais.

Julián Marías falava de um fator das transformações que ocorrem nas sociedades a cada 15 anos, quando uma nova geração se manifesta com seu repertório de *vigencias*. Os programadores da rede Globo parecem seguir essa teoria: após 15 anos de "Zorra Total", esgotaram-se as velhas *vigencias* de humor (piadinhas ordinárias de duplo sentido, estereótipos de homossexualismo etc.) e são substituídos pelo novo "Zorra", com novas tendências menos popularescas. Após 15 anos, sai do ar "A Grande Família"; Bial deixa o comando do BBB etc. E também o *Pânico na Band* (junto com os anos de *Pânico na TV*) cumpriu seus 15 anos e no dia 24-12-17 foi sua última edição.

Claro que o protagonismo dessas novas tendências – inimaginável há 15 anos – não se deve creditar a uma (mera) mudança generacional, mas a diversos outros fatores como a organização de "movimentos", o fomento de um maniqueísmo cultural simplificador – que, por exemplo, nos episódios de 2017 da exposição do Santander em Porto Alegre e o da performance do MAM em São Paulo, reduziram complexas formas de expressão ao rótulo de "pedofilia" –, a formação de uma "tropa" fanatizada que atende a palavras de ordem, ao sabor do ódio fomentado nas redes sociais; etc.

A nova direita e os neoconservadores vão proclamando suas visões religiosas. Neste artigo, pretendemos discutir – à luz dos fatores de David Keirsey e visando a Educação – um aspecto dessa conjunção: como o tradicionalismo religioso está enfocando a virtude da *prudentia*. E neste artigo privilegiaremos o relacionamento ao fator J, do par keirseyiano J X P.

---

[18]. Doutora e Pós doutora pela Feusp. Mestre em Antropologia pela Universidade Federal de Hiroshima.. Professora de Ensino Fundamental I da rede municipal de São Paulo.
[19]. Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Diretor do Colégio Luterano São Paulo.

Claro que essa situação pode ser analisada por muitos ângulos, como por exemplo, o problema do estado laico: em um comício Jair Bolsonaro já avisou que seu slogan "Deus acima de todos!" significa que "Não tem essa historinha de Estado Laico, não!" (cf. https://www.youtube.com/watch?v=Cs0ISzzdZF0).

A clássica virtude da *Prudentia* – a virtude da decisão certa

O particular recorte deste nosso artigo – a consideração da clássica virtude da *prudentia* – poderia parecer, à primeira vista, uma bizantinice acadêmica. Na realidade, trata-se de exatamente o contrário: o modo de considerar a *prudentia* tem o dom de manifestar toda uma visão de mundo.

Para evidenciar isto, porém, é necessário recordar o que é a original *prudentia* (precisamente devido à enormes mal entendidos é que a grafamos em latim...). E para isto, é natural que nos permitamos, neste tópico, o constante recurso aos estudos do maior especialista brasileiro em Tomás de Aquino e sua doutrina de virtudes: o Prof. Jean Lauand, especialmente em seu estudo introdutório às traduções que fez de Santo Tomás (Lauand 2014).

Comecemos pelo principal fator de desorientação: nossa palavra "prudência" hoje não tem nada que ver com a clássica *prudentia*.

> Como mostra C. S. Lewis[20], dá-se frequentemente, sobretudo no campo da ética, uma autêntica inversão de polaridade[21]: aquela palavra que originalmente designava uma qualidade positiva, esvazia-se de seu sentido inicial ou passa até a designar uma qualidade negativa. Foi o que aconteceu, entre outras, com as palavras "prudente" e "prudência". Atingidas ao longo dos séculos pelo subjetivismo metafórico e pelo gosto do eufemismo[22]; "prudência" já não designa hoje a grande virtude, mas sim a conhecida cautela (um tanto oportunista, ambígua e egoísta) ao tomar (**ou ao não tomar...**) decisões.
> (Lauand 2014, p. VIII-IX), grifo nosso.

Essa perversão semântica não pode ocorrer sem drásticas consequências para a sociedade e, sobretudo, para as igrejas cristãs. É conhecido o princípio (Josef Pieper) que afirma que uma realidade só pode se manter viva se dispuser de uma palavra viva que a nomeie (e vice-versa). Como os cristãos podem viver a *prudentia* se não dispomos sequer de uma palavra em nosso léxico vivo para ela? E isso se agrava muito quando temos em conta que não se trata aqui de uma virtude qualquer, mas de uma das quatro virtudes que, desde sempre, têm sido consideradas virtudes *cardeais*, isto é, os 4 gonzos, eixos, que permitem abrir a porta da Vida.

Nesse mesmo sentido, Julián Marías (1999):

> Há uma coisa que me preocupa, e já o disse muitas vezes. Que, enquanto o vocabulário de uma área particular, de um campo profissional técnico, de um ambiente específico, na agricultura, por exemplo, ou na pecuária — enquanto esses vocabulários específicos possuem uma riqueza enorme, tudo o que um homem pode sentir por

[20]. É o tema de fundo de seu clássico *Studies in Words*, Cambridge at the Univ. Press, 1960.
[21]. "*The remarkable tendency of adjectives which originally imputes great goodness, to become terms of disparagement*" op. cit., p. 173.
[22]. Ibidem, cap. I. Cfr. também COPLEY, J. *Shift of Meaning*, London, Oxford University Press, 1961.

> outra pessoa resume-se — em todas as línguas que conheço — a meia dúzia de palavras. Algumas positivas, como "amizade", "amor", "ternura", "simpatia", "carinho", e outras tantas negativas. Parece-me muito restrito. Eu tenho quatro filhos, já adultos, e eu os amo de quatro maneiras diferentes. Há uma variedade imensa do amor, e a língua não reflete essa variedade. É uma limitação esquisita. Talvez devida a uma certa desatenção pelos sentimentos, pelos conteúdos anímicos, em contraste com a refinada atenção dedicada às técnicas da agricultura, da medicina... E às mil maneiras de dar um chute numa bola! E isso porque há um interesse especial. Muitas pessoas gostam de futebol e precisam distinguir os diferentes matizes dessa atividade. E, em contraste, o que uma pessoa sente por outra — e é algo mais difícil, sem dúvida — não desperta tanto interesse. Eu fico muito perplexo com este fato.

A problematicidade atinge níveis alarmantes quando nos damos conta de que na Tradição cristã (**a verdadeira, no singular e com maiúscula: que os tradicionalistas insistem em ignorar!**) a virtude da *prudentia* é **a principal** das quatro virtudes cardeais: e isso não como primeira *inter pares*, mas em um plano superior: como diz Tomás de Aquino, ela é a mãe das virtudes, *genitrix virtutum* (*In III Sent.*, d 33, q 2, a 5, c) e piloto das virtudes, *auriga virtutum* (*In IV Sent.*, d 17, q 2, a 2, dco).

E não se trata só de tradição católica: a maior unanimidade entre os cristãos evangélicos, C. S. Lewis, precisamente no clássico em que trata do "denominador comum" de todos os cristãos, *Mere Christianity* (2015), dedica inteiramente a seção III.2 às quatro virtudes cardeais: Prudência, Justiça, Fortaleza e Temperança.

E para complicar ainda mais, não se trata somente de um "esvaziamento" semântico da palavra nem da mera ausência da palavra, mas de uma **perversão**, na qual a nossa palavra passa a significar o oposto da original. É um fenômeno analisado também por C. S. Lewis (1960, verbete *Simple*), que fala da "notável tendência" à inversão do sentido original de palavras fundamentais, que as levam – no curso do tempo – ao oposto de seu significado autêntico: foi o que aconteceu com simples, prudência etc.

E mais:

> Se hoje a palavra *prudência* tornou-se aquela egoísta cautela da indecisão "em cima do muro"; em Tomás, ao contrário, *prudentia* expressa exatamente o oposto da indecisão: é a arte de decidir-se corretamente, isto é, com base não em interesses oportunistas, não em sentimentos piegas, não em impulsos, não em temores, não em preconceitos etc., mas, unicamente, com base na *realidade*: em virtude do límpido conhecimento do ser. É este conhecimento do ser que é significado pela palavra *ratio* na definição de *prudentia*: *recta ratio agibilium*, "reta razão aplicada ao agir", como repete, uma e outra vez, Tomás.
>
> *Prudentia* é ver a realidade e, com base nessa visão, tomar a decisão certa. Por isso, como repete Tomás, não há nenhuma virtude moral sem a *prudentia*, e mais: "sem a *prudentia*, as demais virtudes, quanto maiores fossem, mais dano causariam" (*In III Sent.* d 33, q 2, a 5, sc 3). Com as alterações semânticas, porém, tornou-se intraduzível, para o

> homem de nosso tempo, uma sentença de Tomás como: "a *prudentia* é necessariamente corajosa e justa"[23]. (Lauand 2014, p. X).

A virtude da *prudentia* recebe uma definição precisa e enxuta: *recta ratio agibilium* (I-II, 56, 3, inter coetera): reta razão aplicada às possibilidades de ação. É interessante notar que a principalíssima das virtudes cardeais é uma virtude intelectual!! Claro que não se trata aqui da *raison raisonnante*, mas da razão que sabe abrir-se à realidade e captar nela o que é o bem para esta situação concreta, pois se trata de um discernimento que procede da inteligência do "coração" de um homem bom ("por que pensais mal em vossos corações" - Mt 12, 25), que tem o olho são (simples, prudente) ("Se o teu olho for são, todo teu corpo será luz - Mt 6, 22).

De novo Lauand (2014, p. XI)

> Mas este ver a realidade é somente uma parte da *prudentia*; a outra parte, ainda mais decisiva (literalmente) é transformar a realidade vista em decisão de ação, em comando: de nada adianta saber o que é bom, se não há a decisão de realizar este bem...
> O nosso tempo, que se esqueceu até do verdadeiro significado da clássica *prudentia*, atenta contra ela de diversos modos: em sua dimensão cognoscitiva (a capacidade de ver o real, por exemplo, aumentando o ruído – exterior e interior – que nos impede de "ouvir" a realidade) e em sua dimensão prescritiva, no ato de comandar: o medo de enfrentar o peso da decisão, que tende a paralisar os imprudentes (pois, insistamos, a *prudentia* toma corajosamente a decisão boa!).

A primazia da *prudentia* assenta-se, assim, sobre sua capacidade de ver o bem e tornar essa visão em decisão de ação. E com isto ainda não explicitamos as imensas dificuldades que o tradicionalismo religioso terá com essa virtude.

O tradicionalismo religioso e a virtude da *Prudentia*

A *prudentia* torna-se problemática para as religiões, quando, avançando um pouco mais na doutrina clássica, consideramos mais concretamente as características dessa virtude. Porque ela versa sobre o bem no "**aqui e agora**", nesta minha situação concreta, a *prudentia* foge ao controle externo e é necessariamente qualidade de cada homem, de cada fiel, sem que haja possibilidade de padres, pastores, bispos, gurus etc. terem protagonismo nesse processo de decisão, que compete tão somente ao homem prudente.

Vale a pena, pela clareza, uma citação mais longa:

> O "Tratado da Prudência" é o reconhecimento de que a direção da vida é competência da pessoa, e o caráter dramático da *prudentia* se manifesta claramente quando Tomás mostra que não há "receitas" de bem agir, não há critérios comportamentais operacionalizáveis, porque - e esta é outra constante no *Tratado* - a *prudentia* versa sobre ações contingentes, situadas no "aqui e agora".
> É que a *prudentia* é virtude da inteligência, mas da inteligência do concreto: a *prudentia* não é a inteligência que versa sobre teoremas ou

[23]. *Nec prudentia vera est quae iusta et fortis non est*. I-II, 65, 1.

> princípios abstratos e genéricos. Não! Ela olha para o “tabuleiro de xadrez” da situação presente, sobre a qual se dão nossas decisões concretas, e sabe discernir o “lance” certo, moralmente bom. E o critério para esse discernimento do bem é: a realidade! (2014, p. XII)

Lauand explica, assim, que o problema está em saber discernir, no emaranhado de mil possibilidades que esta situação me apresenta (o que devo dizer a este aluno?, compro ou não compro?, caso-me ou não?, devo responder a este *mail*? etc.), os bons meios concretos que me podem levar a um bom resultado, à plenitude da minha vida, minha realização enquanto homem. E para isto é necessário ver a realidade concretamente. De nada adiantam os bons princípios abstratos sem a *prudentia* que os aplica - como diz Tomás - ao "outro polo": o da realidade (o que significa "amar o próximo" nesta situação concreta?).

> Embora haja um certo e um errado objetivos, um “*to be or not to be*” pendente de nossas decisões, a condição humana é tal que – muitas vezes – não dispomos de regras operacionais concretas para decidir.
> Lauand (2014, p. XII)

Tal como para o bom lance no xadrez, há até critérios gerais objetivos... mas não operacionais concretos!

Com isto viemos dar no fato incontornável de que é unicamente ao indivíduo, ao fiel – e não à Igreja, não aos ministros, não ao diretor espiritual – a quem cabe decidir sobre sua vida, sobre as mil situações que se lhe apresentam no cotidiano. E isto, convenhamos, é intolerável para certos líderes espirituais que têm a pretensão de dominar a consciência dos fiéis de sua igreja, que é, afinal, possibilitar o protagonismo de cada cristão na condução de sua vida.

> Qualquer atentado contra a *prudentia* tem como pressuposto a despersonalização, a falta de confiança na pessoa, considerada sempre "menor de idade" e incapaz de decidir e, portanto, devendo transferir a direção de sua vida para outra instância: a Igreja, o Estado etc. Em qualquer caso, isso é sempre muito perigoso...
> Lauand (2014, p. XVIII)

Daí que muitos ministros religiosos prefiram suprimir de seu discurso a virtude da *prudentia* ou promover sua neutralização semântica!

E nessa tarefa encontram, em muitos casos, uma inesperada cumplicidade: a do próprio fiel. E é que a *prudentia* envolve um lado dramático, muito pesado: o fardo de tomar decisões. A imprudência é, acima de tudo, medo de decidir e é muito forte a tentação de delegar essa responsabilidade para a Igreja. Ainda mais em uma sociedade na qual somos “educados” – tristemente também muitas vezes pela escola – para a reprodução automática e para o definhamento da criatividade.

> É dessa dramática imprudência da indecisão, que tratam alguns clássicos da literatura: do "*to be or not to be...*" de *Hamlet* aos dilemas kafkianos (o remorso impõe-se a qualquer decisão), passando pelo "Grande Inquisidor" de Dostoiévski, que descreve "o homem esmagado

> sob essa carga terrível: a liberdade de escolher"[24] e apresenta a massa que abdicou da *prudentia* e se deixa escravizar, preferindo "até mesmo a morte à liberdade de discernir entre o bem e o mal"[25]. E, assim, os subjugados declaram de bom grado: "Reduzi-nos à servidão, contanto que nos alimenteis"[26]. Lauand (2014, p. XIII-XIV)

Os fatores J/P de Keirsey e a tomada de decisões

David Keirsey propôs sua psicologia da personalidade em uma tipologia que distingue 4 temperamentos e 16 tipos, baseados em combinações dos pares de distinções de preferências, que remontam à também famosa proposta de Myers-Briggs (que, por sua vez, remetem a Jung): E/I, S/N, F/T e J/P.

Para nossa pesquisa, interessam os dois últimos pares acima: neste artigo examinaremos o par J/P (deixando o par F/T para um próximo estudo).

O problema de que nos ocupamos aqui, o da decisão é precisamente o da distinção J/P. Como alguém se sente ante uma decisão tomada / situação aberta é, para Keirsey (1984, p. 22 e ss.) a base da distinção entre a preferência J (de *Judging*) e a preferência P (de *Perceiving*), indicando que aqueles preferem a conclusão e a resolução de um assunto; enquanto estes preferem manter opções abertas e fluidas.

Até mesmo em seu *Sorter*, Keirsey (1988, p. 6) na pergunta 28 vai direto ao ponto da distinção entre J e P:

> 28. Are you more comfortable
> _(a) after a decision _(b) before a decision

Certamente, as preferências, os temperamentos e os tipos, são rigorosamente neutros do ponto de vista ético (pode-se ser santo ou pecador sendo SP, SJ, NF ou NT; J ou P etc.). Mas isto não impede que – sempre mantendo a neutralidade ética de princípio – haja uma maior tendência para este ou aquele tipo em lideranças religiosas: se nos atemos, por exemplo, ao par E/I (extroversão / introversão), evidentemente haverá muitos mais ministros E do que I (sem que isto nos informe nada sobre a qualidade religiosa desses sujeitos).

Assim, parece-nos que haja uma maior tendência entre líderes religiosos tradicionalistas para a preferência J, das decisões tomadas, que melhor "conecta com um aspecto externo que prefere a arrumação e a ordem: horários, datas, planejamento etc. enquanto o P propende mais ao 'deixa a vida me levar'" (Lauand 2018, p. 31).

O fator J é aquele que expressa a preferência por situações de decisão tomada, fechadas, que se sente incômodo com a indeterminação. Em uma surpreendente e felicíssima tirada, o famoso cineasta Michael Moore associou esse fator J ao voto republicano em Trump (e, claro, podemos aplicar esses argumentos ao tradicionalismo religioso). Pouco antes das eleições americanas, ele gravou um *stand up* – "Moore in Trumpland" – na cidadezinha de Wilmington, reduto republicano, com 90% de eleitores de Trump. Dirigindo-se a eles, disse:

> You know, these Trump voters, my friends, are going to be up 5:00 in the morning on Election Day. They're up at 5:00 in the morning a lot.

[24]. DOSTOIÉVSKI, Fiódor M. *Os Irmãos Karamázovi* São Paulo, Ouro, s.d., p. 226.
[25]. Ibidem, p. 225.
[26]. Ibidem, p. 224.

> The only time we see 5:00 in the morning is when we've been up partying all night. That's—that's 5:00 in the morning. Yeah, right.
> Come on, everybody in here has got a conservative in the family, right? Many of you brought that person with you here tonight—a brother, a father, an uncle, a brother-in-law (...). And they are the organized one in the family. They never lose their car keys. The conservative—they've got little hooks in the—by the back door, with a label on each hook. That's my beamer (BMW) key. That's my F-150 key. That's the key for the car Matthew McConaughey [Oscar 2014 hoax que apoiou Trump] drives. Our side, we're like—this is how we—this is how we sound. This is how we sound: "So, uh, where do you want to go eat tonight?" "I don't care. Where do you want to go?" "I don't know, wherever you want to go." "No, no, no, no, you picked last time." "No, I—seriously, wherever you want." This is like—this is like—the conservatives, they're like, "Get in the car! We're going to Outback! Get in there!" Decisive! Organized! Disciplined! You've got to admire that about them. (cit. em Lauand 2017, 30-31).

Os tradicionalistas e a supressão da *prudentia*

"Decisive! Organized! Disciplined!" é não só o típico eleitor republicano de Trump, mas também o nosso pregador tradicionalista.

A conexão entre o tradicionalismo religioso e a preferência J fica mais clara quando ponderamos com Lauand (2014, p. XI)

> Uma das mais perigosas formas de renúncia a enfrentar a realidade (ou seja, a renúncia à *prudentia*) é trocar essa **fina sensibilidade de discernir** o que, naquela situação concreta, a realidade exige por critérios operacionais rígidos, como num "Manual de escoteiro moral" ou, no campo do direito, num estreito legalismo à margem da justiça.

Seguindo esse raciocínio de Lauand, encontraremos características do radicalismo religioso. Tal como o "Ministério do Vício e da Virtude" do regime Taliban, algumas comunidades cristãs - em vez de afirmar o direito (e o dever) do fiel de discernir o que é bom em cada situação pessoal concreta - simplificam grosseiramente: em caso de dúvida, é pecado e pronto! Além de estabelecerem – por vezes, literalmente – milhares de preceitos em seus códigos, capazes de fazer inveja ao mais fanático dos fariseus.

Nesse sentido, vale recordar a triste figura do fundador dos Arautos do Evangelho, Mons. João Clá (em 2017, afastado – por escândalos – da direção da instituição...). Há cerca de 15 anos, em uma entrevista para o Fantástico, comandando um duro "exercício militar" para seus jovens monges, no estilo do treinamento da "Tropa de Elite", ele declarava:

> Me encantou sobretudo o Regulamento Disciplinar do Exército, o RDE. É um... calhamaço [nesse ponto, o religioso fala com entusiasmo e emoção], cheio de regras e regras e regras e regras. (vídeo completo em https://www.youtube.com/watch?v=qB7l5Uj1At4)

Nesse mesmo vídeo, pode-se ver um dos Arautos, lendo o capítulo X do livro de Regras da ordem:

> “Do modo de lavar as mãos.”
> Molhar as mãos, impregnar de sabão a palma das mãos, friccionar as palmas e depois o dorso. Primeiro a mão direita sobre a esquerda; depois a esquerda sobre a direita, sucessivamente.
> “Do modo de pentear-se”
> Umedecer os cabelos e aplicar fixador, se precisar. [...]
> Etc. etc. etc.

Tudo isto aprovado solenemente pela Igreja Católica!! Logo o Vaticano, que sempre primou pela seriedade...

Arautos e Arautas em desfile (religioso ou paramilitar?)
https://www.youtube.com/watch?v=QR5PBvCe8Yg

Na mesma linha da supressão da *prudentia*, de não deixar nada ao discernimento do fiel, está a atuação da Cúria Romana, na elaboração do Catecismo da Igreja Católica. Como se sabe, a versão definitiva desse Catecismo (1997), foi feita só por membros da Cúria, presididos pelo então Card. Ratzinger (notadamente um acentuado J!). O texto base foi o Catecismo (provisório, de 1992) elaborado por uma comissão de cardeais e bispos, que receberam contribuições de milhares de bispos e teólogos de todo o mundo.

Emblemático nessa mudança promovida pelo Card. Ratzinger é o veto ao ponto 2532 (sobre a culpa no ato de masturbação) da versão provisória de 1992 (C-92)

> Outro exemplo: nas edições espanholas, algumas mudanças de C-92 para CIC aparecem ainda mais acentuadas. Como no caso do ponto 2352, no qual C-92 indicava a necessidade de se levar em conta na avaliação moral da masturbação diversos fatores psíquicos ou sociais “*que reducen, e incluso anulan la culpabilidad moral*”; formulação que, em CIC, foi substituída por: “*que pueden atenuar o tal vez reducir al mínimo la culpabilidad moral*”.
> Na substituição de “reduzem” por “podem atenuar”, a introdução do “podem” é de efeito psicológico, pois, uma vez que são subjetivos os fatores atenuantes (“imaturidade afetiva, força dos hábitos contraídos, o estado de angústia ou outros fatores psíquicos ou sociais”), sua função parece ser só a de manter a sensação de culpa (o fiel não pode excluir a culpa, auto-avaliando fatores subjetivos). Como também a substituição de “anulam a culpabilidade moral” por “talvez reduzir ao mínimo a culpabilidade moral”. Afinal, a própria existência do sacramento da

> confissão, em diálogo vivo entre penitente e confessor, pressupõe que a culpabilidade moral não é medida discretamente por pontos na carteira como nas infrações de trânsito, que vão desde as gravíssimas (7 pontos), passando pelas grave e média, até a leve, punida com os *mínimos* 3 pontos. A culpa moral, bem como seus atenuantes ou *excludentes*, pertencem ao delicado âmbito da consciência e não podem ser observadas com a operacionalidade de um radar que fotografa uma invasão de faixa de pedestres ou a de um bafômetro que indica a presença de álcool no sangue em índices superiores a 0,05 mg/litro. (Chadarevian 2015, p. 7)

Evidentemente, como sabemos, a forte tendência à supressão da *prudentia* nos fanatismos religiosos, não é nova. Talvez o caso mais antigo no cristianismo (e certamente um dos mais emblemáticos) seja o de Tertuliano[27] (a quem Santo Tomás chamou de *haereticus, Tertulianus nomine*). Josef Pieper (2010, 243), afirma que é com Tertuliano que se começa a notar a tendência de legislar sobre os atos externos, principalmente sobre os que têm relação com a castidade. Entre inúmeras outras regras, Tertuliano impôs aos fiéis dias de jejum e de abstinência, o véu às mulheres e às moças e a proibição de frequentar os espetáculos. Uma clara perversão da consciência individual na qual não se reconhece que a direção da vida é competência inalienável da pessoa.

Considerações finais.

Como vimos, a supressão da virtude da *prudentia* em discursos religiosos contemporâneos parece estar ligada ao medo (o medo é sempre uma característica dos radicais religiosos...): o medo de deixar as decisões morais de sua vida ao discernimento do próprio fiel, sempre considerado um incapaz...

Surgem então calhamaços de regras e proibições, no zeloso afã de impedir o pecado, ajudar os cristãos a garantir a salvação... Ou a usurpação da consciência pessoal, pela abusiva intromissão de pastores, padres etc. que se arrogam o direito de determinar o que o cristão deve fazer naquela sua situação concreta.

E quando, nas raras vezes em que se trata da prudência, não se fala de seu caráter dramático, do protagonismo da decisão pessoal, do peso da decisão, do caráter não determinado (ao menos operacionalmente) da *recta ratio* diante do *agibilium*. É o que faz o famoso Pe. Paulo Ricardo, em suas conferências sobre o tema (youtube.com/watch?v=fKSAx18QNzk e https://padrepauloricardo.org/episodios/a-prudencia): a prudência é vista sobretudo como afirmação (bem ratzengeriana) de uma verdade objetiva ante o deletério relativismo moral contemporâneo... Para nós educadores, não há dúvidas: é simplesmente impossível viver sem riscos e se os educandos, mesmo apesar de todas as orientações, erram, pelo menos que aprendam com os erros e ganhem experiência – não podemos e nem queremos criar plantas de estufa.

Lembrando que o maior tomasiano de nosso tempo, Josef Pieper, negava a possibilidade de um "tomismo", precisamente pela abertura do pensamento de Tomás e seu caráter "negativo" ("nenhum filósofo jamais chegará a compreender sequer o que é uma mosca"). E isso se confirma quando vemos que, na Igreja Católica são

[27] Teólogo cristão que viveu em torno do ano 200, um dos patriarcas do cristianismo primitivo. À luz da teoria keirseyiana certamente um pregador tradicionalista com forte preferência J.

precisamente os conservadores “tomistas” os que se empenham em ignorar os ensinamentos do “Doctor communis” sobre a principal das virtudes cardeais.

Referências

CHADAREVIAN, E.; LAUAND J. “O Catecismo Católico e um conceito central: a *participatio”* **Revista Convenit Internacional** (Cemoroc-FEUSP) São Paulo, Número 19, set-dez 2015.

LAUAND, Jean “Introdução” in TOMÁS DE AQUINO *A Prudência – a virtude da decisão certa*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

LEWIS, C.S. *Mere Christianity*. London: Harper Collins, 2015.

_____ *Studies in Words*, Cambridge at the Univ. Press, 1960.

MARIAS, Julián “Entrevista” **Revista Videtur** (Cemoroc-FEUSP) São Paulo, Número. 8, http://www.hottopos.com/videtur8/entrevista.htm

KEIRSEY, David & Bates, Marilyn. **Please Understand me**. 4th ed., Del Mar: Prometheus Nemesis, 1984.

KEIRSEY, David. **Please Understand me II – Temperament, Character, Intelligence**. Del Mar: Prometheus Nemesis, 1988.

PIEPER, Josef. **Las virtudes Fundamentales**, Morgan, Trinidad-Tobago, 2010.

Tipos Psicológicos & Educação: Teoria dos Temperamentos a partir do diálogo entre David Keirsey e Neil deGrasse Tyson[28]

Alexandre Medeiros[29]

Resumo: Numa entrevista a *Tom Bilyeu* no programa *Program Impact Theory* –-Neil deGrasse Tyson no dia 19 de novembro de 2019, deGrasse nos brinda com algumas evidências de sua personalidade que nos permitem analisá-la em diálogo com a Teoria dos Temperamentos do Psicólogo David Keirsey.
Palavras Chave: Tipos Psicológicos. Temperamentos. ENTP. David Keirsey.

Abstract: In an interview with Tom Bilyeu on the Program Impact Theory - Neil deGrasse Tyson on November 19, 2019, deGrasse offers some evidence of his personality that allows to analyze it in dialogue with the Psychologist Theory of Temperaments David Keirsey.
Keywords: Psychological Types. Temperaments. ENTP. David Keirsey.

Introdução

(https://www.youtube.com/watch?v=Tv0kQbOIrjY)

O presente estudo é um esboço do Tipo NT de David Keirsey em diálogo com as evidências[30] oferecidas por Neil deGrasse Tyson sobre sua personalidade no dia 19 de novembro de 2019, em entrevista a *Tom Bilyeu* no programa *Program Impact*

[28] Artigo Publicado nos Anais do Congresso Internacional Movimentos Docentes 2021 – UNIFESP/SEPAD/PRATIC. Volume I, pp. 20-30, novembro/2021 – Universidade Federal do Estado de São Paulo

[29] Pós Doutorando em Educação na Universidade de São Paulo – FEUSP; Diretor Acadêmico do Centro de Estudos Júlio Verne – www.julioverne.com.br .

[30]Estas evidências são apresentadas a partir dos 21:10 minutos no link: https://www.youtube.com/watch?v=Tv0kQbOIrjY – acessado em 16/09/2020.

Theory[31]. Para esta análise, a fala de deGrasse dialogará com a Teoria dos 04 Temperamentos apresentada por Keirsey na obra *Please Understand Me* (1984). Utilizaremos também como recurso adicional uma breve entrevista que deGrasse concedeu a Revista Galileu (2016).

David Keirsey lançou sua primeira versão de *Please Understand Me* em 1978 (KEIRSEY, 1998), que causou um profundo e duradouro impacto em todo o mundo. Foi traduzido em diversas línguas e vendeu mais de 02 (dois) milhões e meio de exemplares. Keirsey resumiu nessa obra "suas observações de vários anos de prática de psicologia e observação de comportamentos" (LAUAND, 2020, p. 4).

Para Keirsey o ponto principal desta obra é compreender que as pessoas são diferentes umas das outras. E não existe razão para querer mudá-las, pois as diferenças na verdade são boas, não más. Precisamos entender que as pessoas creem, pensam, sentem, conceitualizam e percebem a vida de forma diferente (KEIRSEY, 1984, p. 2).

O objetivo deste esboço é oferecer aspectos didáticos palpáveis para se compreender estas diferenças psicológicas que Keirsey tão bem elabora. Esse objetivo não deve de modo algum ser menosprezado. Todos os estudiosos sérios de Keirsey[32] reconhecem a dificuldade, em muitos casos, de atinar com o tipo concreto de um determinado indivíduo. A teoria de David Keirsey e seus tipos serão letra morta se não soubermos reconhecê-los na realidade. E, reciprocamente, a própria teoria se fortalece e se torna compreensível quando é vista encarnada na realidade: voltamos à essência do ensinar na sabedoria da língua espanhola[33]; *enseñar* é ensinar e mostrar – só se ensina, mostrando concretamente.

Entender estas preferências é de suma importância. Afinal, como Keirsey destaca, por não enxergarem, por não compreenderem as diferenças de comportamento dos outros, tendemos a achar que suas ações, atitudes, são maldades, ruindades, estupidez e até doença. É por esse motivo e outros que temos a tendência em querer transformar as pessoas que estão ao nosso entorno em cópias nossa. Keirsey adianta que é impossível (KEIRSEY, 1984, p. 2).

1. Entendendo os Temperamentos: um breve esboço.

De acordo com João Sérgio Lauand (2020, p. 1),

> o psicólogo norte-americano David Keirsey afirmou em suas teorias que todos podemos ser distribuídos por quatro características de temperamentos. A Humanidade pode ser dividida, então, em quatro grandes grupos, e cada um de nós estará em um deles. Usando a terminologia de Aristóteles ele os designou por Artesãos (SP), Guardiães (SJ), Racionais (NT) e Idealistas (NF).

Keirsey depois de 20 anos de pesquisa (1978 – 1998), refinou a teoria dos 04 temperamentos e definiu traços únicos de caráter nos 16 tipos. Cada um de nós para Keirsey tem os quatro tipos de inteligência: tática, logística, diplomática e estratégica. Suas pesquisas mostram que algumas destas inteligências são mais preponderantes em

---

[31] Site do Programa: ***https://impacttheory.com/episode/neil-degrasse/*** - acessado em 16/09/2020.

[32] Incluo aqui inegavelmente a compreensão dos estudiosos do principal polo de pesquisas acadêmicas no Brasil sobre a tipologia de David Keirsey, [...] o Centro de Estudos Medievais Oriente & Ocidente, do Departamento de Filosofia e Ciências da Educação da Faculdade de Educação da USP – CEMOROC/FEUSP (LAUAND, 2019, p. 5).

[33] *Enseñar* – Conceito elaborado e utilizado por Jean Lauand em suas aulas, cursos, seminários e congressos.

cada um de nós. Fazendo com que cada tipo tenha um destas inteligências mais desenvolvidas e preferíveis que as outras (KEIRSEY, 1984, p. 210).

Portanto inicialmente precisamos compreender os 04 tipos de temperamentos e saber distinguir um do outro – SP/SJ/NF/NT (KEIRSEY, 1984, p. 13). Os (SP) têm uma alegria borbulhante; Os (SJ) são pensativos; O (NT) relutante em expressar afeto; O (NF) necessita (e obtém) apreciação dos que estão no seu entorno (KEIRSEY, 1984, p.116).

Os (SJ) aprendem através de explicações sequenciais, explicações passo a passo; Os (SP) aprendem de forma lúdica, com atividades e ação; Os (NF) aprendem com contato pessoal, interação humana; Os (NT) aprendem com explicações precisas, sem prolixidade ou redundâncias, que muito incomodam o (NT) - (KEIRSEY, 1984, p.113).

Os (SP) gravitarão em torno da música, das artes dramáticas, das oficinas mecânicas, das construções gerais e de tudo o que envolve ação; Os (SJ) estão em atividades de escritório, bem organizadas e bem estruturadas. Também em classes de negócios. Os (NF) estão nas humanidades e nas ciências sociais; O (NT) é encontrado nas classes de matemática e ciências (KEIRSEY, 1984, p.122).

O estudante (SP) não levará o boletim para casa, vai esquecer; O (NT) vai verificar nele sua *performance*; O (NF) encarará o boletim como uma valorização ou desvalorização pessoal; O (SJ) é o que mais levará o boletim seriamente de todos os tipos, este documento é extremamente importante para ele (KEIRSEY, 1984, p.124).

Resumindo, cada tipo de temperamento tem características que contribuirão para as instituições e corporações. O (SJ) trará confiança e estabilidade; O (SP) estará sempre disposto a resolver as crises e os problemas da empresa; O (NT) estará sempre em busca do aprimoramento dos processos e de inovação; O (NF) será o óleo que facilitará que todas as engrenagens funcionem harmonicamente, aquele que trará entusiasmo e alegria para a instituição (KEIRSEY, 1984, p. 152-153).

Segundo João Sérgio Lauand (2020), Keirsey define temperamento como uma configuração de inclinações.

> Essa configuração vai ter um peso muito grande em minhas decisões, reações, sentimentos etc. Observando os resultados dos estímulos da vida sobre cada um de nós, ele chegou a quatro grandes grupos que demonstram diferentes formas de se relacionar, de conviver com regras, de trabalhar mais com o concreto ou com o imaginativo etc.
> É claro que nossas reações e decisões dependem de muitos outros fatores além do temperamento: da educação, do meio em que cada um está, do desejo de agradar e de ser estimado, das nossas experiências ao longo da vida [...] De qualquer forma a marca do temperamento é um dado inicial que está presente desde cedo, e acompanha cada um de nós, influenciando nosso comportamento (LAUAND, 2020, p. 01).

2. Neil deGrasse Tyson: compreendendo o Temperamento NT.

Tyson é o segundo de três irmãos, nasceu em 1958 num bairro de Manhattan na cidade de Nova York/EUA, mas cresceu no Bronx. Tyson frequentou a *Bronx High School of Science* (1972–1976, com ênfase em astrofísica) onde foi o capitão da equipe de *wrestling* e redator-chefe do *Physical Science Journal* da escola. Depois de

uma visita ao *Hayden Planetarium*, teve um interesse permanente por astronomia desde os seus nove anos de idade[34].

Segundo Keirsey, crianças (NT) necessitam de uma abertura maior para experimentações. Sua busca constante por respostas deve ser incentivada, e se possível até provendo os meios e materiais necessários. A Criança (NT) tem sede por conhecimento (KEIRSEY, 1984, p.115).

Como um típico (NT) Neil deGrasse Tyson estudou na Universidade de Harvard (AB), na Universidade do Texas em Austin (MA) e na Universidade Columbia (PhD). Recebeu o Prêmio NASA por Serviço Público de Destaque (2004), Prêmio Memorial Klopsteg (2007), Medalha Bem-Estar Público (2015). Atua nas áreas da Astrofísica, Cosmologia Física, Comunicação Científica[35].

De acordo com Keirsey, o NT tem paixão pelo conhecimento. O NT leva a sério a questão de conhecimento, por desejar que os outros o reconheçam por sua competência e intelectualidade (KEIRSEY, 1984, p. 53). O NT é o mais autocrítico de todos os tipos. Acumula conhecimentos e habilidades. Sua busca é pela excelência. Tende ao perfeccionismo (KEIRSEY, 1984, p. 49).

Nossa pesquisa inicia-se aos 21:10 min, ponto da entrevista em que deGrasse fala que o Ensino Médio é um *laboratório* de aprendizagem para vida. Neste trecho algumas evidências do seu temperamento são expostas. Vale lembrar que o futuro está muito presente no discurso, característica do NT apontada por Keirsey (KEIRSEY, 1984, p. 65).

> I think high school that's where you learn how to deal with difficult people there's not a single high school movie that doesn't show the angst, of the cliques that have formed and what their relationships are that they have to another;
> It's this microcosm of real stuff to goes on in the real world there are beautiful people and they will get jobs, you're not going to get okay.
> There are people who are nasty, you're gonna have to navigate them, there are people who you can not interact with for whatever reason or another they're gonna be in the cubicle next to you in your workplace;

Além da dimensão de futuro presente no discurso, encontramos também o aspecto racional (T) de experiência laboratorial. Os racionais (T) são regidos por decisões, escolhas, impressões (KEIRSEY, 1984, p. 20). Neil deGrasse Tyson não compreende como alguém se incomoda com o ambiente hostil do ensino médio das escolas americanas.

> So, I think we undervalue the total social pot; that people are tossed into in their High School experience, they want to say: "oh I could have learned more, but I had to deal with all these people";

Este discurso é tipicamente de um mal entendido entre os racionais (T) e os sentimentais (F). O (T) espera algo mais lógico e menos emocional, enquanto o (F) espera mais sentimentos e expressões afetivas externas (KEIRSEY, 1984, p. 21). Neil deGrasse Tyson, não compreende como alguém pode ficar incomodado com

---

[34] Galileu, Revista (Globo) - https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2016/09/9-reflexoes-que-vao-te-introduzir-ao-pensamento-de-neil-degrasse-tyson.html - acessado em 16/09/2020 - 2016
[35] *Ibidem.*

dificuldades de relacionamentos no ambiente escolar. Para ele, lidar com estas pessoas e as dificuldades do ensino médio é o laboratório para o preparo para vida real. Ele mostra não compreender os que não suportam a hostilidade deste ambiente.

> Having to deal with all these people is now in your portfolio for when you're in the workplace;

É certo que o NT normalmente tem suas emoções acobertadas por seu intelecto. Sua preferência pela lógica e razão, obscurece as expressões e os sentimentos. A estrutura da personalidade de um NT possui características muito complexas. Por essas e por outras, identificar e compreender os tipos NT não é tarefa fácil (KEIRSEY, 1984, p. 88).

Num determinado momento da entrevista, aos 22:50 min, Neil deGrasse Tyson fala com a sinceridade do NT, que talvez ele não se encaixe no padrão do programa. Ele diz que o entrevistador Tom Bilyeu leva pessoas que tem uma história de superação e riqueza para mostrar que deram a volta por cima. Ele fala que não faz nada por ambição ou riqueza, mas para ser o melhor.

> Oh, yeah, so, first of all just to be clear I don't know that I totally fit the philosophy of this show and I've seen many of your shows not all of them but many and what's driving the conversations and your motivation for guest that you have in this couch;
> Is that they, they had some vision statement and they and they're grit, okay;
> They got knocked down they stood back up they tried another way they got knocked down again then, they were successful either measured by wealth or influence or, or just joy in their life's passions;
> For me what I do for the public, is prime almost the 80 plus percent of, it is driven by duty, not by ambition.

Afinal, o NT não fica motivado com riqueza, mas com conhecimento (KEIRSEY, 1984, p. 88-89). Nessa entrevista, Neil deGrasse Tyson deixa claro que ele quer ser o melhor no que ele faz por um dever maior, não por ambição. Ele afirma que fará melhor sempre, pois assim contribui para a sociedade.

Exemplificando o que Keirsey diz, ao longo do programa deGrasse deixa claro sua preferência pela lógica e razão. Normalmente sua emoção é acobertada por seu intelecto (KEIRSEY, 1984, p. 88).

Segundo Keirsey, o NT é tão racional que tudo para ele pode ser estudado e aprendido cientificamente. Para o NT todas as coisas são ciência e lógica, e pode ser estudado (KEIRSEY, 1984, p. 88-89). Para Keirsey, o NT assume frequentemente que as pessoas envolvidas têm capacidade de compreender a complexidade de suas ideias. Se isso não acontece, e por algum motivo as pessoas não compreendem suas ideias ele fica profundamente irritado. O NT chega a pensar que aqueles que não compactuam com suas ideias e seu entendimento, são intelectualmente inadequadas, desprovidas de inteligência (KEIRSEY, 1984, p. 51).

Em reportagem da Revista Galileu o articulista diz que deGrasse se exalta com uma facilidade incrível quando começa a falar de ciência e conhecimento, e acha um absurdo que as pessoas não percebam como o dinheiro investido na academia hoje será afinal revertido em soluções práticas (GALILEU, 2016). Não é a toa que Keirsey adverte que os NT às vezes são vistos como arrogantes (KEIRSEY, 1984, p. 49).

Segundo Keirsey, se o (NT) for questionado sobre problemas ou situações que julgue simples, pode ser indelicado e rude ao responder com irritabilidade. Normalmente deixa evidente que achou a interpelação ridícula e sem sentido. Não esconde o ar de superioridade e sua repulsa aos questionamentos simples e redundantes (KEIRSEY, 1984, p. 144).

Foi o que aconteceu aos 27:55 min da entrevista, quando questionado sobre propósito de vida, Neil deGrasse foi até um pouco sarcástico, uma das características do NT (KEIRSEY, 1984, p. 57). Ele disse que poderia fazer como muitas pessoas fazem e procurar o propósito da vida atrás de uma árvore ou debaixo de uma pedra. *Aí dizer: Opa, aí está o significado da vida.* Mas ele diz que não procura significado ou propósito na vida, mas cria seu próprio significado e seu propósito através do conhecimento.

> Purpose, I consider purpose and meaning equivalent in this answer, maybe there's a way to divide them but let me treat them as the same for the moment. Many people, look for meaning in life as though they will you know I'm still searching for meaning and what my life… as though it's gonna be under a rock or behind a tree: "Oh there's my meaning", and I'm thinking to myself: you have more power than that; You have the power to create meaning in your life, rather than passively look for it;
> So, for me I create the meaning, and meaning no me, is "do I know more about the world today, than I did yesterday?", that enhances meaning for me, and if that accumulates at an accrues daily, in a month, you know way more than you did then just that day later; so, that you continue to grow.

Segundo Keirsey, o (NT) a cada dia escala rumo à perfeição em suas atividades e suas pesquisas (KEIRSEY, 1984, p. 126). Afinal como diz Keirsey e corrobora o texto acima, o (ENTP) vê significado em seus projetos e em seu trabalho (KEIRSEY, 1984, p. 184).

Numa entrevista a Revista Galileu da Editora Globo em 2016, deGrasse quando perguntado sobre o sentido da vida ele responde:

> Quando eu penso em um significado para a vida, eu me pergunto: será que eu aprendi algo hoje que me deixou um pouco mais perto de saber tudo que há para se saber no universo? Se eu não sei mais em um dia do que eu sabia no dia anterior, para mim esse foi um dia desperdiçado. (...) Então, essa não é uma questão eterna e sem resposta — ela está ao alcance das minhas mãos todos os dias (GALILEU, 2016).

Segundo Keirsey o (NT) se irrita quando pedem para que ele faça algo sem lógica, sem uma explicação racional plausível. O (NT) insiste em fazer o melhor trabalho possível, no menor tempo possível, com o menor esforço possível, com a maior eficiência possível. Quando regras, padrões ou regulamentos são exigidos sem uma lógica ou uma prova empírica de eficácia, o (NT) fica profundamente incomodado (KEIRSEY, 1984, p. 132). Para Neil deGrasse, convicções pessoais jamais podem se sobrepor a verdades objetivas (GALILEU, 2016).

O entrevistador Tom Bilyeu aos 29:50 min pergunta como Neil desenvolveu seus valores básicos, que incluem ajudar os outros. Neil em sua resposta empreende

uma crítica à escola tradicional. Mostrando que ela não ensina e não prepara as pessoas para a vida real, não ensina o que realmente as pessoas precisam para viver.

> No one ever told me that, I had to search for meaning in life, to begin with. So that it was never even a part of me, it was: "I got my life this is who and what I am, this is what I did in school; these are my dreams, ambitions..." How do I create meaning in my life as I go forward? My first question of me, wasn't where do I find meaning, it was how do I create meaning and that started early, early teens;

De acordo com David Keirsey o (NT) prefere apresentações lógicas (KEIRSEY, 1984, p.117), pois aprende com explicações precisas (KEIRSEY, 1984, p.113). O (NT) necessita de uma abertura maior para experimentações. Sua busca constante por respostas deve ser incentivada, e se possível até provendo os meios e matérias necessários. Tolher este impulso ou cercear a criança (NT) de experimentar abundantemente a vida será perturbador para o NT (KEIRSEY, 1984, p. 115).

Esta perturbação é esboçada aos 32:18 min da entrevista com Tom Bilyeu, quando Neil deGrasse Tyson conta uma história em que ficou indignado com uma mãe ao tirar do filho a oportunidade de usar o cotidiano como um laboratório.

> I was in Central Park, we were just finished seeing one of the Shakespare in the Park performances, and it rained a little earlier, so there were puddles in some of the walkways.
> I saw a woman walking with their kid. The kid has galoshes on and a raincoat on, and they're coming down the walkway, and this big juicy muddy puddle right there, and I said:
> "Please let the kid jump in the puddle, you know the kid wants to jump in the puddle (the kid is like three or four). You know the kid… and what is that the mother do? She pulls the kid around to prevent that from happening.
> That's on experiment in cratering that's; What crater has happened that way you splash the water there's mud, it's fun, you get to see the cause and effect, of a force, downward force operating on a fluid… Gone! that was a bit of curiosity in that moment that was extinguished.

Segundo Keirsey o (NT) valoriza uma educação voltada para o conhecimento científico, focada no desenvolvimento das habilidades e competências. (KEIRSEY, 1984, p. 166).

Keirsey diz algo que sintetiza a personalidade de Neil deGrasse Tyson, que questiona todas as coisas: as leis, os princípios, as perguntas e as respostas (KEIRSEY, 1984, p. 145).

> The NT is the skeptic. He questions everything and base answers on laws and principles. He is able to see the dimensions and axes of systems as if he had x-ray vision, and so can plan and construct capably. Characteristically he is able to see how the need of the immediate system he serves interlock with those other systems withim the total structure (KEISEY, 1984, p. 145)

Em reportagem a Revista Galileu deGrasse diz: “Eu gosto de saber onde estou, de onde eu vim e para onde eu vou. E essas respostas vêm do espaço” (GALILEU, 2016).

Segundo Keirsey, o (NT) ama sistematizar regras, conceitos e princípios. Ele pode aproveitar as ideias dos outros como trampolim para elaborar as suas próprias. Seus questionamentos partem da pergunta: Porque as coisas são? Os (NT) buscam o conhecimento e só se darão por satisfeitos quando atingirem seu objetivo intelectual em relação a temática pesquisada (KEIRSEY, 1984, p. 125).

Considerações finais

De acordo com Keirsey, o (NT) confia em seus professores ou mentores quando percebe as críticas bem elaboradas, ajudando-o a crescer em conhecimento (KEIRSEY, 1984, p.115).

Keirsey escreve que quando um aluno (NT) tem um impulso ou apoio de mentores ou professores, os resultados podem ser surpreendentes (KEIRSEY, 1984, p.118). Neste ponto de sua vida, pode dar um salto de brilhantismo intelectual, que facilmente os conduz para áreas da pesquisa e da vida acadêmica (KEIRSEY, 1984, p.117).

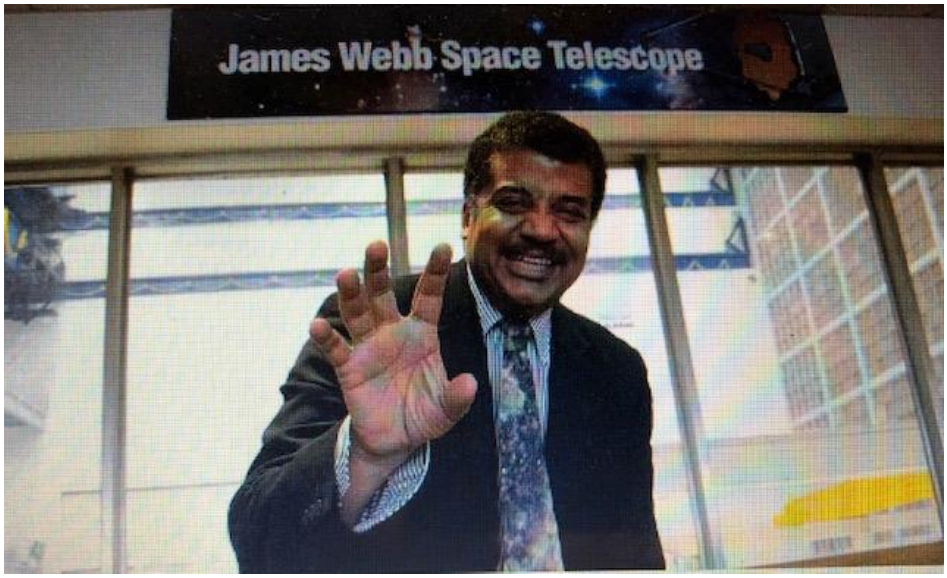
O Mentor de Neil deGrasse Tyson foi o Professor e Cientista Carl Sagan, que deGrasse conheceu pessoalmente em 1975. Em 2014 deGrasse foi convidado para assumir o tradicional programa Cosmos que originalmente era apresentado por Sagan. Na entrevista deGrasse diz que a oportunidade não foi dada em 2014 quando assumiu o programa, mas em 1975, quando foi recebido pessoalmente pelo cientista, que marcou seus valores. Aos 25:30 min. Neil deGrasse Tyson diz:

> I’m a 17 years old kid from the Bronx, he’s a Professor of Astronomy at Cornell University, and I get this letter, I open and it says: I understand you like the some stuff I like, do you want to come visit the campus, to help you decide if you want to go to Cornell?;
> It was like… wow! He hadn’t done Cosmos yet, but he was already famous, he’d been on “The Tonight Show”, and you know, and had best-selling books;
> So, I took him up on it I took a bus up to if they could New York; He met me outside his building on a Saturday, invited me up, to his office, saw the labs, I’m there in front of he did some really cool he reached back, didn’t even look, grabbed a book off the shelf (it was one of his books) … and he signed it to me;
> You’ll take the future astronomers sign Carl, but that’s not that’s only the half of it, later in the day, I’m ready to go back to New York, it begins to snow as it does often in December, and he says here’s my home number; If the bus can’t get through from the snow, spend the night with my family, and go back tomorrow;
> I’m thinking who am I?; I’m nobody, but I was somebody to him, and I said to myself: If I’m ever as remotely, famous as he is, I will treat students the way he has treated me;
> So, why did I go down that path? Oh, because I had that memory, and I said to myself: If we can fold this memory into this, this next Cosmos, then we have a way, to justify who and what I am as the next host because a torch got passed;

> It wasn't passed in 2014, it was passed in 1975, to Neil Tyson future astronomer; I still have that book;

Este lado midiático de deGrasse o coloca entre os Extrovertidos (E), a Revista Galileu trás em uma reportagem: "Não tem jeito, todo mundo ama Neil deGrasse Tyson. O astrofísico mais pop da galáxia nasceu no Bronx, em Nova York, nos Estados Unidos" (GALILEU, 2016). Para Keirsey, o extrovertido (E) expõe e verbaliza suas ideias com clareza e eloquência (KEIRSEY, 1984, p. 101).

Sua ousadia e coragem em assumir diversos projetos tão ousados como comandar um programa de TV, lhe acrescenta a partícula (P). A pessoa perceptiva (P) tende a não gostar de regras e regulamentos, e não suporta rotinas (KEIRSEY, 1984, p. 105). A adição do (E) e do (P) completa o perfil de deGrasse. Para Keirsey, o ENTP está sempre de olho nas possibilidades, sempre atento a novos projetos e novos procedimentos, sempre alerta para novas atividades (KEIRSEY, 1984, p. 183).



(https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2016/09/9-reflexoes-que-vao-te-introduzir-ao-pensamento-de-neil-degrasse-tyson.html)

Keirsey diz que este perfil deseja exercitar sua engenhosidade e sua sabedoria no mundo, nas pessoas e nas coisas. Sua extroversão (E) e intuição (N) são os aspectos que sobressaem no seu perfil. Estão sempre alertas e sensíveis as possibilidades. Quando se interessam por algo, são entusiasmados e acabam sendo uma inspiração para os outros. Segundo Keirsey, os (ENTP) não necessitam da aprovação dos outros e conduzem suas vidas por suas ideias e conceitos, mesmo com críticas, que quase nada lhe afetam (KEIRSEY, 1984, p. 183).

Segundo o articulista que entrevistou deGrasse na Revista Galileu em 2016: se ele nega ser adepto de religiões tradicionais, por um lado, por outro ele não gosta muito da ideia de ser reivindicado pelo pensamento ateu nem por nenhum outro pensamento, diga-se de passagem. Para deGrasse, "ser racional não é ser duro". Segundo o astrofísico, "há poucas coisas mais bonitas do que um bom princípio matemático levado ao extremo" (GALILEU, 2016).

Keirsey diz que o (NT) será encontrado nas áreas de matemática e ciências (KEIRSEY, 1984, p.122). Segundo ele, o (ENTP) é confiante, ignora os padrões e

autoridade tradicional, persegue suas ideias baseados em seus valores. Esta atitude abre uma brecha que possibilita arejar os projetos, trazendo um novo *approach* para o trabalho. De certa forma isso também traz frescor para a vida do (ENTP) - (KEIRSEY, 1984, p. 184).

De Grasse em uma entrevista no programa *Conversa com Bial* - Globo Play, diz que não acredita em dom ou talento natural, acredita em estudo e trabalho (TYSON, 2020). Para Keirsey, os NT são inteligentes, analíticos, sistemáticos, teóricos, complexos, independentes, competentes, cientistas (KEIRSEY, 1998. P. 20).

Referências Bibliográficas:

BILYEU, Tom. *Program Impact Theory*, https://impacttheory.com/episode/neil-degrasse/ - acessado em 16/09/2020 – Programa de novembro de 2019

GALILEU, Revista (GLOBO). *Ciência: 09 reflexões que vão te introduzir ao pensamento de Neil deGrasse Tyson* - https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2016/09/9-reflexoes-que-vao-te-introduzir-ao-pensamento-de-neil-degrasse-tyson.html - acessado em 17/09/2020 reportagem de 2016

KEIRSEY, David; BATES, Marilyn. *Please Understand Me: Character & Temperament Types*. Del Mar/USA: Prometheus Nemesis, 1984

KEIRSEY, David. *Please Understand Me II: Temperament, Character e Intelligence*, Del Mar – CA/ USA: Prometheus Nemesis Book Company, 1998

LAUAND, Jean (org.). *Sobre a Tipologia de David Keirsey: Psicologia, religião e educação*, Santo André/SP: Ed. Kapenke, 2019

LAUAND, João Sérgio. *As diferentes formas de liderar e a influência do temperamento individual nas relações de trabalho*, Convenit Internacional 34 set-dez 2020 Cemoroc-Feusp - http://www.hottopos.com/convenit34/jsergio.pdf - 2020

TYSON, Neil deGrasse. Entrevista a *Tom Bilyeu* no *Program Impact Theory* - https://www.youtube.com/watch?v=Tv0kQbOIrjY – acessado em 16/09/2020 – programa apresentado em 19/11/2019

TYSON, Neil deGrasse. Entrevista no programa Conversa com Bial - https://www.youtube.com/watch?v=q4J26znikNI – acessado em 09/11/2020 – programa apresentado em 03/11/2020

Keirsey: temperamento e comportamento de crianças na escola

Nadia Wacila Hanania Vianna[36]

Resumo: O presente trabalho salienta a importância de se conhecer o temperamento das pessoas, e, mais especificamente, de crianças, de acordo com a literatura pertinente. Com relação às crianças, há uma descrição detalhada – à luz de Keirsey – de quatro temperamentos considerados básicos, e do comportamento a eles associados no ambiente escolar. O relato de experiência prática ilustra a contribuição dos ensinamentos do referido autor para a condução da relação ensino-aprendizagem.
Palavras Chave: Keirsey**,** temperamentos básicos, criança, comportamento na escola.

Abstract: The present study emphasizes the importance of knowing the temperament of the people, and more specifically, of children, according to the pertinent literature. With respect to children, there is a detailed description - in the light of Keirsey - of four basic temperaments, and the behavior associated with them in the school environment. The report of practical experience illustrates the contribution of the cited author to the conduction of the teaching-learning relationship.
Keywords: Keirsey, basic temperaments, child, behavior in school.

1 Introdução

Estudos sobre temperamento iniciaram-se anteriormente à era Cristã e perduram na atualidade. Diferentes autores enunciaram conceitos relativos a temperamento. Para Keirsey (1998), por exemplo, temperamento é uma marca nata, uma inclinação ou pré- disposição da pessoa. Para Allport (1966, p.57, apud GUZZO et al., 2004):

> Temperamento refere-se aos fenômenos característicos da natureza emocional de um indivíduo, na qual se incluem sua suscetibilidade à estimulação, a intensidade e rapidez usuais de resposta, a qualidade de seu humor predominante, e todas as peculiaridades de flutuação e intensidade de humor, sendo que tais fenômenos são vistos como dependentes da organização constitucional, e portanto, como em grande parte originários da hereditariedade.

Empresas têm utilizado o temperamento como elemento discriminante na formação de equipes de trabalho. O mesmo tem ocorrido em escolas brasileiras, visando à organização de grupos de estudo e atividades adequadas ao temperamento dos discentes, o que se coaduna com a sugestão de Santrock (2009), quando diz que os professores devem estar atentos ao temperamento de seus alunos de modo a buscar estratégias efetivas que os auxiliem no processo de aprendizagem.

Entender o temperamento de uma criança possibilita que se reconheçam os melhores meios para criá-la e educá-la, de modo a contribuir para seu crescimento e desenvolvimento. De acordo com a organização Child Development Media (CDM), conhecer o temperamento de uma criança possibilita ajudá-la a "tentar novas

[36]. Mestre em Administração de Empresas pela EASP-FGV e Doutora em Administração pela FEAUSP. Pós doutora em Educação - Feusp.

experiências, mas incentivar ao invés de pressionar a criança, para que cresça e se desenvolva em seu próprio ritmo".

Vários estudiosos do comportamento humano têm tentado ao longo do tempo nomear e caracterizar temperamentos de adultos e crianças. O presente trabalho focalizará as teorias contemporâneas sobre temperamento consideradas mais relevantes na literatura pertinente, apresentará as principais características das crianças em função de seus temperamentos à luz de Keirsey, e relatará uma significativa experiência relativa à aplicabilidade dos "achados" de Keirsey no ensino da Matemática.

2 Estudos contemporâneos sobre temperamento

Chess, Thomas e Birch (1970) foram responsáveis por abordagem pioneira do temperamento, denominada Estudo Longitudinal de Nova Iorque, baseado no acompanhamento de 141 crianças (a partir de dois ou três meses de idade) pertencentes a 85 famílias homogêneas em termos de nível sócio-educacional, que se propuseram a participar da pesquisa. Note-se que essas crianças foram acompanhadas desde 1956 e por mais de uma década. Dados foram obtidos por meio de entrevistas com os pais, de acordo com nove categorias de questionamento.

Em seguida, Chess e Thomas identificaram três tipos de temperamento e os divulgaram em publicações nos anos 70: "fácil (bem humorado e adaptativo; 40% da amostra), difícil (reage negativamente a mudanças e chora alto e com facilidade; 10% da amostra), de aquecimento lento (tem um baixo nível de atividade, demoram a adaptar-se às situações, exibem algum mau humor; 15% da amostra)". Os 35% restantes da amostra não puderam ser alocados nesses tipos (SANTROCK, 2009, p.136).

De acordo com Ito e Guzzo (2002), outro estudo interessante sobre temperamento foi efetuado por Bluss e Plomin (1984), que "(...) definem temperamento como traços de personalidade herdados que aparecem durante os primeiros dois anos de vida e permanecem como componentes básicos, sendo compostos por quatro categorias: emotividade, atividade, sociabilidade e impulsividade".

Abordagem relevante para o estudo do temperamento – o modelo psicobiológico - foi desenvolvida por Mary Rothbart, nos anos de 1980 e ainda tem sido amplamente estudada. Conforme Gracioli e Linhares (2014, p.72) explicam, o temperamento é visto por Rothbart como "(...) diferenças individuais com base constitucional [vertente biológica] na reatividade e autorregulação, influenciadas ao longo do tempo pela hereditariedade, maturação e experiência. De acordo com a abordagem de Rothbart, o temperamento tem três fatores, a saber: afeto negativo, extroversão e controle com esforço". Conforme Monte Cassiano (2013), um questionário foi desenvolvido por Rothbart para avaliação de temperamentos, e pode ser respondido por heterorrelato (pais e cuidadores da criança de 3 meses a 10 anos), autorrelato (respondentes com idade superior a 9 anos), ou observações estruturadas conduzidas em laboratório.

Outro estudo importante foi conduzido pelo psicólogo norte americano Keirsey, partindo de estudos de Jung e de Myers, e de sua experiência em consultório. Sua teoria sobre temperamentos foi divulgada principalmente nas obras Please Understand Me I (KEIRSEY; BATES, 1984) e na revisão Please Understand Me II (1998).

Keirsey desenvolveu um teste para identificação de tipos de temperamento, todavia o mesmo não é aplicável para crianças, e propõe que a observação seja usada

como instrumento para se reconhecer seus temperamentos. Esse mesmo autor, com base em sua experiência, descreve como são o comportamento e atitudes de crianças detentoras de quatro tipos básicos de temperamento SP, SJ, NT e NF. No presente trabalho focalizar-se-á, prioritariamente, a maneira como tais temperamentos se manifestam na escola, na figura do discente, e orientações sobre como lidar com eles.

3 Temperamentos de crianças: a visão de Keirsey

A criança SJ:

Sente-se confortável em ambientes organizados, com rotina, onde as regras são claras, e as etapas para consecução de objetivos são bem definidas. A estabilidade da família e da relação com os amigos são muito importantes para ela; crises nessa esfera causam-lhe muita dor. Necessita da aprovação do outro, e procura atender às expectativas dos adultos com os quais convive. Não tem o hábito de questionar a orientação dada pelos professores e executa as tarefas com muita responsabilidade e cuidado. Ao estudar obedece ao sequenciamento das lições .Nem sempre aprecia discussões em grupo e prefere manifestações por escrito. Como a escola é um ambiente onde perfis SJ prevalecem dentre os professores, a criança SJ tende a nela se sentir muito tranquila e estimulada a frequentá-la, ajustando-se bem à sala e às normas. Respeita e valoriza seu boletim.

A criança SP:

É muito ativa, gosta do debate, do sociodrama, da atmosfera onde haja muita música, cor e movimento. Não gosta de regras. Por vezes é chamada de hiperativa. Sente-se bem em ambientes que lhe deem liberdade e a estimulem à ação, e preferentemente que envolvam risco, competição e aventura. Na falta desses elementos, fazer as tarefas e frequentar as aulas tornam-se atividades desinteressantes para ela; costuma ser necessário lembrá-la para fazer as lições. Envolve-se em muitos projetos, mas conclui poucos. Tentar mudá-la é gerar mais desajuste. Os processos motivam-na mais do que a conquista dos objetivos finais. Constitui um grupo que equivale a 38% da sala de aula. Ao estudar não obedece ao sequenciamento das lições. Não dá valor ao boletim.

A criança NT:

É uma criança independente, e muitas vezes precoce (chega a aprender a ler antes de ir para a escola), com intensa curiosidade e fome de saber. Estuda muito e de modo geral vai bem na escola, mas precisa da ajuda de pais e professores para definir prioridades diante de tantos questionamentos que faz. Independente, aprofunda-se nas questões de seu interesse e pode chegar a negligenciar outras áreas de conhecimento, ou mesmo as tarefas para casa. Precisa muito ter sucesso e ver sua capacidade reconhecida. Dá muito valor para a dignidade e por isso é frequentemente considerada como sendo orgulhosa. Na sala de aula tende ao isolamento, comunicando-se na maior parte das vezes com o professor, pois tende a compartilhar suas ideias com pessoas que considera intelectualmente superiores. Precisa ter oportunidades de experimentação, e na falta delas apresenta comportamento perturbador e desobediente. Não gosta de repetições. Ao estudar não obedece ao sequenciamento das lições. Interessa-se por matemática e ciência. Quanto ao boletim, encara-o com curiosidade, mas valoriza seu próprio julgamento sobre desempenho. Não tolera punição física e reage fortemente a isso; até mesmo reprimendas sofridas sem lógica ou razão fazem com que ela responda exageradamente e perca o respeito pelos agentes. Evita conflitos, mas se deles participa, assume as consequências.

A criança NF:

Comunicativa, imaginativa (chega a se identificar com personagens de histórias ou e atribuir personalidade aos seus bonecos), criativa, carismática, empática, dramática, e extremamente sensível à rejeição e conflito. Hostilidade e conflitos podem levá-la a apresentar problemas físicos de saúde. Devido à sua forte sensibilidade, mesmo ganhando uma competição fica triste pelo perdedor, o que a torna mais cooperativa do que competitiva. Deseja firmar-se como pessoa e melhorar constantemente seus próprios padrões de desempenho. Prefere assuntos com foco em pessoas do que os mais abstratos. Na escola, quando em níveis abaixo do médio, sente-se diferente da maioria. Com relação aos seus professores, sente-se confortável com instruções individualizadas, mas vai do amor ao ódio, caso seja ridicularizada em algum momento. É importante que seus professores a conheçam pelo nome e reconheçam seu desempenho. Não gosta de discussões fora do conteúdo das lições e também não tolera promessas não cumpridas. Conforma-se à expectativa do adulto, desde que se sinta amada por ele. No processo de aprendizagem tende ao genérico em vez do detalhe. Encara o boletim como um julgamento pessoal emitido sobre ela pelo professor.

4 Relato de uma experiência

Atuando como voluntária de uma casa que abriga crianças com histórico de abandono familiar, pude colocar em prática orientações de Keirsey. Meu trabalho consiste em oferecer reforço escolar, principalmente na disciplina Matemática.

Conforme ensinado por Keirsey, não apliquei seu teste para identificação de temperamentos das crianças, tendo me baseando apenas na observação e diálogo com elas.

Um caso que me parece interessante relatar, refere-se a duas crianças com 9 e 10 anos, que aqui serão denominadas apenas por E. e B. Atendi conjuntamente essas duas crianças - porque estudavam na mesma escola e sala de aula - por um período de seis meses.

E. é um menino extremamente sério e dedicado às tarefas escolares, que busca executá-las com cuidado e prontidão. Concentra-se facilmente nos estudos e segue fielmente as orientações dadas pela professora. Diante dessas e outras características apresentadas, foi possível identificá-lo basicamente como SJ. A garota B., por seu turno, é uma garota sensível, irrequieta, muito falante, que cumpre suas tarefas, mas tem grande dificuldade de concentração nos estudos, embora fique atenta a tudo o que ocorre ao seu redor. Diante dessas e outras características apresentadas, foi possível identificá-la como SP.

De que forma fazer com que essas duas crianças com temperamentos tão diferentes aprendam Matemática? Vários pesquisadores na área da estratégia de ensino entendem que jogos são úteis para o aprendizado. Marques, Perin e Santos (2013), sintetizam esse pensamento:

> Os jogos matemáticos desenvolvem o raciocínio lógico das crianças e suas habilidades; levam-nas a conceberem a matemática como uma disciplina prazerosa e proporcionam a criação de vínculos positivos na relação professor-aluno e aluno-aluno. Com os jogos matemáticos, os alunos podem encontrar equilíbrio entre o real e o imaginário e ampliar seus conhecimentos e o raciocínio lógico-matemático.

Em função disso, optei pela apresentação de dois jogos, desenvolvidos por terceiros, do tipo Memória (composto por peças que traziam operações simples de

adição/subtração ou quantidades de pequenos círculos para contagem) e Dominó, em cujas peças havia multiplicações em nível de tabuada ou produtos. Esses jogos visavam prioritariamente à obtenção de prontidão nas operações de adição, subtração e multiplicação.

A quebra da rotina de aula e a possibilidade de manipular as peças, despertou em B. intensa alegria e interesse no estudo das operações citadas. Ela participou ativamente de todo o processo, concentrou-se em todas as rodadas e apresentou melhora em seus resultados. Quando solicitada sua opinião sobre a inclusão dos jogos nas aulas, B. respondeu: "é muito bom! Ficar só no lápis e papel cansa. É muito chato. Eu gostei bastante do movimento".

Quanto a E., ainda que os jogos não tenham contribuído para aumentar seu interesse no estudo, animaram-no por algumas rodadas.

Diante do exposto, é possível verificar que tanto para E. como para B., as orientações de Keirsey para o ensino-aprendizagem foram assertivas. Cabe notar, porém, que essa experiência tratou de uma quantidade de casos (dois alunos) que, evidentemente, tornam impeditiva a generalização de seus resultados.

Conclusões

Buscar conhecer o temperamento da criança, possibilita ao adulto cuidador aproximar-se dela e passar a entender melhor suas ações e reações, o que torna mais eficaz a comunicação entre eles e contribui para o desenvolvimento da criança. No ambiente escolar, esse conhecimento orienta a abordagem a ser adotada pelo professor em relação ao aluno, bem como as estratégias de ensino de que esse professor se utilizará para que os objetivos da relação ensino-aprendizagem sejam alcançados.

Referências

ALLPORT, G.W. (1966). **Personalidade: Padrões e desenvolvimento** (D.E. Leite, Trad.). São Paulo: Herder. (Original publicado em 1961)

CHILD DEVELOPMENT MIDIA. Disponível em: http://www.childdevelopmentmedia.com/, Acesso em 30 jan 2018.

GRACIOLI, S.M.A.; LINHARES, M.B.M. Temperamento e sua relação com problemas emocionais e de comportamento em pré-escolares. **Psicologia em Estudo.** vol. 19, nº. 1, jan-mar, 2014, p. 71-80. Disponível em: http://www.redalyc.org/pdf/2871/287132425009.pdf Acesso em: 07 fev 2018.

GUZZO, R.S.L. et al. Temperamento: onze anos de levantamento no Psychological Abstracts. **Revista Estudos de Psicologia**, PUC-Campinas, v. 21, n. 1, p. 25-32, janeiro/abril 2004, p.25-32. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Raquel_Guzzo/publication/262587285_Temperament_eleven_years_of_searching_in_Psychological_Abstracts/links/54ed03780cf27fbfd771eeb0/Temperament-eleven-years-of-searching-in-Psychological-Abstracts.pdf Acesso em: 05 jan 2018.

ITO, P.C.P.; GUZZO, R.S.L. Individual differences: temperament and personality; importance of the theory. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, vol.19, nº.1, Jan./Apr. 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2002000100008 Acesso em: 03 fev 2018.

KEIRSEY, D.; BATES, M. **Please understand me: character & temperament types.** California: Prometeus Nemesis Book, 1984.

MARQUES, M.C.P.; PERIN, C.L.; SANTOS, E. Contribuição dos jogos matemáticos na aprendizagem dos alunos da 2ª fase do 1º ciclo da escola estadual 19 de maio de Alta Floresta-MT. **REFAF – Revista Eletrônica da Faculdade de Alta Floresta**, v.2, n.1, 2013. Disponível em: http://faflor.com.br/revistas/refaf/index.php/refaf/article/view/92. Acesso em: 05 out 2016.

MONTE CASSIANO, R.G. Avaliação do temperamento em crianças: metodologia combinada de heterorrelato e observação do comportamento em situação de interação. **Dissertação de Mestrado em Psicologia. USP, Ribeirão Preto, 2013.** Disponível: http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-06052013-102556/pt-br.php Acesso em: 10 fev 2018.

SANTROCK, J.W. **Psicologia Educacional.** Porto Alegre: AMGH, 2009. Disponível: https://books.google.com.br/books?id=HlUr9laJsa8C&dq=temperamento+e+desempenho+escolar+de+crian%C3%A7as&hl=pt-BR&source=gbs_navlinks_s

THOMAS, A.; CHESS, S.; BIRCH, H.G. The origin of personality. **Scientific American**, 1970, p.102-109. Disponível em: http://www.acamedia.info/sciences/sciliterature/origin_of_personality.htm Acesso em: 20 jan 2018.